

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PEDRO JOSÉ DE FREITAS ZIROLDO

CORPO-RIO:
PEDAGOGIAS CÊNICAS
EM FLUXOS (ECO)DIALÓGICOS

CURITIBA

2025

PEDRO JOSÉ DE FREITAS ZIROLDO

CORPO-RIO:
PEDAGOGIAS CÊNICAS
EM FLUXOS (ECO)DIALÓGICOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Gonçalves

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Zirolto, Pedro José de Freitas.

Corpo-rio : pedagogias cênicas em fluxos (eco) dialógicos / Pedro José de Freitas Zirolto – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Gonçalves

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Educação pelo movimento. 3. Pedagogia (Teatro). I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **PEDRO JOSÉ DE FREITAS ZIROLDO**, intitulada: **Corpo-rio: Pedagogias cênicas em fluxos (eco)dialogicos**, sob orientação do Prof. Dr. JEAN CARLOS GONÇALVES, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Março de 2025.

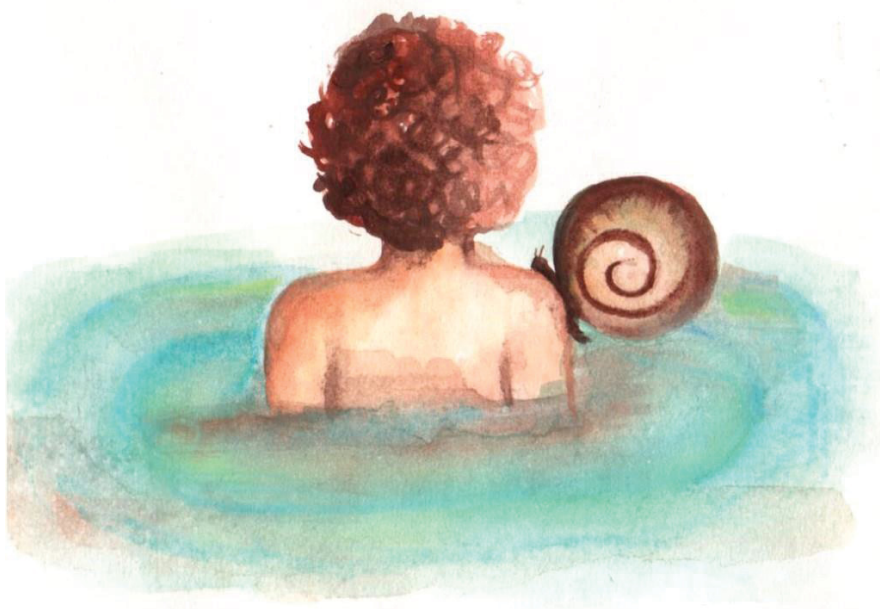
Assinatura Eletrônica
10/04/2025 19:53:37.0
JEAN CARLOS GONÇALVES
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
10/04/2025 18:15:10.0
ADRIANNE OGÊDA GUEDES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO)

Assinatura Eletrônica
26/05/2025 14:58:06.0
CARLA CARVALHO
Avaliador Externo (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE
BLUMENAU)

Assinatura Eletrônica
04/05/2025 11:13:03.0
ADRIANA TELES DE SOUZA
Avaliador Externo (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DO
PARANÁ)

corpo-rio



Pedagogias Cênicas em Fluxos (Eco)Dialógicos

pedro zirolde

Aos rios Itararé, Paranapanema e Ribeirão Claro.

Agradeço com poesia

À Deus, meu sopro de vida,

Aos meus pais, Osvaldo José Zirolto e Márcia de Freitas
Zirolto, meu porto seguro,

Aos meus irmãos, Osvaldo, Vanessa, Beatriz e Maurício,
meu jardim de girassóis,

Aos meus sobrinhos, Maria Clara, Arthur, Livia e Felipe,
meus peixinhos de águas doces,

Aos meus amigos, minha renda de afetos,

Ao Grupo Paiol, meu lar de memórias,

Ao meu amor Heriveuto de Souza, minha primavera,

Aos meus educandos e educadores, meus rios e mares,

Ao meu orientador Jean Carlos Gonçalves, semeador de
palavras e afetos,

Aos meus colegas do Grupo de Pesquisa
Labelit/UFPR/CNPQ, pescadores de autorias,

Às professoras, Adrianne Ogêda Guedes, Adriana Teles e
Carla Carvalho, minha banca de galhas azuis.

Ao meu rio, pedagogo das águas.

E à minha criança, menino corajoso e sensível.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.



Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

Guimarães Rosa

RESUMO

Cena aberta: um rio serpenteia pelo palco. No centro, um Menino dobra um pequeno barco de papel. Menino: Como começa um rio? Rio: Começa antes do começo. Nasce pequenino, num fio de água escondido, e logo se espalha, encontra outras águas, se faz caminho até, quem sabe, o (a)mar. Menino: E quando termina? Rio: Nunca. Só muda de nome. (O Menino sopra o barco e o coloca na água. Ele navega, devagar.) Esta pesquisa nasce assim, como um rio que desce a serra sem mapa certo, abrindo caminhos na terra, dobrando esquinas, tocando margens. Como um barco de papel lançado ao desconhecido, levado pelo sopro das perguntas. Aqui, proponho um encontro entre a cena e o fluxo das águas, entre o corpo e o rio. Atravesso a borda das pedagogias convencionais para investigar um outro jeito de aprender e ensinar: um jeito ribeiro, feito de movimento, de escuta, de improviso e de pertencimento. Corpo-rio não é uma só metáfora, mas um convite para pensar as pedagogias cênicas como correnteza – uma educação que acontece no entre, na beira, no deslizar do tempo e do espaço. Mas de onde nasce essa pergunta? Talvez, das margens onde me criei, onde as primeiras teatralidades foram gestadas entre brincadeiras de infância e as águas doces do meu ribeirão. Ou talvez, tenha brotado da necessidade de reencantar os processos de aprenderensinaraprender, de olhar para as pedagogias cênicas como rios vivos, que se moldam ao terreno, que não cabem em aquários nem em molduras rígidas. Esta tese é um mergulho em fluxos (eco)dialogicos. É escrita e encenação. É pesquisa e travessia. Aqui, entre a memória e a invenção, entre a experiência e a ficção, entre a arte e a vida, permito-me sular – porque aprender, como um rio, não segue só para o norte. E então, criança-leitora, quer navegar?

Palavras-chaves: Pedagogias cênicas; Relações (eco)dialogicas; Autoficção.

ABSTRACT

Open scene: A river meanders across the stage. At the center, a Boy folds a small paper boat. Boy: How does a river begin? River: It begins before the beginning. It is born tiny, in a hidden thread of water, and soon spreads, meets other waters, carves a path until, perhaps, it reaches the (sea). Boy: And when does it end? River: Never. It only changes its name. (The Boy blows on the boat and places it on the water. It sails, slowly.) This research begins like this, like a river flowing down the mountains without a fixed map, opening paths through the land, bending around corners, touching the shores. Like a paper boat launched into the unknown, carried by the breath of questions. Here, I propose an encounter between the scene and the flow of waters, between the body and the river. I cross the edge of conventional pedagogies to explore another way of learning and teaching: a riverine way, made of movement, listening, improvisation, and belonging. *Body-river* is not just a metaphor but an invitation to think of scenic pedagogies as a current—a form of education that happens in-between, at the edge, in the sliding of time and space. But where does this question arise from? Perhaps from the riverbanks where I was raised, where the first forms of theatricality were born in childhood play and the sweet waters of my brook. Or maybe it sprouted from the need to re-enchant the processes of learning-teaching-learning, to view scenic pedagogies as living rivers, shaped by the terrain, unable to fit within aquariums or rigid frames. This thesis is a dive into (eco)dialogical flows. It is writing and performance. It is research and journey. Here, between memory and invention, between experience and fiction, between art and life, I allow myself to *south*—because learning, like a river, does not flow only northward. So, child-reader, do you want to browse?

Keywords: Scenic pedagogies; (Eco)dialogical relations; Autofiction.

RESUMEN

Escena abierta: un río serpentea por el escenario. En el centro, un Niño dobla un pequeño barco de papel. Niño: ¿Cómo comienza un río? Río: Comienza antes del comienzo. Nace pequeñito, en un hilo de agua escondido, y pronto se extiende, encuentra otras aguas, se convierte en camino hasta que, quién sabe, llega al (a)mar. Niño: ¿Y cuándo termina? Río: Nunca. Solo cambia de nombre. (El Niño sopla el barco y lo coloca en el agua. Este navega, despacio). Esta investigación nace así, como un río que desciende la sierra sin un mapa definido, abriendo caminos en la tierra, doblando esquinas, tocando las orillas. Como un barco de papel lanzado a lo desconocido, llevado por el soplo de las preguntas. Aquí, propongo un encuentro entre la escena y el flujo de las aguas, entre el cuerpo y el río. Atravieso los límites de las pedagogías convencionales para investigar otra manera de aprender y enseñar: un modo ribereño, hecho de movimiento, de escucha, de improvisación y de pertenencia. Cuerpo-río no es solo una metáfora, sino una invitación a pensar las pedagogías escénicas como corrientes: una educación que ocurre en el entre en la orilla, en el deslizarse del tiempo y el espacio. ¿Pero de dónde nace esta pregunta? Quizás, de las orillas donde crecí, donde las primeras teatralidades fueron gestadas entre juegos de infancia y las aguas dulces de mi arroyo. A tal vez haya brotado de la necesidad de mirar las pedagogías escénicas como ríos vivos, que se moldean al terreno, que no caben en acuarios ni en marcos rígidos. Esta tesis es un buceo en flujos (eco)dialogicos. Es escritura y puesta en escena. Es investigación y travesía. Aquí, entre la memoria y la invención, entre la experiencia y la ficción, entre el arte y la vida, me permito sur-lear, porque aprender, como un río, no siempre sigue rumbo al norte. Y entonces, niño-lector, ¿quieres navegar?

Palabras clave: Pedagogías escénicas; Relaciones (eco)dialogicas; Autoficción.

Lista de Aquarelas

Aquarela 1: “[só]”	33
Aquarela 2: “O menino e o rio”	88
Aquarela 3: “Coração que anda por aí”	98
Aquarela 4: “Eita, menino!”	105
Aquarela 5: “Espirais feitas do tempo”	120
Aquarela 6: “Tudo é Natureza”	134
Aquarela 7: “Venham, ventam”	143
Aquarela 8: “Corpo-rio”	151
Aquarela 9: “O que dia que fui rio”	165
Aquarela 10: “Povoado”	181
Aquarela 11: “Ballet adágio”	194
Aquarela 12: “Palavras ao vento”	211
Aquarela 13: “Eu chovo, às vezes”	223
Aquarela 14: “Lenços e Lavadeiras”	237
Aquarela 15: “Bailes de memórias doces”	239
Aquarela 16: “Alteridade”	252
Aquarela 17: “Barriga com barriga”	261
Aquarela 18: “ <i>in humilis</i> ”	273
Aquarela 19: “Coisas de chão”	277
Aquarela 20: “Rastros”	288
Aquarela 21: “Minha criança”	292
Aquarela 22: “Te trago comigo”	295
Aquarela 23: “Coração nos pés”	304

sumáRIO

PRÓLOGO: dentre as ignorâncias, brota um rio 19

- pés, pedras e pedros ... 27
- vou na ribeira deste rio ... 40
- inventários de memórias ... 59
- sou água que corre entre pedras ... 80

ATO I: diÁRIO ribeirinho; rascunhos das águas 88

- coração que anda por aí ... 90
- sou o menino ... 106
- sou o rio ... 130
- me chamo ... 145
- o dia que fui rio ... 163
- eu amo essa sua história ... 167
- rio, descansei no seu remanso ... 183
- rio também dorme ... 188
- já que falou sobre nascenças ... 203
- descanse em seus sonhos ... 223
- também quero conhecer Adelvane ... 244
- Atchim! Até senti o cheiro ... 254
- vou na ribeira deste rio ... 263
- menino doce eu te quero tão bem ... 273
- meu rio também chora ... 294

CENA ÚNICA: *o menino e o rio* **307**

UMA CARTA ENCHENTE **313**

REFERÊNCIAS *e confluências* **315**

ECOS DE RIOS QUE CONFLUEM *ou cartas-pareceres* **325**



Sou aquele
que gastou a sua
história na beira de um
rio.

Manoel de Barros

dentre as ignoranças, brota um rio

Como escrever uma tese? Sei inventar cantigas e sou criativo em dar nomes aos pássaros e formigas. Transformo pedras em brincadeiras e moradias. Me chamam “pescador de palavras” por gostar de contá-las em suas grandezas. Consigo alvejar histórias esquecidas que, penduradas no varal são vistas por todo quintal. Sou sábio em ouvir os recados de um rio. Navego com tranquilidade nas correntezas de uma poesia (ar)riscada. Tenho destrezas em bailar as coreografias de colheita das jataís e as suas fazeduras de mel. Salto em boas alturas nos chãos lisos como as rãs. Escondo-me num instante como os jabutis. Cavo profundezas feito bagres. Alcanço algumas nuvens com meu pescoço es(garça)do. Minha pele me “cobra” à terra. Sigo em bando como os gansos. Declamo os amanheceres ao lado das maritacas. Vento minhas flores amarelas, enquanto enraízo minhas crenças de ipê. Sendo lambari, mergulho ágil nas superfícies, mas, sou isca fácil. Mino nascenças de esperanciosidades. Enterro e despeço frutas passadas em minhas morrências. Bisbilhoteiros são os meus olhos pretos no tronco da jabuticabeira. Crio e cio como uma cadela-caramelo prenhe. Enceno o tempo em suas sombras. Me correm sangues saruês, por isso me agarro em unhas pelos amores e aos seus pelos. Corujo horizontes nas minhas miragens. Benzo os ditos nas línguas

expostas. À noite vagalu-me. Bem-te-vi nas cirandas das tardes. Zunido poéticas de encontros. Penso enxames de romances. Rastelo escolas secas ao léu. Sertanejo-me nas estiagens inventivas. Escondo sortes como o João-de-Barro. Pasto contos em campinas estreitas. Me (con)cilio às matas ribeirinhas. Coleciono gravetos para jogar os instantes. Minhoco em caminhos ocultos e densos. Cacarejo estilos de me aparentar. Con(fio) nas teias nutridas de afeto. Trago desprezos e forças no meu relinchar. Me faço companhia nas fases duras de pupa. Sei pertencer aos buquês de diversas cores. Navego à deriva o meu barco batizado. Doo pencas de abraços para me ninar e mariscadas em baldes para me afastar. Mariposa-me sonhos em meu po(u)sar. Sou beira entre finitos povoados. Caramujo solos em novas estradas. Me ligam aos curiosos. Chuvisco ideias para adiar os curtos dias. Aprendi escre(vi)ver com o mo(vi)mento das águas e In(vento)-me nesses lampejos de memórias... E “em tudo eu ouço vozes e relações dialógicas entre elas” (Bakhtin, 2017, p. 78), contudo, como escrever uma tese?

Percorro itinerários entre lugares próximos às margens, hospedando-me em vilarejos e aldeias, nos quais, ao lado de pequenas paisagens povoadas, sou natureza e aprendo as sabedorias das coisas e das cenas miúdas, tornando-me assim, gentil aos movimentos sutis. Além disso, aspiro coisas demasiadamente

terrenas; investigo e me encanta o superficial das peles que acaricio; não me filio com devoção à nenhuma escola ou mundo por onde sou capaz de transitar (arte, educação e psicologia), pois, d(entre) eles habito(me) (n)a (ri)beira; sou leigo em apontar teorias, por ser artesão só me arrisco às artes da experiênciAção e aos entalhes deixados pelo tempo-espço (afiado formão); en[ce][si]no teatralidades (Gonçalves, 2014) minúsculas (Guedes, Ribeiro, 2019); escre(vi)vo palavras atrevidas, moles e molhadas, o bastante para não ocupar os parágrafos de um documento, honrosamente respeitado; minhas citações não são exclusivamente literatas-acadêmicas, costumo referenciar(me) os texto que enuncio(vivo), a partir de tudo o que vive(o): Voa, navega e caminha; não tive tempos dedicados à produção de quantificações, registros e burocracias, outrossim, quis dar sentido e ânimo(a) às coisas, aos outros, ao planeta: aos m(eus) atores, diretores, coreógrafos e dramaturgos que constroem(me) as minhas travessias, e com elas, transforma-(n)os todos em “matéria de poesia” (Barros, 2019): Dramaturgia; prefiro aquarelas ao invés da exatidão dos gráficos e metáforas no lugar de legendas; escre(vi)vo trabalhos encharcados em interlocução com outras possíveis personagens que (re)existem em suas (ri)beiras, de modo atencioso e preocupado, para que as minhas histórias-pesquisas caibam em suas mãos, olhos, ouvidos, narinas, bocas, peles: Nos seus corpos-int(rib)eiros. E nesse diálogo

desejo vestir-me das suas belas poesias cotidianas, também. Apesar de familiarizado à elas, não excluo as vozes e leituras dos doutores e mestres, que entre às suas *práxis* e narrativas maestrais, também navegam as sabedorias das suas infâncias e ribeirões, vividos (um dia ou/e no dia-a-dia) em seus quintais.

Assim sendo, inunda-me uma enxurrada de interrogações (talvez, sejam elas que me moveram até aqui-agora) e apresento(me), (n)uma delas:

- Como escrever *uma* tese, *aliás*, *essa* tese?

“Como?” Pergunta ainda criança de tão pequena e imatura, mas, inaugura em mim a atenção (consciência, caso preferiram) sobre o que sinto-experimento, aqui-agora. Atualiza-me e traz-me de volta para esse desafio(responsabilidade) que é textualizar-vivenciar uma tese, porém, agora com alguma impressão e/ou expressão em relação a pergunta:

- Sinto-*me* inseguro em escrever tamanha grandeza...

Repare que não disse ainda ser capaz de responder à pergunta ou organizar uma reflexão sobre ela, porquanto, (me) começam a gerar possíveis pré-sentimentos, pré-imagens e pré-

sentidos, que em alguma medida, aliás, qualidade (não creio que se possam quantificar), são como tentativas criativas de con-figurar alguma poética que expresse a minha posição frente ao tamanho acontecimento. Essas respostas não funcionam nos modelos causais de estímulo-resposta, não as interprete mal! Conquanto, se vinculam à experiência sensível e de criação: Já são enunciados, encontro e autoria.

Respiro e resolvo assumir as batidas do **meu** coração (taquicardia), as **minhas** pupilas dilatadas, as **minhas** mãos trêmulas, as **minhas** pernas sacudindo sobre a cadeira, as **minhas** e **outras** vozes que em coro anunciam(me):

- “[...] tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca” (Bakhtin, 2020, p.154)!

Ainda assim:

- Valendo-me de tantas “ignorâças” (Barros, 2016) **como** conseguirei notar (como numa partitura musical) tamanha e importante rel-a(u)toria?

Já teve a sorte de acompanhar um cortejo de teatro de rua?
Ou a um desfile de boas-vindas de um circo? Sons, cores,

movimentos, gestos, cenários, palavras, alegorias, pés na rua, olhos nas janelas, ventos nas bandeiras e flâmulas a(e)nunciando a chegada dos artistas que criarão os seus espetáculos e assinarão com eles os seus nomes em cada canto da cidade e na história dos moradores.

Após cada evento, se aconchegarão nas suas tendas, trailers, coxias e camarins e darão sentido a cada experiência de encontro vivida com os seus interlocutores/expectadores e os seus públicos farão o mesmo em suas casas. Respeitável público! É assim:

Na vida, depois de vermos a nós mesmo pelos olhos de outro, sempre regressamos a nós mesmos; e o acontecimento último, aquele que parece-nos resumir o todo, realiza-se sempre nas categorias de nossa própria vida. (Bakhtin, 2000, p.37)

Nesse diálogo com a pesquisa e com as vozes que a compõe, sou notado por outros ângulos e quem sabe através de outras personagens, antes estranhos a mim, e quando retorno para a minha coxia, antes de escrever ou entrar em cena novamente, dou sentido aos enunciados vividos nas minhas investigações.

Aqui, agora, meu corpo pergunta:

- *como?*

O questionamento me convida à chegada e a desfilar sobre

as páginas desse texto com as minhas canções, imagens, danças, cenas, histórias e memórias, possibilitando-me à escrita-cortejo de uma obra que se revela um pouco mais próxima da arte e da cotidianidade: Feita de corpo, memória e experimentação.

Escre(vi)ver a minha tese é um convite à participar com toda a minha vida dessa arena (ou rua) de espetáculos únicos e irrepetíveis, vividos-sentidos em cada palavra, frase, parágrafo, capítulo...

Portanto, aqui:

[...] o reconhecer-me insubstituível na minha participação, é o meu não-álibi em tal mundo. Esta participação assumida como minha inaugura um dever concreto: realizar a singularidade inteira com singularidade absolutamente não substituível do existir, em relação a cada momento deste existir. E isso significa que esta participação transforma cada manifestação minha – sentimentos, desejos, estados de ânimo, pensamentos – em um ato meu ativamente responsável. (Bakhtin, 2020, p.118)

Num ato enceno as *minúsculas* (Guedes e Ribeiro, 2019) ações dessa tentativa de resposta, diálogo: Um sentimento de espanto, seguido de hostilidade e desalento, todos eles misturados em um fundo de confiança e euforia. Meu coração aos poucos se acelera, e me faz respirar no mesmo ritmo. Sinto minha testa franzir, os dedos dos pés se cruzarem, tirando-os um pouco do chão. Contraio a articulação temporomandibular, por isso, cerro os dentes

no mesmo instante, em que elevo os ombros e contraio as musculaturas do pescoço, encurtando-o: Um perigo!? Talvez!? As escápulas sobem, giram-se os ombros em rotação interna, depois os braços, até as mãos se encontrarem entrelaçando os meus dedos até se enfiarem entre as pernas, como se quisessem algum esconderijo. Afundo o externo arredondando as vértebras torácicas e lombares, ao mesmo tempo, que básculo o quadril. Pareço procurar uma proteção para os meus órgãos que estão na porção anterior (frente) do meu abdômen e ninando-os posso conseguir dar-lhes alguma confiança: Há ameaça! Contudo, progressivamente, devolvo os meus pés ao chão, inspiro até sentir o ar me ocupando, acendo as funções de contato (audição, visão, olfato, tato e paladar), expiro folheando as páginas do meu diário (onde rascunhei boa parte desse trabalho). Então, nas folhas já rasuradas me imagino chegando nas margens do rio Itararé¹ até que:

- *“Afundo um pouco o rio com os meus sapatos. Desperto um som de raízes com isso. A altura do som é quase azul”* (Barros, 1991, p.21).

¹ Rio Itararé divide os estados de São Paulo e Paraná na altura das cidades paulistas de Bom Sucesso de Itararé, Itararé, Riversul, Itaporanga, Barão de Antonina, Fartura, Timburi e Chavantes com as cidades paranaenses de Sengés, São José da Boa Vista, Santana do Itararé, Salto do Itararé, Siqueira Campos, Carlópolis e **Ribeirão Claro**.

... pés, pedras e pedros...

Cheguei. Me deparo com um lugar: a Ciência (daquelas que são defendidas com o “c” maiúsculo). Ela ainda tende a desconsiderar a beleza do encontro, desvalorizar os saberes populares, ignorar as memórias, as linguagens, a arte do povo, a sensibilidade e supervalorizar os “avanços” do capitalismo e do cientificismo cartesiano, os quais incentivam a produção (massiva) de pesquisas que se mantenham neutras e objetivas na identificação de leis gerais que sirvam à previsão e ao controle.

Nesse mesmo sentido, “a visão de mundo naturalista, o pragmatismo, o utilitarismo e o positivismo criam uma seriedade monótona e cinzenta” (Bakhtin, 2017, p. 34) distanciando cada vez mais as investigações das experiências vividas, com isso, se nega e “não pode captar os detalhes, as pequenezas, sentir e se aventurar pelos caminhos, ainda que dê conta de ver e perceber, do alto, outras coisas” (Guedes e Ribeiro, 2019, p. 16).

Eu não costumo me enganar quanto aos meus sentidos e não posso negar o que acontece sobre e sob a minha pele quando me encontro, seja comigo mesmo, com o outro, ou ainda, quando sou encontrado. Ela discursa palavras-pele e quase posso ouvi-las, todavia, as sinto e sei que dialogam com a pele do planeta e com tudo o que nele vive.

Então, **como** escrever a **minha** tese, a partir de uma metodologia que conflua com o meu modo de criar, educar, pesquisar-viver? Como (re)inventar uma metodologia capaz de me fazer entrar no jogo dialógico com enunciados e espetáculos tão minúsculos?

Ainda não sei lhes dizer...

Talvez um mergulho possa me ajudar?! Por aqui é sempre assim, quando não sabemos como seguir, deixamos que as águas nos movam...

Desejo lavar as páginas à devir em banho de cachoeira, enquanto canto sobre as minhas pedras molhadas cortejos de despedida e chegada. Quero com isso, cascadear palavras correntes sobre as minhas experiências já gastas, quedar ou assentar algumas epistemologias e metodologias antigas, para então, abrir caminhos às novas que chegam: Experiências, palavras, epistemologias, metodologias, pedras e pedros.

Quando pus o primeiro pé nessa estrada-pesquisa (e não tenho clareza se foi o direito), “eu não sabia que as pedrinhas do rio que eu guardava no bolso fossem de posse das rãs” (Barros, 2013, p. 427) e são tantas delas em mim...

Estão nos bolsos da minha pele, músculos, ossos e sonhos. Memórias da criação! São como testemunhas que recolho dos encontros que vivo aqui e acolá, e decidem morar nas frestas do

meu corpo, e a partir de agora, quererão se criar nas suas também. Algumas preciosas, outras nem tanto, mas, todas polidas pela ação do tempo, capazes de contar, por meio das suas matérias, densidades, tamanhos, pesos, estruturas, erosões, cheiros e contornos: as histórias sobre os povoados, nos quais já conviveram e as paisagens que já compuseram.

Seus corpos e gestos, poetizam as suas poeiras-vividas. Agora, em meus bolsos, continuaremos nos lapidando, transformando os nossos corpos, gestos e histórias, mutuamente.

Sou também uma pedra desenhada nos diálogos com os tempos-espacos que vivi, rolei, afundei, atravanquei, saltei, naveguei...

Dizem que as pedras demoram centenas de anos para se formarem, por isso, tenho ainda mais curiosidade em compreender: Como formamos ou/e esculpimos nessa dialógica espiral, as novas pedrinhas que por aqui encontramos e elas a nós? De quais posses são as memórias-vivas que se encontram nos nossos corpos? Quais histórias, paisagens e povoados contam os nossos movimentos (co)criados pela ação do tempo-espaco? Quer dizer que uma pedrinha pode transformar o meu caminhar? E os caminhos? E o caminhante?

Fossem elas das rãs, das montanhas ou dos rios, bastam-me um tropicão para serem minhas e eu delas também, assim, me

ensinarão as teatralidades de ser pedra e eu as encenarei coreografias de ser pedro, para em festa estrearmos juntos os nossos novos espetáculos-vidas.

Será possível acontecer de um doutoramento ser um desses jeitos de formar, esculpir ou recolher pedras?

Ao decidir-me viver essa travessia, percebi muitas “pedrinhas no meu sapato”, aliás, em meu bolso-corpo. Dentre elas, algumas foram difíceis de aceitar, inclusive, há poucos dias que decidi-me pausar para vê-las. Não incomodavam nas minhas pegadas, mas, doíam as lembranças que elas me anunciavam.

Peço licença, por um instante ou por poucas páginas, para escrever algumas das minhas pedras doloridas, permitindo que elas se desprendam, se encaixem ou se dissolvam nessa nova caminhada encharcada:

- Ao me inscrever para a seleção do programa de pós-graduação da UFPR, o meu projeto de pesquisa já recebia o título de “Corpo-rio” e se tratava de uma simples metáfora (se é que é possível) que apareceu na conclusão da minha dissertação de Mestrado, para me referir aos trabalhos corporais baseados numa perspectiva fenomenológica-existencial nas artes da cena.

Nessa época, eu ainda residia em outro município, no qual fundei e coordenei uma Escola Municipal de Artes da Cena, por

mais de dez anos. Já tinham passado pelas nossas salas de aulas e ensaios, aproximadamente três mil novos amantes das cenas. Fomos felizes nesse período de ascensão cultural e artística. Os moradores da nossa cidade, reconheciam a importância da EMA (nessa cidade tudo tem nome de pássaros e aves, e nós éramos uma grande ave).

Parecia perfeito, pois, no doutoramento eu continuaria me aprofundando nos estudos que iniciei no mestrado: Investigar a pedagogia cênica da EMA – Escola Municipal de Artes da Cena.

I-m-p-r-e-v-i-s-i-b-i-l-i-d-a-d-e.

- No meio do caminho existiam duas pedras: Um (des)governo fascista nitidamente contra a cultura, a ciência e a educação; E uma pandemia. (Quem diria? Muitos a sentiram, previamente).

Em fevereiro de 2020, recebemos a notícia de que o espaço cultural, sede da EMA, se transformaria no Centro Municipal de Vigilância e Monitoramento. Por ordens administrativas, o espaço que, naquele momento acolhia exatos trezentos e cinquenta e sete estudantes-artistas seria ocupado por monitores de computadores e apenas um guarda municipal, com a função de vigiar as imagens capturadas pelas câmeras espalhadas na cidade.

Qual o interesse de um governo que troca uma Escola de Artes por um Centro de Vigilância?

Resisti e estava disposto a encontrar desvios para recomençar o trabalho, entretanto, poucas semanas depois da primeira notícia, as duas únicas servidoras públicas municipais com cargos específicos em artes cênicas foram “convidadas” a se retirarem da Escola, e prestarem serviços em duas outras secretarias: Secretaria Municipal de Assistência Social e Licitação.

[Só].



assim imaginava...

- *Num sábado qualquer, nos corredores de um supermercado, fui abordado por um jovem, que vestia uma camiseta verde e amarela, no peito a frase estampada “Brasil, ame-o ou deixe-o”, no rosto um riso sarcástico, na mão direita uma faca e nos lábios as palavras:*

- *“Some seu comunistinha de merda! Sua doutrinação acaba aqui!”.*

Silêncio.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declara a pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo corona vírus (Sars-Cov-2).

S-e-m a-r.

- *Nesse cenário fui sufocando e a luta se transformou em luto. No ano seguinte, no dia 01 de abril (e parecia mentira) de 2021, pedi exoneração do cargo.*

Faziam mais de dez anos que eu tinha deixado a minha cidade natal para pousar na cidade dos pássaros, contudo, decidi alçar voo e...

Voltar para o rio.

- No mesmo ano: Ingressei no doutorado em Educação e voltei para Ribeirão Claro/PR, onde nasci e me criei - município localizado no norte velho do Paraná, com aproximadamente doze mil habitantes.

Seu nome foi sugerido pelo pequeno rio de águas claras, que na companhia de outros dois fluentes, o Paranapanema e o Itararé, atravessam, delimitam e abastecem a cidade.

Sem escola, sem palcos, sem ar...

E agora? O que pesquisar-viver?

Naquele tempo do desprezo eu queria ser chão, isto ser: para que em mim as árvores crescessem. Para que sobre mim as conchas se formassem. Eu queria ser chão no tempo do Desprezo para que em mim os rios corressem. (Barros, 2018, p.41).

Um único convite:

- Ser com o rio, um corpo-rio.

Nos últimos parágrafos da minha dissertação de Mestrado, escrevi um conto, que agora, o identifico sendo o prenúncio deste trabalho aqui, que, logo ali, no meu “futuro ancestral” (Krenak, 2022), eu escre(vi)veria...

De volta, aqui e agora, de vista para o rio posso narrar o início (no tempo do rio todo dia é um recomeço) dessa minha embarcação (Zirolto, 2019, p. 248)?

- “Conheci uma região no sertão do Paraná, atravessada por um rio extenso e claro... Ninguém da vizinhança sabia dizer onde nasciam e desembocavam aquelas águas, mas, se nutriam e se refrescavam nas beiras de suas margens... Ouvia-se por ali ruídos sobre ser, expressamente proibida a entrada dos moradores no rio e a contemplação de suas imagens no espelho d’água, pois, se tratava de um rio sagrado e perigoso ao mesmo tempo... Tinham medo para onde ele era capaz de levar os ribeirinhos, e as suas imagens refletidas poderiam revelar segredos com os quais os nativos sentiam não serem capazes de conviver. Alertavam:

- É assim! Um perigo! Quem desobedece nunca mais aparece...

Diziam os mais antigos, que as crianças curiosas que se atreveram a entrar no rio nunca mais foram vistas nas redondezas do ribeirão claro...

Mas, nada disso amedrontava o menino que eu conheci naquele povoado... Ele sonhava em mergulhar nas águas proibidas para conhecer o outro lado do rio e descobrir os seus segredos mais profundos... Dizia ter vocação para peixe...

A verdade, é que o rio tinha nome para ele e os dois foram crescendo juntos... Só um medo: Ir para tão

longe, que a distância fosse maior do que o desejo de navegar, por isso dedicou-se na construção de um barco que lhe pudesse trazer de volta...

- *Sai de perto deste rio!* (Diziam os seus pais) *Quem nele entrou, nunca mais voltou...*

- *Mas foram para onde?* (Questionava o olhar curioso do menino).

Poucos conseguiam acalmar as lombrigas do pequeno... Um desejo: Ser rio... Ele parecia ter nascido para aquelas águas e não via sentido viver fora delas...

Ah, criança...

Um dia, recolheu tudo o que tinha: Juntou os sabores, texturas, sons, aromas, abraços, cores e amores...

Juntou também a poesia, as suas danças, os encantos, movimentos e inventos, o seu canto...

Não deixou para trás as imagens, palavras, dores, solidão, risos, rezas, abrigo... Com isso tudo construiu o seu barco. Para o remo usou a teimosia e para pescar a bisbilhotice...

E como era de se imaginar...

O Menino pôs o seu barco no cais e de lá partiu, rio."

Não sinto ser o mesmo menino, o mesmo barco, o mesmo pescador, o mesmo peixe e a mesma pescaria, e o ribeirão claro também não é o mesmo. Então seria voltar ou seguir?

Navegar.

Meu primeiro teatro foi o ribeirão que fica perto de casa. Mergulhado nele ou na beira de suas margens, eu criava as minhas primeiras coreografias e inventava os meus personagens.

Eu queria mesmo ser “o próprio” rio (Barros, 2013, p. 432)
...

Sempre que voltava para casa trazia um cadinho de água doce encharcando a minha carne. Tinha desejo de ser como ele, livre. Portanto:

- Ser com o rio, ser rio, viver a poesia do rio, dançar os seus movimentos e encenar as suas teatralidades são as minhas novas embarcações.

Não é sobre o corpo e o rio que se trata essa pesquisa, outrossim, é sobre o entre, a beira e o encontro entre nós que inventamos um corpo-rio e com ele, todas as (des)educações e criações possíveis. Agora respondo:

*- Uma pesquisa? **Corpo-rio.***

*- Uma pergunta? **É possível acontecerem pedagogias cênicas em fluxos (eco)dialogicos, inspiradas na relação corpo-rio?***

*- Uma tentativa? **Pertencimento.***

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem –, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que eu consigo pensar é natureza. (Krenak, 2019, p. 16-17).

Na contramão do pensamento dito “civilizatório”, confirmado pelas premissas cartesianas e a serviço da evolução científica, que afirma, além da dicotomia corpo e mente, a divisão natureza-humanidade existe a chance de renovar os sentidos das nossas epistemologias e *práxis* para nos permitir ser rio ou mar.

(A)mar.

... vou na ribeira deste rio

Talvez, eu esteja comprometido com uma pesquisa e com as pedagogias cênicas que recuperem essa aliança e esse sentimento de estar em casa.

Aliás, ecoa em nós o mesmo som do universo, somos natureza. Além da projeção da voz (nas cênicas sabemos bem como é), o prefixo eco se origina do grego, *oikos*, que quer dizer *casa*. Estudar a casa, a morada, o lar, o sentir-se pertencente a algum lugar é a missão da tão falada “Ecologia”.

Mas, será que temos vivido e nos sentindo em casa, ou, só utilizamos das *ecos* como mais um campo de estudo e pesquisa, com a finalidade de sucatear tudo a nossa volta? A quem servimos?

Ecologia e desenvolvimento sustentável virou doce nas palavras e escritos de muitos doutores, que reféns ou cúmplices do famigerado capitalismo, reforçam a ideia abstrata, de que a humanidade (no caso, o homem branco) está no comando, no poder, no centro, ditando o des-envolvimento, e realmente estamos nos des-envolvendo... cada vez mais d i s t a n t e s, c/i/n/d/i/d/o/s, doentes.

Há uma ideia, a do Antropoceno, e essa “ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda” (Krenak, 2020, p.22). Não podemos continuar remando em nossos processos educativos, sejam eles na

escola, no palco, na praça ou na vida, sem antes acolhermos os saberes que ecoam deste lugar onde habitamos, e do qual fazemos parte, e do qual somos feitos.

Chegamos num momento da história do nosso planeta (logo, da nossa história), em que, ou todos paramos e recomeçamos (juntos), ou testemunharemos o nosso fim... Motivo: Não cuidamos do nosso *oikos*, da nossa casa.

Se quisermos “adiar o fim do mundo” (Krenak, 2020), precisaremos reavaliar os nossos currículos, planos de aulas, apostilas, materiais didáticos, epistemologias e a nossa cosmovisão sobre os processos educativos, e, portanto, sobre a vida.

Nada me parece ser mais urgente e importante, neste momento, do que a nossa relação com essa casa, que escolhemos chamar de Planeta.

Não foi simbólico, somente, eu ter voltado e me deparado com a seguinte realidade: Agora só tenho o rio. Outrossim, foi material, concreto, carne, ossos e pele. Sim! Originalmente, só temos o rio, e como estamos acolhendo e valorizando as suas sabedorias? Temos o escutado com seriedade? Temos cuidado desta pessoa não-humana? Como temos convivido com ela? O que posso aprender com essa relação?

Esta pesquisa brota deste encontro poético e belo, e por isso, também afiado, transgressor, capaz de ferir o meu reinado, e me

fazer enterrar, de uma vez por todas, o meu umbigo, aqui, na terra, na Terra, em casa.

Como voltar às minhas aulas de teatro, dança, performance, práticas somáticas, sem antes me dar conta, de que sou de um lugar e ele me compõe? E mesmo que fossem elas de português, matemática, física, e/ou qualquer outra disciplina... como ministrá-las sem antes me sentir pertencente? E ter convicção, de que “sem a terra, a água, o ar, o fogo não haverá condições sequer para pensarmos em outros meios” (Santos, 2019, p.48).

No final das contas, o prefixo “eco” sempre esteve aí, deveria estar ou nunca ter saído de nós, da educação, das artes, da ciência. Esta separação nunca existiu e foi inventada em nome do progresso econômico e da expansão das fronteiras de consumo: Fragmentando o humano e a natureza temos uma justificava para extrair, dominar, explorar e mercantilizar o que “não faz parte de nós”.

Estamos acostumados a essa ideia, aprendemos desse jeito, “porque nós fomos convocados a imaginar uma experiência de vida separada dos outros corpos não humanos. Tudo o que não é humano, a gente chama de natureza” (Krenak, 2023, p. 68).

Ainda existem muitas correntes que discursam sobre a educação ambiental, a partir de uma ecologia fragmentada, burocrática, alienante, racionalista e tecnicista. Não é este eco que

desejo reverberar nas pedagogias que acolhem a cena como um processo de construção de saberes, pois, a “ecologia dos saberes deveria integrar nossa experiência cotidiana, inspirar nossas escolhas sobre o lugar em que queremos viver, nossa experiência como comunidade” (Krenak, 2020, p.24).

Sim! É preciso preservar os rios, as matas, a fauna e a flora, mas, não devemos nos esconder atrás das engenharias e cálculos sobre os impactos ambientais, é preciso nos “envolver” (Krenak, 2020, p.24), é preciso “conjuguar o nós: nós-rio, nós-montanhas, nós-terra” (Krenak 2022, p.14).

Portanto, aqui, a ecologia não se trata de técnica ou método de conscientização sobre o meio ambiente, muito menos sobre ambientalismo e/ou desenvolvimento sustentável (uma armadilha, por sinal!), outrossim, é o nosso desejo: escrever-viver sobre a relação, o envolvimento, o encontro, o pertencimento...

Sobre a vida.

E “onde há vida, seja humana ou mais que humana, existe educação se trançando nas mais diferentes formas de interação” (Rufino, 2023, p. 32).

Então, quem precisa ser salvo? O planeta? O que chamamos de natureza? Ou nós? Ou a nossa relação com este lugar?

Redescobrir o lar.

Isso exige de nós, de mim, um outro tipo de presença. O rio deixa de ser uma fonte de consumo e ganha o lugar de pessoa, família, pedagogo, amigo, o meu melhor amigo. Como para os Krenak, povo indígena brasileiro, que nos ensina:

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico. (Krenak. 2019, p.21)

Nesses dias, enquanto viajava para Curitiba, onde realizo o meu doutoramento, sentei-me na beira de um córrego, senti saudade do meu amigo rio e me imaginei criança curiosa, para perguntar:

— *Rio, parece que você está doente.*

O rio suspirou em pequenas ondas.

— *Sim! Estou doente, menino. Doente pelo esquecimento. Deixaram de me ver como um irmão e passaram a me tratar como*

uma coisa, aqui, como um caminho de transportar restos, isso que vocês chamam de lixo.

Olhei para a margem. Havia garrafas, sacolas, restos de coisas que pareciam não pertencer ali.

— *Você quer que eu limpe isso?* – Perguntei solícito.

O rio sorriu com seu som de correnteza.

— *Quero que limpem os olhos. Quero que me vejam. Quero que voltem a me chamar pelo nome.*

Há relação! E são múltiplas as cenas que vivemos com os seres não humanos e mais que humanos. Preciso e quero me envolver, para aprender outros modos de ser pedagogo da cena, de ser um corpo-rio, pois, o “aprenderensinaraprender tramado entre arte e conhecimento, não é exclusividade do humano, mas uma experiência das relações entre o é vivo” (Rufino, 2023, p. 26).

Veja: ao compreender as teatralidades que encenam a minha relação com o rio e dos outros ribeirinhos com ele, posso (também) reencontrar a minha criança e com ela: a sensibilidade, o

encantamento e os sonhos, para então continuar nos mergulhos da arte e da educação...

Sei que me proponho a investigar e criar, a partir do imprevisto, da impermanência, do fluxo livre, das “coisas sem importância” (Barros, 2015, p. 47), de um tempo e espaço diferentes dos quais estava habituado. Na beira do rio, aqui, os materiais de pesquisa não podem ser controlados ou conduzidos por mim, apenas, pois, não se apressa um rio.

Nesta história, quem será o protagonista? O corpo ou o rio?

O encontro: A ribeira.

Existir é contato (em fluxo temporal), dado na experiência, que acontece no planeta, na relação com o outro, e que, tende a geração espontânea de movimentos... Ventos e Inventos.

Restava-me acreditar que pesquisar é encontrar e ser encontrado, também. Foi assim, disponível para o diálogo, que assisti e encenei novas poesias vividas num novo corpo (eu), e nesse novo lugar (o rio).

O palco.

Chamamos de palco, o lugar onde se encenam as obras das artes cênicas, o consideraremos aqui, como sendo uma arena de vozes múltiplas, o qual só é possível pelas relações que a povoam, pelo debate e diversidade de histórias que nela transbordam, a partir dos e nos encontros que nela são vividas.

Sendo assim, onde cabem essas cenas que estamos discutindo? Onde atuamos os nossos movimentos-enunciados? Onde acontece o ato? Quais são os nossos palcos?

Não estou me referindo a uma arquitetura específica, como um anfiteatro ou auditório, por exemplo. O palco, aqui, é a vida. E as encenações acontecem a todo tempo, sempre que encontramos um outro diferente de nós (seja humano ou não).

É neste exato momento, no encontro, em que estreamos as nossas cenas, compostas por elementos estéticos, tais como: ritmo, fluência, intensidade, repertório gestual, entonação, entre outros preciosos movimentos criativos que se cruzam aos movimentos de quem conosco dialoga.

Há poesia na cotidianidade, e é no dia-a-dia que inventamos as nossas dramaturgias e teatralidades e somos reinventados por elas.

Neste sentido, a cena se alastra como sementes ao vento, atravessa o corpo, se inscreve na pele, nos gestos, nos olhares, na imaginação, inclusive. É possível notar as partituras e dramaturgias

inscritas nos desenhos dos vales e montanhas, nos voos das maritacas, nas nuvens carregadas de chuva, no cardume dos peixes, no gesto do pescador, no encontro do sapo com a pedra, em nós, inclusive: na forma como caminhamos na rua, no silêncio entre dois humanos, ou entre um humano e a lua cheia, no franzir da testa diante de uma tela de computador ao digitar uma tese, nas escolhas das palavras e na leitura das mesmas.

Vivemos constantemente num jogo de cena, incluindo as presenças e as ausências, os encontros e os desencontros, nos papéis a serem assumidos ou não. Por esses motivos, defendo as pedagogias cênicas que não limitam ao ensino da arte teatral, apenas, já que elas podem se alargar e se envolverem de modo expandido às tessituras das relações humanas e não humanas. Como um jeito de compreender e viver o mundo através das cenas, por exemplo.

Portanto, a cena não precisa começar no palco ou na escola, necessariamente, já que, a testemunhamos na escuta e na resposta ao outro, e no encontro, o tempo todo.

Eu, as lavadeiras, os pescadores, os meninos e meninas com os seus barcos de papel, corpos que dançam cruzando a cidade rasgando o chão como um rio aprendemos que as nossas teatralidades na relação com as águas visíveis e invisíveis são oportunidades de compreender a vida em seu ato, “[...] ou seja, nas

maneiras que o ser humano inventou para reproduzir e definir suas relações com o mundo” (Brait, 2017, p. 20), do mesmo modo, as nossas personagens cotidianas, as que atuamos, se comprometem com a criação e a recriação da vida, reinventando e renovando os sentidos no diálogo com os outros-novos sentidos, aqui e agora.

As pedagogias cênicas podem nos ajudar a olhar, para o que fica escondido: nas camadas marginalizadas, nas entrelinhas, nas dramaturgias minúsculas das relações humanas, “dessa maneira, ela acontece também em diferentes experimentações, interações e diálogos para além do humano” (Rufino, 2023, p. 23).

Além disso, ela sempre será um convite ao corpo, uma vez que “a educação é um radical da vida e é via corpo que ela se faz” (Rufino, 2023, p.18).

Acredito que até aqui já tenhamos entendido que o conhecimento não se acumula num lugar chamado mente, ou num depósito localizado na cabeça, não é mesmo?

Então, “se nada escapa a educação [*cênica*], se ela acontece dentro e fora dos espaços escolares [*palco*], é no corpo que ela baixa para se performar como ato” (Rufino, 2023, p.15, grifo nosso).

Talvez, as pedagogias cênicas sejam como um chamado à sensibilidade, à renovação dos sentidos, à recriação de novos

conhecimentos, a partir do encontro, do pertencimento, vividos pelo e no corpo.

RenovAção.

Água mole(nova) em pedra dura(antiga)...

Lavei as minhas pedras e reencontrei o m(eu) corpo-rio (sempre em movimento, na direção do encontro).

Na relação com o meu (novo) povoado e as minhas (novas) paisagens, me aproximei dos nossos enunciados diários e deixei que eles me contassem sobre como ser um pesquisador-ribeiro:

- Há de viver os encontros e desencontros que se derramam, contem, lacrimejam, engolem, navegam, soluçam, cambaleam, voltam ao cais, fixam, rezam, cavam, batem as roupas contra a pedra, estendem peças velhas novas e novas velhas no varal para continuar sentindo a dança dos lençóis ao vento.

Agora, cauteloso, posso começar a responder, que:

- Essa pesquisa em fluxos dê conta, inicialmente, em se(me) apresentar, através de uma escrita (auto)ficcional: Dissolvida em inúmeros contos sobre um conhecido, mas, imprevisível corpo-rio,

ou; Revelada nos segredos (co)vividos entre uma criança e um rio, testemunhados e inventados num ensopado diáRio.

Bem, assumidas tamanhas desimportâncias, arrisco-me, então, de mãos dadas às suas, a girar essa desconhecida ciranda, que me atrevo a batizar de conto-tese ou/e diário-tese: DiáRio de uma escrita de si, dos encontros, dos trânsitos, do cotidiano, da memória e por isso do seu tempo-espço vividos. Do corpo. DiáRio como diálogo, assim como a vida:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo *o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos*. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (Bakhtin, 2003, p. 348, grifo nosso).

E quem participará inteiro e com toda a vida desse texto-diário que escrevo-vivo agora? Quem são (os presentes) e quem serão meus interlocutores nessa escrita, aparentemente, tão solitária? Estive pensando com quem dialoguei e quem irei alcançar com as minhas palavras-carne e sobre isso não tenho controle, é claro, mas, desejo que sejam muitos dos que passaram pelo meu caminho, como os meus alunos, os educadores, o meu grupo de

teatro, os nossos espectadores, as crianças ribeirinhas, as lavadeiras, os pescadores, os bichos, as árvores, os meus pais...

Quero ler para o meu rio.

Este diário em fluxo tem a intenção de enunciar e atuar sobre o que nós, educadores e artistas das margens vivemos na relação com os nossos pequenos e valiosos rios, sejam eles crianças, jovens, adultos ou de águas doces, através das nossas **teatralidades**, dos nossos **espetáculos** minúsculos. Aqui:

O Espetáculo perde seu lugar de ator principal, dando lugar a outras discursividades, ou seja, assumindo, também, aquelas situações nas quais o espetáculo não seja o fim concretizado de um processo. Isso significa que o próprio processo (aulas, treinamentos, ensaios, diários de anotações, protocolos) contém textualidades merecedoras de análise [...] (Gonçalves, 2014, p. 272)

Também, diferentes modos de pensar as artes da cena são encontrados na contemporaneidade e a diversidade dos processos de criação e de formação adotados por companhias, grupos, escolas, mestres populares e pesquisadores dessa área contribuem para os múltiplos estudos sobre as teatralidades (dentro e fora do palco). Dentre eles, a tensão entre o real e o ficcional parece, adjetivar as artes do corpo, atualmente. Cada vez mais, os

componentes autobiográficos são assumidos como estratégia, sejam eles na cena, nos processos de criação da obra e até mesmo como metodologia na formação dos artistas.

Igualmente, as pesquisas em educação e arte, vem se aproximando dos estudos da teatralidade e da escrita de si, como propostas teórico-metodológicas, com a finalidade de discutir e apresentar os seus objetos de investigação, tais como verificamos nas pesquisas do Laboratório de Estudos em Educação, Linguagem e Teatralidades (Labelit/UFPR/CNPq) e da Diálogos: Rede Internacional de Pesquisa², dos quais, me integro, como estudante de doutorado e bolsista da Capes, a partir desta minha pesquisa intitulada: “Corpo-Rio: Pedagogias cênicas em fluxos (eco)dialógicos”.

Neste sentido, no trânsito dialógico entre arte e vida (Bakhtin, 2003), teatralidade (Gonçalves, 2014), autoficção (Noronha, 2014), escrevo-vivo este conto-tese ou/e diário/tese, como proposta de pesquisa em Educação pela via da poética e do discurso teatral³ (Gonçalves, 2022), que se dá pelas escolhas de

² Laboratório de estudos em educação, linguagem e teatralidades (Labelit/UFPR/CNPq) e Diálogos: Rede Internacional de Pesquisa, ações colaborativas que envolvem pesquisadores de diferentes instituições do Brasil, China, Índia, Equador, Colômbia e Portugal.

³ A quem pretende se aprofundar neste tema, sugiro o artigo “Discurso teatral, corpo e educação estética: um passeio de bike autoficcionalado” (Gonçalves, 2022).

uma escrita autoficcional e pela presença de um corpo-memória vivido por mim: Pesquisador-artista-educador-personagem.

Ainda sobre o discurso teatral, nos aponta:

Por este viés de enfrentamento teórico-metodológico do que pode se constituir, hoje, enquanto discurso teatral, é possível aferir que não é só o espetáculo, então, que o contém. Esse discurso pode se fazer presente em diferentes esferas que se relacionam com a criação cênica ou não, consideradas, aí, tanto a análise de espetáculos quanto a reflexão sobre fragmentos de vida real – *sendo que o que menos importa, nesse processo, é a diferenciação entre ficção e realidade*. (Gonçalves, 2022, p. 601-602, grifo nosso.)

“Corpo-rio”, traz para a discussão as minhas experiências vividas durante o próprio processo de pesquisa-escrita e, que podem configurar possíveis pedagogias cênicas em perspectivas (eco)dialogicas.

A finalidade deste texto não é transcrever relatos, de outro modo, criarei, entre os cruzamentos de vozes que povoam o acontecimento aqui “co-vivido”, uma nova realidade (baseada nas utopias e distopias recentes e atuais), pois, o real, só pode ser acessado pelo caminho da ficção, aqui, autoficção.

Nenhuma memória é completa ou fiável. As lembranças são histórias que contamos a nós mesmos, nas quais se misturam, sabemos bem disso hoje, falsas lembranças, lembranças encobridoras, lembranças truncadas ou remanejadas segundo as

necessidades da causa. Toda a autobiografia, qualquer que seja a sua ‘sinceridade’, seu desejo de ‘veracidade’, comporta sua parte de ficção. A retrospectiva tem lá seus engodos. (Dobrovsky, 2014, p. 121-122)

Em meu pequeno diário rascunho memórias, gero presentes e sonho futuros, todavia, nele:

Não se pode mudar o aspecto efetivamente material do passado, no entanto, o aspecto de sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado, porquanto é inacabável e não coincide consigo mesmo (ou é livre). (Bakhtin, 2017, p.60)

Posso seguir (me) reinventando ares e esperando novos palcos, escolas, dramaturgias, histórias, espetáculos, cotidianos...

Arte e Vida.

Apesar de serem realidades distintas, se entrecruzam em danças possíveis e criam novos passos entre si e para si, pois:

Partindo da premissa de que a personagem é um habitante da realidade ficcional, de que a matéria de que é feita e o espaço que habita são diferentes da matéria e do espaço dos seres humanos, mas reconhecendo também que essas duas realidades mantêm um íntimo relacionamento, [...] (Brait, 2017, p. 20)

São afetadas, mutuamente, enquanto se realizam, ou seja, no/o ato da criação cria-se: o autor e a obra.

Com efeito, convidarei para a escritura desse “conto-diário” (e também desse pesquisador-educador-artista) três personagens, portanto, teremos um texto rabiscado à três mãos (a minha, da criança e do rio) que transformarão em possíveis obras estéticas e atos éticos: As vivências, lembranças, discussões, emoções, manifestos, denúncias, epistemologias, métodos e projeções escritas-vividas por um pesquisador-educador-artista.

Essa forma de escrita está intimamente ligada ao cotidiano, como uma tentativa de dar sentido às experiências, pensamentos, sensações, imagens, devaneios, pedidos e desabafos de algum momento presente. Apesar, das características adjetivarem sua forma subjetiva e íntima, o texto “diário” não perde em nenhum momento, sua relação com o tempo, o espaço e o outro, uma vez que, “os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra” (Bakhtin/Volóchinov, 2014, p. 34).

Quanto ao conteúdo, depende de sua função: todos os aspectos da atividade humana podem dar margem a manter um diário. [...] O diário é, em primeiro lugar, uma lista de dias, uma espécie de trilho que permite discorrer sobre o tempo. Mas ele também foi capaz de se transformar em outra coisa (Lejeune, 2014, p. 301-302).

Esse trilha de vestígios sobre os acontecimentos, não tem pretensão de pontuar, classificar ou findar possíveis discussões. Está, ao contrário, comprometido com o inacabamento, próprio da experiência do aqui-agora e da alteridade, disposto à transformação em cada nova palavra, parágrafo, página, dia, encontro.

Como na relação efêmera entre o artista e os seus processos de criação. Como uma obra estética?

Ao lidar com o transitório, o olhar tem de se adaptar às formas provisórias, aos enfrentamentos de erros, as correções e aos ajustes. De uma maneira bem geral, poderia se dizer que o movimento criativo é a convivência de mundos possíveis. O artista vai levantando hipóteses e testando-as permanentemente. Como consequência, há, em muitos momentos, diferentes possibilidades de obra habitando o mesmo teto. Convive-se com possíveis obras: criações em permanente processo. (Salles, 2011, p. 34).

Escrevo no presente, mas enquanto diarista, sei que lanço um rastro de memórias para o futuro (Lejeune, 2014):

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Mesmo os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se). (Bakhtin, 2017, p. 79)

“O diário será ao mesmo tempo arquivo e ação, ‘disco rígido’ e memória viva” (Lejeune, 2014, p. 302). Talvez, abrir o diário seja como revelar segredos e confissões ocultos, mas aqui, também é um abrir-se à renovação, à invenção de si.

... inventários de memórias

Esta é uma tese autoficcional (e quantas coisas cabem nesse espaço?!)

Quero ler uma carta para você, posso? Quem a escreve são duas personagens, que criei (e me criaram) para narrar o percurso desta tese a você, e que daqui um cadinho de páginas você as conhecerá. Ela foi escrita em outro momento da pesquisa, bem mais adiante, confesso, mas decidi pousá-la bem aqui, como uma folha que se desprende de um galho, exatamente no momento em que estamos passando por baixo de uma árvore, um ipê amarelo, talvez, e ela interrompe o nosso fluxo temporal, e é importante que seja assim, a leitura da carta e a folha do ipê.

Vou ler para nós, está bem?

Olá, tripulante (Saiba que você também usará remos, velas e âncoras), sou o menino das ribeiras,

Escrevo esta carta-mapa com o desejo de (des)informar sobre o “como” percorrermos os caminhos daqui do cais até o (a)mar (será que chegaremos lá?). Veja bem! (Des)Aprendi sobre as passagens e trânsitos nas e das águas... Não basta um simples *tibum* e dar boas braçadas ou remadas para se chegar onde queremos (ou para onde o vento quer). Para que tudo aconteça, e aqui, desde este mapa, passando pela navegação, pausas e ancoragens, tudo é assumido como acontecimento, precisaremos

nos orientar, usar as rosas dos ventos, com as suas direções e perfumes (não abriremos mão deles), tudo isso para nortear a nossa embarcação, quero dizer, *sulear*⁴ a nossa viagem, aliás, podemos prosear um cadinho sobre os cardeais (sempre imagino homens brancos de túnicas e chapéus esquisitos vermelhos quando uso essa palavra, e me incomodo, acho estranho eles serem como os pontos de referência de uma bússola, não é mesmo?)? Vamos lá...

Para *sulear*, é preciso pensar com as costas, escrever com os estalos dos dedos dos pés e entender com o desvio do olhar pela janela da sala na tentativa de capturar o voo de um pássaro, como faço agora enquanto busco uma explicação para o que inventei, ou melhor, ventarolou por aqui e pesquei para a nossa conversa.

Eu nasci perto do rio. Desde pequeno aprendi a escutar o que ele diz (e ele continua me alfabetizando). O rio ensina um monte de coisas, mas não é como na escola, onde a gente aprende sentado, escrevendo e lendo palavras difíceis. O rio ensina de outro jeito. Ensina pelo som da água batendo nas pedras, pelo cheiro da terra molhada, pelo frio na barriga quando a correnteza puxa.

Um dia, me disseram que, para pesquisar, eu tinha que olhar sempre para o Norte. Que precisava seguir um caminho reto, igual

⁴ Menção à obra “América invertida”, do artista uruguaio Joaquín Torres García (1878 - 1949), 1943 (Museu Juan Manuel Blanes, Montevideu).

para todo mundo. Mas, eu estranhei. Porque o rio nunca segue reto. Ele faz curvas, se espalha quando quer, some por baixo da terra e depois volta, voa pelas nuvens e pinga nos olhos das pessoas como chuva. Ele suleia.

Então será que pesquisar também pode ser assim? Em vez de procurar respostas só com os olhos e os livros, eu posso sentir as perguntas? Posso deixar que o vento me conte segredos, que as histórias dos mais velhos me guiem, que meu corpo me mostre o que a consciência não abarca?

Certo dia o rio me encontrou e curioso que sou, perguntei, jogando uma pedrinha na água.

— *Para onde você vai?*

O rio respondeu com um redemoinho, depois continuou seu curso.

— *Eu não sigo um único caminho — disse o rio. — Às vezes, eu desvio, outras vezes sou desviado. Mas nunca paro.*

— *Mas não tem um caminho certo? Os mais velhos dizem que todo mundo tem que seguir um caminho que tenha começo e fim...*

O rio gargalhou, formando pequenas ondas.

— *E quem disse que o fim é mais importante que o caminho? Eu sou feito dos desvios que criei. A educação e a pesquisa também podem ser assim, menino. Você pode seguir um mapa pronto ou pode escavar o seu próprio leito.*

Olhei para o reflexo da água e sorri.

Tem um monte de coisa importante que o rio me ensinou, uma delas é que ele erra o caminho. Às vezes, tenta seguir por um lado e encontra um tronco caído. Outras vezes, quer se espalhar, mas o chão é seco demais e ele precisa voltar. O rio não tem medo de errar, porque errar também faz parte de achar o rumo, ser o rumo.

Eu acho que pesquisar pode ser assim também. Um jeito de encontrar não só o que já está escrito, mas também o que mora na pele, na memória, no coração da gente. Um jeito de se perder e de se achar de novo.

Se todo mundo pesquisa seguindo o Norte, eu prefiro sular. Porque foi o rio que me ensinou e parece ter **corpo-razão** no que diz-flui.

Tá vendo, que não basta um *tibum* (ou só basta isso!)?

É preciso sentir o rio, ser o rio, para então, ser(a)mar.

Veja bem: Se as estradas, ferrovias e ruas precisam de leis de trânsito, nas águas não poderia ser diferente. Para que as embarcações naveguem de modo seguro, é preciso de leis, regras e mapas que auxiliem na condução dos barcos (desde os de papel, como o meu, até os grandes navios de mercadorias).

Há condutas e não abro mão de segui-las. Mesmo sendo tão pequeno, acho importante não sair do cais sem meu código de trânsito e meu velho mapa (que ainda estou rabiscando, já que nem todo caminho está traçado). Isso garante que eu não me perca (sem querer), que eu não colida com um outro barco (a não ser que seja para encostar de leve, bem de leve), que eu não entre em áreas restritas (quando eu não quero) e que eu não viaje sem rumo (não que eu não queira, às vezes).

Portanto, me sulear garante a segurança e a liberdade, a minha e a dos demais tripulantes e passageiros que navegam por aqui, aí e acolá.

Esta carta-mapa é para isso, e já que percorreremos em palavras molhadas juntos e correremos muitos riscos, inclusive o de chegar (ou não) ao (a)mar, me atrevo a contar um pouco sobre uma das minhas escolhas para seguir essa viagem: o barco (não esqueci do remo e do chapéu que usarei para me proteger do sol, e

me enbonitecer. Você, se quiser, poderá fazer as suas escolhas também).

Vou deixar que o rio continue e nos fale.

Chuáááá...

Prazer criança, isso mesmo, você que nos lê, como está se sentindo agora? Eu me chamo rio,

Talvez o menino não te disse, porque não sabe a grandeza deste trabalho minúsculo, mas isto, em algum momento se tornará uma tese, portanto, é preciso transluzir o percurso para que você saiba por onde estará navegando, entretanto, o alerta que haverá águas escurecidas pelo barro, pelas folhagens, vidas e mortes que nelas habitam e aprenderemos a ver com os olhos dos pés, braços, com o corpo inteiro. Vem? Me afunde um pouco com os seus pés descalços e dirá-sentirá:

*- “Desperto um som de raízes com isso
A altura do som é quase azul.”⁵*

⁵ Manoel de Barros. BARROS, M. Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2011.

Seguiremos por aí enquanto te escrevo palavras ensopadas...
Me acompanha?

Penso-fluo que a tradição acadêmica ocidental, tal como a conhecemos construiu-se sobre bases coloniais que impuseram um modelo de conhecimento eurocentrado, racionalista e dicotômico (palavras difíceis de dizer e engolir). Esse modelo separa corpo e mente, razão e emoção, pesquisador e objeto de pesquisa, você de mim... reduzindo a experiência ao que pode ser quantificado e categorizado. No entanto, essa estrutura excludente tem sido contestada por epistemologias, que reivindicam outras formas de saber, baseadas na experiência vivida, na oralidade, na ancestralidade e na relação viva com o mundo, com os não-humanos e mais-que-humanos (já imaginou um rio falando? Que belo absurdo!).

Vou me explicar de um jeito melhor, criança:

- Nenhum rio cabe dentro de um aquário.

Sabe quando você tem uma caixa de brinquedos e brincadeiras, e alguém lhe ordena que só podem entrar carrinhos nela? Mas aí você tem bonecos, pedrinhas bonitas, penas que achou no quintal, conchas, pregos enferrujados, botas mariscadas do fundo de um lago, cacos de xícaras encaracolando lesmas sob as

telhas não usadas, gravetos magricelas, entre tantos outros tesouros... e te falam que essas coisas não servem, que elas não são brinquedos "de verdade"?

Tem gente que pensa o conhecimento assim: que só existe um jeito certo de saber as coisas e pronto! Eles dizem que para conhecer o mundo, a gente precisa guardar tudo dentro de uma caixa certinha, onde só cabe o que pode ser contado, escrito e explicado com palavras difíceis. Mas, e o que não cabe nessa caixa? O que a gente sente na pele, o que aprende com a avó contando histórias ou comigo, o que o corpo sente quando dança ou quando eu toco sua pele com o meu abraço ensopado?

Esse jeito de pensar veio de um lugar, há muito tempo, e foi espalhado pelo mundo como se fosse o único jeito certo de aprender. Eles disseram que só quem escreve livros difíceis sabe das coisas, que só existe inteligência na cabeça, que corpo e sentimento não ajudam a pensar, mais grave ainda: que eu e você jamais poderíamos conversar. Mas será que isso é verdade?

Bem, aqui onde moramos, os primeiros povos já aprendiam de outro jeito: olhando o rio, ouvindo os bichos, sentindo o vento e contando histórias de geração em geração. O corpo sabia dançar a chuva, as mãos sabiam fazer barro virar pote, o coração sabia o que a ciência ainda nem tinha descoberto.

Então, eu te pergunto: por que a gente tem que colocar tudo dentro dessa caixa pequena, se o mundo é muito maior? Não seria melhor abrir a tampa e deixar entrar tudo o que faz sentido para nós? Porque aprender não é só coisa da cabeça. É coisa do corpo, da terra, do povo, da vida. Eu não caibo num aquário, nem você.

Desse modo, corremos o risco de viver uma Educação, atravessada por paradigmas que reforçam a normatividade e a hierarquização do conhecimento (pelo som desses termos já se vê que não são lá grandes coisas). O modelo hegemônico, fortemente influenciado pelo pensamento positivista, privilegia métodos que buscam a objetividade, a previsibilidade e o controle sobre os fenômenos educativos, mais que isso, sobre as relações.

Daí os diversos espaços educativos, por sua vez, correm o risco de refletirem essa lógica ao operar como espaços de reprodução de padrões rígidos (congelos só de imaginar), onde o aprendizado é medido pelo desempenho e conformidade, em vez de ser compreendido como um processo vivo, experienciado e como um ato do corpo todo.

Contudo, é possível e preciso rascunhar outros modos de se fazer pesquisa em educação, de se viver a educação, ences[nar outros manuscritos (do latim manu (mão) e scriptus (escrito),

significando "escrito à mão"⁶), prefiro dizer, outros *corpúscritos*, os quais acreditem que um rio pode ensinar.

Quem houve a nossa voz, digo: dos rios, das montanhas, das pedras, sapos, passarinhos e “tudo o que a nossa civilização rejeita, pisa, mijá em cima, serve para poesia” (Barros, 2015, p. 46).

Será isso então?

Digo:

- *Qual o espaço para a poesia na pesquisa em educação?*

Essas palavras duras enrijecem alguma região do seu corpo, criança? Respiro, preciso disso, agora.

.

.

.

.

.

.

..

.

... *tum-tum, tum-tum, tum-tum...*

⁶ Significado de Manuscrito. Dicionário online de português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/manuscrito/>>. Acesso em: 01 de março de 2025.

p - o - e - s - i - a . . . (crrác-crrác)

Após esse crepitar, o meu coração se acelera (e o seu?), talvez isso aqueça alguma rigidez em nós já vivida, escrita até o momento em nosso eu-corpo, que agora, finalmente, poderá fluir...

Ainda sobre *sulear*:

- Será que podemos pensar de outro modo, talvez de ponta-cabeça⁷?

É possível um (não)método que nasça como resistência aos antigos paradigmas, propondo uma reconfiguração do conhecimento que valorize as múltiplas vozes, a alteridade, o diálogo, a estesia do corpo e a experiência?

Mesmo com os saberes depositados colonialmente e estruturalmente nas educações (assim mesmo, no plural) e nas pesquisas em educação, “acontecem outros processos educativos que contrariam o modelo que se quer ser único” (Rufino, 2023, p.7). E são como rios que esculpem pedras antigas e desenham outras formas, outros caminhos e novas coreografias de ser, estar rio, de ser pesquisa, de ser educação, que essencialmente, deveriam “ser

⁷ Título do livro do Professor Doutor Luíz Rufino: Ponta-cabeça: Educação, jogo de corpo e outras mandingas. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

lidos como repertórios poéticos/políticos/éticos/estéticos que confluem na tessitura de pedagogias descoloniais⁸” (2023, p.7).

Sei que você (que me lê) é zóiuda, criança.

Atenta, curiosa e pode ter criado inúmeras imagens, mundos e narrativas que dialogam com essa carta. É fato! Não se pode falar em Educação, sem falar das relações, da vida, não é mesmo? Por isso, uma pesquisa que se dispõe a ser água mole em pedra dura, tanto bate que pode furar epistemologias e cosmovisões.

Há uma tentativa com o nosso diário (meu, do menino e agora seu): o de abrir caminhos e quiçá chegar aos (a)mares dos modos de compreender a vida, apreender, aprender e viver a vida.

Por isso, não defendemos um método, ou sistema rígido, quiçá, uma leitura, um meio de transporte, um barco seguro (nem tanto) que seja capaz de nos conduzir por esta direção contrária, ao

⁸ “A descolonialidade constitui-se em uma forma de pensar, produzir e valorizar conhecimentos que não correspondam à lógica da colonialidade, do mesmo modo que busca afastar pressupostos e teorias eurocêtricas. Por um lado, o pensamento decolonial tem como intenção refletir criticamente sobre as relações de poder e de colonialidade no âmbito do conhecimento, por outro, também se preocupa com a construção desaberesque resgatem e empoderem os conhecimentos oprimidos e subalternizados. ” (Zeifert, Agnoletto, 2019, p.198). Apesar, de não discutir o pensamento “descolonial” neste trabalho, é importante frisar que se trata de uma pesquisa que fere os pensamentos hegemônicos eurocentrados, e que se busca um outro modo de se fazer pesquisa em educação, aliás, mais que isso, defende-se aqui uma cosmovisão sobre a humanidade e as relações, que não seja a do *Antropoceno*, e do famigerado capitalismo.

sul, via outra que ainda estamos *desbravando*, aliás, prefiro a palavra: *Encantando*.

Queremos propor uma travessia à escuta, ao outro diferente, para o desvio, para a experimentação, para a imprevisibilidade e para os saberes que foram historicamente marginalizados (como o meu). É nesse contexto, finalmente, que a autoficção⁹ surge como um (não) método: um modo de pesquisar e ensinar que se constrói na travessia, no encontro, na vivência, como acontecimento.

Não posso defender uma ideia ou acontecimento que não considere um rio pedagogo, não é mesmo? Aliás, como está sendo me ler?

O conceito de autoficção, cunhado originalmente no campo da literatura por Serge Doubrovsky (1977), refere-se à escrita que mistura elementos autobiográficos e ficcionais, produzindo uma narrativa em que o sujeito que escreve é, simultaneamente, personagem e autor de sua história. No entanto, quando deslocado para o campo da pesquisa em Educação, esse conceito adquire contornos específicos, articulando a vivência do pesquisador com os fenômenos educativos investigados.

⁹O termo autoficção foi criado por Serge Doubrovsky, em 1977, como proposta de discutir e refletir sobre a expressão Autobiografia, delineada por Philippe Lejeune, em 1975, em O Pacto Autobiográfico.

Autoficção.

Acho difícil defini-la... Não sei se devo inclusive fadigá-la com tentativas falhas, contudo, posso dizer que “autoficção, para mim, não mente, não disfarça, mas enuncia e denuncia na forma que escolheu para si: Ficção de acontecimentos e fatos estritamente reais” (Vilain, 2005 apud. Noronha, 2014 p.13), “para colocar em cena um vivido que se conta vivendo (Noronha, 2014, p.14).

Deste modo, “o que (não) é autoficção?” (Gonçalves, 2024, p.1). Se a invenção de si nos acompanha desde o nascer ao pôr do sol, nas escolhas das palavras, gestos, entonações, na arquitetura dos nossos modos de ser-estar com o outro? (Não) Há como pensar uma escrita que (não) seja inventada? (Des)Colada ao nosso eu-corpo?

Eu rio, gosto de imaginar a autoficção como um caramujo, que ao caramujar-se pelo caminho, fiscaliza poeiras para si, para a sua composição e desenha o chão com a sua gosma, escrevendo com o seu corpo nas encruzilhadas que passa. Ao mesmo tempo que caminha inventa o seu caminho e se reinventa nele.

Autoficção, talvez seja como o acontecimento de caramujar-se, de torna-se realidade enquanto se cria, escreve, vive. Aqui, as memórias, invenções, a sensibilidade, os saberes ecológicos, o encontro são “matéria de poesia” (Barros, 2019) e de

pesquisa, para compreender e defender as pedagogias da cena que se desenham na beira, a partir da relação com as águas que me atravessam.

É um jeito de “esconder-se por trás das palavras para mostrar-se” (Barros, 2019, p.21). Uma escrita que se “quer e se pretende (deve ser) móvel, deslizante, errônea, inclassificável, imprevisível, tal como nossos corpos, que escrevem nossos textos-tentativa” (Gonçalves, 2024, p.5).

Um texto-vida-obra que “cria sua própria realidade. [...] que vai se tornando verdadeiro, (*e*) é tão real quanto a realidade externa à obra, a ponto de o artista (*e o pesquisador*) ser afetado por ela” (Salles, 2011, p.139, grifo nosso).

Temos um problema então: Será que essa escrita ou jeito de escrever-se mora no real ou na ficção? Trata-se de realidade ou invenção? Onde mora o encontro? Costumo dizer que no “limiar” (Gonçalves 2024), na beira, como nós, entre o menino e o seu rio, entre eu e o meu menino,

Nos encontramos e criamo-nos na beira, portanto, trata-se de uma escrita ribeira, que abriga o instante, o acontecimento, que reside na fronteira, onde nós todos cabemos e, no qual:

O atrito entre realidade e ficção não pode, então, ser simplesmente descartado. A fronteira parece, então, se apresentar como uma saída minimamente coerente, já que se entende, no senso comum, a ideia

de ficção em sua oposição à ideia de realidade. Pergunto: tudo o que é do campo da ficção não poderia ser real? E o inverso. Tudo o que cabe no universo do que chamamos de realidade deveria ser entendido como matéria não ficcional / não ficcionalizada? (Gonçalves, 2024, p. 6)

Dentro dessa perspectiva, a autoficção se apresenta como uma proposta que subverte a rigidez dos métodos tradicionais, oferecendo um caminho de pesquisa-escrita que acontece no ato de pesquisar-escrever.

Por isso, não se assuste! Quando começar a leitura do nosso diário, melhor dizendo, quando embarcar conosco nesta travessia, não se assuste! Exemplo: Pode ser que o texto não obedeça uma coerência cronológica; que você não tenha todas as informações no início do diário; ou que a apresentação e descrição (afetuosa e familiar) de alguns personagens-autores só apareçam um tempo depois em que eles forem citados, entre outras rupturas, suspensões e descontinuações.

Escolhemos manter a estrutura original do texto, do texto-pesquisa, da maneira como fomos (n)o(s) compondo, do ritmo real-ficcional das nossas conversas (menino e o rio), banhadas de afeto, sem nos preocuparmos em antecipar os dados, para que a compreensão aconteça previamente, ou anterior ao tempo do vivido. Entregaremos ele nas suas mãos assim, como quem participou (e participará) da investigação e da sua criação.

À vista disso, entendo que:

No (des)equilíbrio entre revelar-se e criar uma personagem que escreve sobre si, a autoficção se mostra enquanto gênero imprevisível (ou ao menos mais imprevisível que outros), já que nem mesmo o próprio autor tem diretrizes de enquadramento ou adequação que possam ser seguidas em seu trajeto de criação. (Gonçalves, 2024, p. 9)

Muitas coisas você (se)descobrirá (ou não) durante a invenção deste texto-vida-obra, inclusive criará com a gente os seus próprios textos no ato da leitura, sejam eles em forma de palavras, imagens, sensações, memórias, emoções, ações, corpo! Reforço: “a autoficção é uma escrita que só pode ser feita com o corpo” (Gonçalves, 2024, p. 10)!

Portanto, nos últimos anos escrevemos uma tese-conto-diário com o nosso corpo-rio, e por ser assim é que não podemos o apressar (nem você conseguirá), pois, ninguém apressa um rio, ele (es)corre de modo livre, em sintonia com os vários outros rios e vidas encontrados no caminho, pertencendo sempre a um tempo-espaço vividos.

Apresentamos a autoficção como uma proposta (não)metodológica desviante, como um rio, que acolhe o sujeito-objeto da pesquisa com todas as suas trajetórias (incluindo os seus encontros e desencontros).

Não sou pretencioso, apesar de desejar o (a)mar. Não buscamos com a autoficção "verdades" absolutas. O que nos importa mesmo é a vivência do processo e a escuta das múltiplas vozes que nele se (nos) cruzam. Escreve-se enquanto se vive, pesquisa-se a partir das poéticas das experiências vividas, das memórias, das dúvidas, espantos e das transformações que ocorrem no percurso. O conhecimento parece estar no fluxo de um rio, não na tentativa de se fixar a uma margem específica.

Me doo como metáfora:

- Assim como as águas que fluem e que se transformam constantemente, o conhecimento na pesquisa não é fixo, mas um processo contínuo de mu"dança".

O pesquisador e o processo educativo são como o rio que percorre os diversos caminhos, desviando-se, contornando obstáculos e se reinventando, acontecendo. Se a hegemonia impõe um caminho único e estreito, a autoficção propõe múltiplos percursos. Se a Educação tradicional insiste na previsibilidade, a pesquisa autoficcional aceita o imprevisto como parte essencial da travessia.

Ao invés de um roteiro fixo, ela nos convida a navegar, como o menino e eu, abertos às curvas do caminho, às margens que

se ampliam e aos encontros que (nos) transformam, alargando os espaços para e criação (de si).

Mais adiante teremos uma prosa boa com um outro menino-rio chamado Bakhtin (1895-1975), fizemos com ele uma “aliança afetiva” (Krenak, 2017, p. 64), principalmente, pela sua maneira atual de ler o mundo (mesmo pertencendo a outros tempos). Esse menino nos ensina que todo discurso é dialógico, nunca isolado e sempre em relação a outros enunciados.

Assim também deve ser a pesquisa: um encontro vivo, onde a voz do pesquisador não se sobrepõe às demais, mas se entrelaça a elas, num jogo de ecos e ressonâncias (dissonâncias também).

A autoficção, ao incorporar essa dialogicidade, permite que a escrita acadêmica respire. A pesquisa se torna uma arena de múltiplas vozes, incluindo suas narrativas e performances. Não é apenas um relatório de achados, mas uma experiência sensível, com inúmeros atravessamentos, que se inscrevem no corpo e na memória.

Portanto, se os métodos tradicionais buscam a objetividade fria, a autoficção reivindica a poética do encontro. A escrita se torna cena: há personagens, há voz, há drama. A teatralidade não é artifício, mas ferramenta epistemológica, capaz de dar corpo às contradições e aos afetos que atravessam o processo investigativo.

O pesquisador, então, não é apenas um analista distante, mas um corpo em cena, que se permite errar, tropeçar, rir e se emocionar com os próprios achados. A escrita acadêmica, tantas vezes árida, encontra na autoficção um espaço para pulsar, para dançar, para desobedecer aos formatos engessados que lhe foram impostos.

Tal escrita de si (e em si), não se trata de uma ação isolada ou ensimesmada, pelo contrário, trata-se de um gesto político de visibilidade e legitimação de experiências, que por muitas vezes foram silenciadas e/ou marginalizadas no campo acadêmico.

Nesse horizonte, a autoficção se afirma não apenas como uma (não)metodologia, mas como um modo de estar e pensar a pesquisa, em que as singularidades e alteridades são reconhecidas como forças constitutivas do saber.

Em tempos em que a educação (e não só ela) é constantemente ameaçada com discursos de controle e punição, as práticas autoficcioneiras emergem como potência de autoria e liberdade, criando frestas para que outras histórias, outros corpos e outras epistemologias possam brotar de seus solos e escorrerem em direção aos (a)mares.

... sou água que corre entre pedras

Após reler a carta, com você, veio-me à memória um poema do Manoel de Barros, que me encoraja a seguir sendo rio nesta pesquisa, neste processo educativo e artístico, nesta vida:

“Quem anda no trilho é trem de ferro

Sou água que corre entre pedras:

- Liberdade caça jeito. ” (Barros, 2019, p. 33)

Não há de se ter coragem, apenas, há de existir sensibilidade e criatividade para correr (livre) entre as pedras.

Agradeço ao menino e ao rio pela correspondência, logo, logo nos encontraremos de novo.

Um momento de descanso, talvez? Já sei! Que tal levantar, se espreguiçar um pouco, caminhar até um outro lugar de preferência que dê vista para fora, não importa onde você estiver, o convite é para que você saia, topa? Quando quiser voltar, não se esqueça de beber um pouco d’água (um café ou um chá são sempre bem-vindos, também).

.
. .
. .
. .
. .
. .

Então, nos rascunhos desta travessia, eu pesquisador decidi organizar o texto assim:

Um **Conto-diário**, propriamente escrito-dito: “**Diário Ribeirinho: Rascunhos das águas**”.

Neste conto-tese, eu sou o menino e o seu povoado, sou o rio e os seus peixes, o barco e as pescarias, os ventos e a navegação. Essas paisagens-personagens se apresentarão na medida em que eu for tentando encontrar sentido para os fluxos que esta investigação móvel propõe, para vivermos juntos uma experiência ribeira.

Assim, me rendi ao convite deste menino navegante e de seus “tibuns!” para viver o risco de um doutoramento à deriva.

Contudo, será possível um menino e um rio escreverem juntos uma tese? E sobre o que eles se atreveriam nos contar? Como descreveriam as suas ciências? O que nos ensinariam as suas andanças?

Tenho uma tese e chegaremos juntos até ela (no decorrer deste texto):

- um rio atravessa o m[eu] corpo e...

Existem pedagogias cênicas em fluxos (eco)dialogicos.

- *Que, como o rio e o corpo, vivem o movimento e o encontro nas beiras, portanto, pedagogias ribeiras.*

Se a vida é essencialmente dialógica. Viver é dialogar, é estar em constante relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Para Bakhtin (2003), esse diálogo não se restringe à palavra, mas se manifesta por meio dos gestos, dos olhares, dos corpos em movimento, das experiências compartilhadas. Se a vida é dialógica, a cena também o é, pois insere os corpos em uma rede de relações, permitindo que se expressem e se transformem mutuamente.

As pedagogias cênicas, nesse sentido, ultrapassam o ensino da arte teatral em si e se expandem para compreender e habitar o mundo a partir das cenas que se tecem no cotidiano. Há teatralidade na vida, há dramaturgias no encontro entre corpos, sejam eles humanos, não humanos ou mais que humanos. Como nos lembra Rufino (2023), o “aprenderensinaraprender” se dá na relação entre os vivos, instaurando-se como experiência compartilhada e não como um saber exclusivo do humano. A cena, então, não se limita a um palco: ela transborda para as praças, as ruas, os rios, os quintais.

E é com o rio que aprendo. O rio que corta minha cidade é meu mestre, meu parceiro de cena, meu interlocutor silencioso que fala por meio de seus fluxos, seus ritmos, suas marés. Ele é um pedagogo, pois ensina pelo movimento, pela fluidez, pela insistência em seguir, desviar e transformar. Como os demais ribeirinhos, vivo e aprendo com esse corpo de água que se move e resiste. Minha pesquisa se inscreve nesse encontro, na escuta desse rio que ecoa, que me ensina a ser um corpo-rio: fluido, mutável, permeável ao outro.

Ao pensar as pedagogias cênicas a partir dessa relação, proponho uma perspectiva (eco)dialogica. Como vimos, o prefixo "eco" nos leva ao grego oikos, que significa casa, morada, pertencimento. Estudar-viver a casa, o lugar que nos forma, implica reconhecer os saberes que dele emergem, as narrativas que nele se inscrevem, os corpos que nele transitam. Como alerta Krenak (2020), a ideia de um humano descolado da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. No entanto, grande parte dos processos educativos tem se dado a partir dessa desconexão, ignorando os saberes que brotam do chão que pisamos, das águas que correm, das vozes que nos antecederam. Recuperar essa aliança, esse sentimento de estar em casa, é um compromisso ético e estético.

No palco, no rio, na praça ou na vida, somos todos atravessados por pedagogias que emergem do encontro. O teatro, quando compreendido como experiência dialógica, permite-nos criar espaços de escuta e de pertencimento, onde o conhecimento não é imposto, mas construído em fluxo. Assim, minha tese se sustenta na defesa de uma pedagogia cênica que não apenas inclui o humano, mas que se abre para aprender com os outros seres que habitam e coabitam nosso mundo. Uma pedagogia que, como o rio, não teme a mudança, mas se entrega ao fluxo, à deriva, ao movimento incessante da vida.

Ser um corpo-rio é aceitar a impermanência, a interdependência, a força das águas que nos atravessam. É reconhecer que toda pedagogia é, antes de tudo, relação. E que toda relação é, inevitavelmente, cena. Assim, minha proposta para as pedagogias cênicas em fluxos (eco)dialógicos é esta: aprender a escutar o rio, a dançar com suas marés, a criar junto com a vida que se move ao nosso redor. Pois, afinal, como nos lembra a própria natureza, somos feitos da mesma matéria que nos rodeia, e é nesse diálogo profundo que nos tornamos, verdadeiramente, ribeirinhos do conhecimento.

Apresentados uns aos outros,

Peço licença para que o menino e o rio nos contem:

- *(Num fôlego) C h u u á á á á á á á á . . .*

Naquele dia eu estava um rio. O próprio. Achei em minhas areias uma concha. A concha trazia clamores do rio. Mas o que eu queria mesmo era de me aperfeiçoar quanto um rio. Queria que os passarinhos do lugar escolhessem minhas margens para pousar. E escolhessem minhas árvores para cantar. Eu queria aprender a harmonia dos gorjeios.

Manoel de Barros

A watercolor illustration of a boy with brown hair, seen from behind, sitting in a river. He is holding a large, spiral shell. The river is a mix of blue and green, with a white swan swimming in the distance. The background features rolling hills in shades of green, yellow, and pink, under a sky with two birds flying. The overall style is soft and painterly.

diáRIO ribeirinho
RASCUNHOS DAS ÁGUAS

o menino e rio

O mundo meu é pequeno, Senhor.
Tem um rio e um pouco de árvores.

Manoel de Barros

... coração que anda por aí

Olá, Rio. Sou eu, o menino.

Eu não sei muito bem por onde começar e muito menos aonde iremos chegar com essa prosa... É que a gente costuma contar muitas histórias um para o outro e as outras personagens que se achegam à nossa beira também nos confidenciam os seus viveres, sonhares, (a)mares, mas ainda não tínhamos feito isso em um papel, a não ser nas folhas das nossas peles...

Acho que escrever esse diário em muitas mãos, vozes e corpos se tornará uma aventura e tanto! Não é mesmo? Talvez, na vida aconteça dessa maneira: A gente põe o pé na estrada e o caminho começa a se desenhar no passo de cada pisada, tal como será ao rascunharmos essas novas folhas...

Seremos movidos pela experiência de dialogar com as palavras uns dos outros... digo não só entre nós, mas entre todas as vidas que povoam a paisagem da nossa história... já pensou que, de vez em quando eu te digo palavras de árvore, tatu e gente preguiça?

Aprendi quando me encontrei com elas, portanto, já são minhas também: palavras-pedro... E quando você as disser serão palavras-río? Acredito que sim...

Rio, quais palavras inventaremos e viveremos durante esse texto, hein? O jeito é entrar nessa *an-dança* e descobriremos juntos como será...

É que somos

Assim: [...] Daí a liberdade ética do ato: este é determinado pelo ainda-não-ser, pelo antedado dos objetos, [...] suas fontes estão no porvir e não no passado, não no que existe mas no que ainda não existe. [...] (Bakhtin, 2011, p.129)

E o que existirá para nós dependerá do que iremos encontrar nesse caminhar, digo, escrever...

O que iremos viver nesse acontecimento? Eu sei que já te disse inúmeras vezes... Senti a sua falta quando estive longe de casa... Essa oportunidade de historiarmos juntos as experiências na/da ribeira me entusiasmou, pois, passaremos muito tempo achegados e moveremos as nossas águas, sejam elas serenadas, chuviscadas ou em trovoadas...

Então, será um diário ribeirinho com rascunhos das nossas águas e tudo o que nele notarmos terá sido vivido entre nós, aqui e agora, já que “o enunciado está relacionado à esfera na qual é produzido, e é sempre um acontecimento entre no mínimo duas consciências, dois sujeitos. [...] (Gonçalves, 2014, p.92), portanto, entre eu e você, nós e tantos outros moradores dessa ribeira...

Aliás, quando eu estava voltando para a casa me esbarrei em uma tagarela que me chamou pelo nome e que é muito boa em narrar as próprias histórias... Foi uma cena! Conto:

“ (O menino entra no barco que está no cais até ser recepcionado por uma tagarela pintada à aquarela).

Menino:

- Ai ai ai ai... para onde será que caminham as águas?

Senhorita Gralha

– Ei, psiu! Piáa, ei Piáa... (sobre o galho de uma araucária)

Menino:

– Oi? Quem está me chamando?

Senhorita Gralha:

*– Para de ser bobo, olhes para trás...
Estou aqui, sempre estive!*

Menino:

*– Ah! Que susto! Oooii (suspirando)
Nossa! Como você é linda... Da mesma cor do meu rio ...*

Senhorita Gralha:

– Obrigada Piáa, tu também és um lindo! Que coincidência somos da mesma cor (risos). Somos lindos! Então conheces o rio?

Menino:

– Você é engraçada... eu o conheço sim... somos melhores amigos! Estou morrendo de saudades dele. Não vejo a hora de encostar meu barquinho no cais e mergulhar num abraço demorado...

Senhorita Gralha:

- Un... Gostas do rio, então? Piá das águas doces!
É lá que está o seu coração?

Menino:

- An? O meu coração? Espera um pouquinho...
Você me chamou de Piá?

Senhorita Gralha:

- Eu quis dizer menino, não se assuste! É que no lugar onde eu moro piá é o mesmo que criança... mais que isso! Piá vem do Guarani e significa:
Pedaço do meu coração que anda por aí...

Menino:

- Ah... que coisa mais linda senhorita...

Senhorita Gralha:

- É como as mães indígenas diziam para os seus
filhinhos: - Tchê piá. Meu coração!

(O menino parece triste)

Senhorita Gralha:

- Eu disse algo que você não gostou? De repente, pareceu
triste... (pousa no ombro do menino)

Menino:

- Ah ... faz um tempão que estou longe de casa, nem sei
mais se eu sei navegar até lá... E o que irei encontrar?

Senhorita Gralha:

- Eita menino das águas! Não tenha medo não, acho que
já está na hora de reencontrar o seu rio-menino, a sua criança...

Menino:

- Mas, e se eu me perder, como saberei a direção?
Para onde irei?

Senhorita Gralha:

- Atrás do seu coração!

Tu sabias que o sabiá sabia assoviar??

Menino:

— Ann? Sabia o que?

Senhorita Gralha:

— Sabia que tu és um lindo? Você representa as crianças
perdidas em cada pessoa por aí...

Eu posso te contar uma história? A minha história...

Menino:

– Claro, claro, por favor, eu amo histórias... (eufórico)

(Gralha Azul encena a sua história)

Senhorita Gralha:

– De acordo, com a lenda, há muito tempo atrás, a gralha azul era apenas uma gralha parda. Mas um dia ela resolveu pedir para a Mãe natureza lhe dar uma missão que lhe faria muito útil e importante. Ela lhe deu um pinhão que a gralha abriu e comeu a parte mais fina e a parte mais gordinha ela resolveu enterrar para guardar para depois.

Menino:

– Que comilona!

Senhorita Gralha:

- Você acredita que ela se esqueceu onde havia enterrado o restante do pinhão?

Menino:

- Mas...

Senhorita Gralha:

- Pois é... A gralha procurou muito, muito mesmo, mas não a encontrou. Ao passar dos dias ela percebeu que no lugar onde havia esquecido o pinhão havia nascido uma pequena

araucária. Então, toda feliz, a gralha azul cuidou daquela árvore com todo amor e carinho.

Menino:

- Ah... (Suspirando surpreso).

Senhorita Gralha:

- Quando o pinheiro cresceu e começou a dar frutos, ela começou a comer uma parte dos pinhões e enterrar a parte mais gordinha, dando origem à floresta de Araucária.

Menino:

- Ual!!!

Senhorita:

- Quando a Mãe-terra viu o trabalho da gralha azul, resolveu dar um prêmio a ela: pintou as suas penas da cor do céu....para que as pessoas pudessem reconhecer aquele pássaro, seu esforço e dedicação.

Assim, a gralha que era parda, tornou-se azul!

Menino:

- Ai ai ai, eu tô, eu tô, não sei nem dizer...

Senhorita Gralha:

– Estás pronto!!! Tu estás pronto!

Menino:

– Pronto?

Senhorita Gralha:

*– Isso mesmo, tu estás pronto para fazer sua viagem,
pronto para plantar as tuas sementes e poder colhê-las. Chega de
ficar parado esperando os teus sonhos se realizarem, vai atrás
daquilo que tu queres! Atrás do seu coração...*

Menino:

*– Eu vou, eu vou ... estou indoo... obrigado Senhorita das
sementes... torça por mim!*

Senhorita Gralha:

– Mande recordações ao rio...

A nuvem:

- Lá vai o menino da brisa...

Lá vai o menino do vento...

Avisem que lá vai e vem...

Chué... fazem os seus passos

Fuuh... os seus movimentos...

(O menino entra no barquinho e segue viagem) ...”

Rio, naquele instante em que ela me chamou pelo nome pude me ver nos seus olhos falantes e foi como se ela estivesse me ajudado a recordar sobre quem eu sou, a propósito redescobri o meu coração e ele anda por aí nos compassos das minhas experiências... A caminho ele me ensina o devir e em cada novo encontro posso senti-lo, me abraço...



coração que anda por aí

Foi engraçado quando ela me chamou de piá e eu amei o significado, pois, ele me faz entender a travessia que é a vida e a minha constante busca por “alguéns” que digam o meu nome, que me ensinem e revelem o que ainda não alcancei...

Com isso continuarei seguindo em meus inventos - para narrar a minha própria história - a partir de tantas outras vividas, proseadas, e principalmente sentidas (já que, se trata de um coração) ...

Ou seja “invento para me conhecer” (Barros, 2013, p. 429).

Assim como você rio, ela me batizou e me ensinou que:

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo [...] (Bakhtin, 2017, p. 29-30)

Esse jeito de chamar o outro pelo nome e dar-lhe a atenção devida, de estar disponível ao encontro (tanto das gralhas quanto do próprio coração), de deixar-se afetar pelos olhos ou tagarelíes de pássaros ou crianças pela estrada, nos (des)educa a acolher com carinho e honestidade a nossa realidade e a dar-nos nesse cuidado a mesma afeição e liberdade de existirmos nas nossas inteirezas,

pois, “[...] ao abrir-se para o outro, o indivíduo também permanece para si. [...]” (Bakhtin, 2003, p.394) ...

Tal como a beira da estrada, a beira do rio é sensível em professorar enunciados (encenações em seus percursos) sobre a gentileza da escuta e do respeito vividos no diálogo, tal como a (re)criação de nomes próprios que nas fronteiras se desenham em cada gesto, postura e palavra dos corpos em trânsito...

Já vi urubu reaprendo a voar com uma jinga de calango, barco recobrar a velocidade com uma tirada de jacaré, poça d’água conferir sentido ao nado de uma rã, carniça alimentar o voo de urubu, vaca chamando mato de banquete, peixe dando feitio à pedras e barrancos, tronco virar casa no pouso de garça, estaleiro ser palco para capivara e capivara ser transporte para cágado, e eu fui menino para o rio, para a gralha e para outras tantas bocas...

Mas, já topei em muita gente, em outros caminhos que não tiveram esse tempo ou a mesma delicadeza quando me encontraram, pois, sopraram-me palavras tão duras que foram capazes de enrijecer o meu corpo na mesma intensidade das suas pragas... Aí não fui criança, quero dizer, não me senti livre, senti-me uma coisa, talvez...

É que diferente do rio e da gralha que vivem os seus fluxos e voos, alguns educa-dores, nos quais me esbarrei não estiveram

disponíveis ao contato genuíno, à diferença, às sabedorias nascidas da sensibilidade...

Quem sabe eles se fecharam como fazem os tatus-bolas ou não deram espaço como fazem os ouriços-do-mato? Mas, o que uma criança seria capaz de ameaçar? O brincar e o mover, será? Talvez, existem pessoas licenciadas em ensinar dores, porque só aprenderam essa disciplina...

Reconhecer a existência do outro não é uma tarefa fácil, eu sei! Porém, “[...] a vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatados entre si: o eu e o outro” (Bakhtin, 2020, p. 142), desse modo, ocupamos lugares distintos e imprimimos-exprimimos com a nossa vida poéticas diferentes, poéticas da diferença, logo, compreender/defender esse princípio é apostar numa poética (e política) da alteridade...

A Gralha não me coisificou, me chamou por um nome único: Piá das palavras...

Provavelmente, existam outros piás das palavras, contudo, não dizem as mesmas que eu, no mesmo timbre que o meu, com as mesmas valorações e emoções que as minhas... São corpos diferentes que eu e a senhorita azul reconhece isso quando me provoca a plantar as minhas próprias sementes...

Poderia ter me pedido para ajudá-la no cultivo das araucárias, porém, sagrou o meu existir permitindo-me encontrar e

viver as minhas próprias florestas ou jardins ou quiçá hortas diferentes das dela...

Quantas poesias em pencas dariam se as pessoas reconhecessem as suas próprias sementeiras e as distinguíssem das sementeiras dos outros? Mais que isso, as respeitassem em seus germes frutíferos (as suas e as dos outros) ?! O pinhão dá Araucária e o que germinará as minhas sementes? Estou curioso!

Desculpa-me, mas, serei indiscreto:

- Hein, você que nos lê é um pé de quê? Com quais outras árvores você convive no seu pomar?

Fico curioso também em como identificar à qual escola cada doscENTE se vincula... não quero correr o risco de sequestrarem o meu bortal de sementes, muito menos de ser obrigado a plantar o que eu não tenho para florir....

E se eu estiver atento às respostas que m(eu) corpo discursar nesse diálogo, saberei-sentirei se posso ou não con-fiar? Ou desconfiarei, simplesmente pelas palavras que ele escolher me pronunciar?

A responsabilidade e o posicionamento frente as palavras-vida do outro e:

O tom não é determinado pelo conteúdo concreto do enunciado ou pelas vivências do falante mas pela relação do falante com a pessoa do interlocutor (com sua categoria, importância, etc.). (Bakhtin, 2017, p.55)

Rio, a Gralha não silenciou os meus versos, outrossim, me convidou a narrar a minha história com a minha própria voz, com as sementes que me foram concedidas por meio das benções que recebi nos encontros que vivi...

Sendo assim, terei as minhas penas coloridas se eu cumprir a vocação de semear palavras férteis por onde eu passar?

Uma coisa eu sei, quero plantar as minhas sementes!

Vou começar pelo plantio de palavras-ribeiras em nosso diáRio... vai que crescem pés de rios, onde *todes* possam navegar e recordar que tem um nome e um lugar?!

Agora fez sentido para mim o convite da Gralha e antes o seu, rio, uma vez que “[...] toda a compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.” (Bakhtin, 2003, p. 271), por isso, a partir de agora rascunharei as minhas respostas, quero dizer, as minhas palavras-sementes vivas e encharcadas...

Ah! E antes que eu me esqueça de contar...

No caminho de volta para cá também foi possível ouvir (sobre mim) os burburinhos nas curvas:

*- Eita, menino levado!
Tem casa não?*

*Que dança é essa feita da chuva,
Poesia escorrida do vento,
Música com cheiro de terra,
E gestos nascidos do tempo?*

*Eita, menino teimoso!
Tem casa não?*

*Que jeitos são esses de navegar sobre o céu,
Boiar sobre os medos,
Correr nas cascatas,
Nadar nos segredos?*

*Eita, menino das dores!
Tem casa não?*

*Que flores são essas na sua cabeça,
Olhos e ouvidos na mão,
Boca e nariz em seus pés,
E pele como coração?*

*Eita, menino das águas!
Tem casa não?*

*- Tenho não, senhor!
Eu rio, mar, oceano...*



... sou o menino

e tenho um nome! Fui tecido pelo vento e pela chuva, talvez seja filho dos dois e tenha ganhado o corpo de um rio para correr por aqui, não sei, aliás, sei poucas coisas sobre tudo, mas atrevido o bastante para tocar as superfícies das peles do mundo, das coisas vivas, a minha, as das pessoas e certamente como diz o poeta Paul Valery:

- *“o mais profundo é a pele...”*

Meu corpo-palavra, como o rio “vive por essência sobre a fronteira: nisso está a sua seriedade e importância [...]” (Bakhtin, 2010, p. 29)... Confesso: prefiro morar na fronteira, no entre, na beira e isso requer vocação para ribeirão...

Desde quando brotei como fio d’água ou filho, como preferirem, passei a me ocupar com encontros e há muitos tipos deles, como: cirandas, abraços, empurrões, puxões, apertos, acenos, deslizos, arrepios, sopros, toques, socos, torsões, pressões, açoiar, flutuar, pontuar, espanar, rejeitar, beijar, devorar, cuspir, soltar, afastar, aproximar, aconchego, colo, ninar, escorrer, ejetar, mordiscar, lambe, cheirar, ouvir, tatear, entrelaçar, fugir, esquivar, ver e respirar as danças entre os nós: Tudo isso é Contato! E todo

contato é “uma provocação da realidade e ocorre entre duas realidades disponíveis para o encontro” (Ponciano. 2017, p. 13)...

Destarte, considero que vou aprendendo as minhas danças nessas fronteiras, são nelas que os movimentos, gestos e cenas se tornam possíveis, no limiar entre o semelhante e o diferente... Também, é nesse espaço de oposições que se configuram os meus atos, nesse instante provisório, nessa fronteira de contato que é:

[...] o tempo-lugar do encontro: encontrar a novidade, o outro, o diferente, o estranho a mim e permanecendo nesta fronteira – *de* contato – viver a experiência do estranhamento, do excitação e do crescimento por meio da criação. (Alvim, 2019, p.81)

O convite à alteridade entre corpos estranhos uns aos outros parece nos mover à criação de novas danças e encenações, essas são geradas como sentidos da nova experiência... Desse modo, “o ato estético se dá na fronteira entre sujeitos que se encontram, e é nos encontros que a compreensão do outro, seu acabamento provisório, é possível [...] (Gonçalves, 2014, p. 92) ...

É a experiência fronteiriça que convoca o meu corpo a ser a(u)tor, e criar no meu ato uma obra (seja ela uma palavra-verbo ou palavra-gesto, palavra-sentimento, palavra-sensação, palavra-pensamento, palavra-postura, palavra-arrepio, palavra-arte...)...

Ela funcionará como um sentido dado a situação vivida (como um todo) no encontro entre eu-outro-mundo (planeta), no qual:

Essa reação a um todo é precisamente específica da reação estética que reúne o que a postura ético-cognitiva[sensível] determina e julga e lhe assegura o acabamento em forma de um todo concreto-visual [não somente] que é também um todo significante. (Bakhtin, 2000, p.26)

Contudo, esse “*todo significante*” só é possível se configurar, a partir da nossa relação com o outro, pois é ela “que determina o objeto e sua estrutura e não o contrário” (Bakhtin, 2000, p.26), além do mais, “a reação global de que procede o todo do objeto decorre do *desempenho do ato criador* e não é vivida como algo determinado” (Bakhtin, 2000, p. 27 – *grifo nosso*) ...

Pensando nas artes cênicas, tanto o ato de criação quanto o “*todo*” da obra serão sempre relacionais, provisórios, em fluxo, a devir e não podem ser determinados ou fechados em si...

Ainda podemos dizer que:

[...] o autor cria, mas não vê sua criação em nenhum outro lugar a não ser no objeto [obra] ao qual deu uma forma; em outras palavras, ele só vê o produto em devir de seu ato criador [...]. Assim é, aliás, a natureza da vivência de qualquer ato criador: ele vive seu objeto [obra] e vive a si mesmo no objeto [obra] [...]. (Bakhtin. 2000, p. 27)

Não obstante, a obra, no caso das artes da cena vive, tal como no seu processo a sua fugacidade, não se fixa num objeto estavelmente estruturado, assim sendo, o “*todo*” aqui configurado é transiente e se revela em formas efêmeras...

Essas formas “mostram a atitude da pessoa que se move numa determinada situação” (Laban, 1978, p. 20) e são possíveis de serem notadas e percebidas-sentidas nos movimentos, posturas, suspiros, ações, sons, palavras e nas categorias estéticas vividas/criadas no/pelo corpo, tais como “ritmo, fluidez, vitalidade, brilho, harmonia, musicalidade (Alvim, 2014, p. 208) ...

Para mim, elas já aparecem nos pequenos espetáculos do cotidiano, como hoje, enquanto eu caminhava pelas pedras das margens na cidade, passei pela “mina dos sete tanques”, local onde uma nascente de água brota no meio da comunidade e é canalizada em sete torneiras, nas quais estão os sete tanques... Dizem que eles foram construídos para otimizar o abastecimento de água da população que se alojou nessas redondezas e também para facilitar a lavagem de roupas pelas mulheres que por ali moravam, roupas das suas famílias e das famílias do centro... Até hoje utilizam a água da mina, apesar da sua força corrente já não ser a mesma...

Nesta manhã encontrei a mina, os tanques e as lavadeiras... Observei o peso forte, espaço direto e o tempo rápido das roupas batendo sobre as pedras do chão, mas também vislumbrei o peso

leve e o tempo lento quando elas iam pendurando os panos no varal... O espaço indireto vi nas danças esvoaçantes dos lençóis brancos com o vento (Laban, 1978)...

Nesses passeios diários eu vivo encantamentos e aprendo nas pequenezas desses atos estéticos, os quais:

O traço característico da comunicação estética consiste justamente em esgotar-se por completo na criação da obra artística e nas suas recriações constantes mediante a contemplação cocriativa, sem necessidade de outras objetivações. No entanto, é claro, essa forma peculiar de comunicação não é isolada: ela participa do fluxo único da vida social. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 116-117)

Desse modo, posso dizer que elas pareciam teatralizar os seus gestos de trabalho, enquanto cantavam canções estridentes, como se a voz também batesse feito pedra na roupa suja...

Havia certa sincronia nos movimentos entre pegar, lavar, chacoalhar e estender as peças nos varais, como numa coreografia ritmada pela relação com a água, com as companheiras de lavagem, com os tecidos encardidos, com o calor do sol e a brisa do vento...

Eu? Estava lá movendo o meu corpinho junto com os lençóis sobre o varal...

Ali existiam categorias estéticas (Alvim, 2014), qualidades do movimento (Laban, 1978), teatralidades (Gonçalves, 2014) e encontro...

As encontrei, fui encontrado nas suas formas poéticas e lavadas de viver o trabalho (vida), nos sentidos dados pelos seus corpos ao evento cotidiano, sentidos que elas estavam conferindo-atuando às vivências, e também pelos sentidos criados pelo meu corpo, quando dei algum acabamento para aquelas cenas...

Rio, considerando a situação posso dizer então, que elas são como bailarinas do vento e das águas de mina? Autoras de espetáculos minúsculos na periferia da cidade? Porque há criação nas suas simples ações, eu as vi, rio, te juro!

Veja bem, se as teatralidades são:

Orientações interessadas na ação comunicativa do corpo, sendo que, entre suas principais características está o traço autoral, ligado sempre à presença do corpo, à cultura, [à natureza], que marca, assim, as identidades dos sujeitos em suas circunstâncias transitórias de existência pessoal, política e tecnológica [principalmente, ecológica]. (Gonçalves; Gonçalves, 2018, p.143).

Vou me arriscar dizer que assisti a um espetáculo do cotidiano na periferia da cidade com autoria das lavadeiras! Além do mais:

Cotidiano puro é ficção, invenção intelectual. O cotidiano humano é sempre enformado, essa informação é sempre ritual (ainda que “esteticamente”). É nessa potencialidade ritual que sempre pode apoiar-se a imagem artística. Memória

e possibilidade de conscientização no ritual do cotidiano e na imagem. (Bakhtin, 2017, p.55)

Ao me aproximar dessas (in)formações ritualizadas e vividas descubro que há poética no cotidiano e ela vive nas tensões, tarefas, fluxos, acontecimentos e pequenos gestos do dia-a-dia, sempre criadas nas relações... E é como se elas (as lavadeiras e as suas coreografias) morassem em cada detalhe e nas miudezas de cada movimento... Pois:

O autor de uma obra só está presente no conjunto da obra, não se encontra em nenhum elemento destacado desse conjunto, e menos ainda no conteúdo separado desse conjunto. O autor se encontra naquele momento inseparável em que o conteúdo e a forma se fundem intimamente, e é na forma que mais percebemos a sua presença. (Bakhtin, 2017, p.65)

Essas formas são como expressões criativas do autor diante das suas relações, que nas cenas, por um instante, “se estabiliza em um produto cultural significante; a reação ativa do autor se manifesta na estrutura [...]” (Bakhtin, 2000, p.28) da obra, a qual pode ser “entendida como um ponto de encontro e de interação entre material, forma e conteúdo” (Bakhtin, 2000, p.5)...

Por conseguinte, nas cenas (incluindo as da vida) podemos compreender os enunciados do corpo (e ele próprio como enunciado) como “*reações criadoras*” às relações experienciadas na situação (em cena), e eles são possíveis de serem lidos, assistidos

ou vividos em suas estruturas moventes (como nos movimentos das lavadeiras dos sete tanques) ...

Logo, entendo o nosso corpo como uma arquitetura viva em movimento e a fronteira como espaço de criação: Como um rio, o rio...

Daqui, da onde estou lhes escrevendo esse diário (também uma arquitetura movente) alcanço com o meu olhar três figuras ou miragens que me chamam a atenção: Desse lado da margem figuro o meu pé de pera, em contrapartida do outro lado da margem me aparece um pé de garças (arvorezinha seca que vive assim desde que a conheço, não tem folhas nem flores, mas está sempre carregada de garças brancas), e entre as duas margens e as duas árvores, a terceira figura me/se ascende: O rio Itararé...

O pé de pera cresceu no Paraná, já o pé de garça se criou em São Paulo, o rio vive nessa fronteira e se alimenta tanto das frutas quanto das aves...

O rio, estrada d'água, é **vida** em trânsito e **vive** à fronteira de contato, antes, entre a nascente e o mar, **vive** o rio... Nem origem, nem destino, mas entre... Neste espaço de oposições e inconstâncias flui **vivente** o rio... As águas correntes aceitam vir a ser, estar, ser processo, transformação, movimento, contradição... Há força em suas águas, há luta em suas forças... Águas que correm, que saciam, que devastam, que alimentam e esculpem novas formas em rochas

tão antigas... Talvez seja essa a poesia contada pelo rio, talvez, o caminho para esse diário-pesquisa-pedagogia seja, ser rio...

Ao nascer, o rio parece, simultaneamente, ter intenção ao movimento criador e ao encontro... Suas águas desejam correr até outros rios, que correrão até outros rios e chegarão ao (a)mar... No caminho, transformarão as paisagens e serão transformadas por elas... A vida do rio será sempre no presente, mas com a intenção de seguir e com a força dos seus trajetos...

A cor, os vestígios, o volume, o ritmo, e as vidas no rio contarão por onde ele passou, por isso, nunca falará sozinho... Suas águas, ganharão novos sentidos a cada movimento e a cada novo encontro...

Digamos que o corpo seja como o rio (e somos feitos, basicamente, de águas e minerais) e vive a mesma intenção de se movimentar e encontrar, e com isso criar... Nessa teatralidade, qual o papel das pedagogias cênicas?

Me pergunto, rio: Quais atos posso realizar, a fim de organizar uma pedagogia que abarca a fronteira e o corpo-vivo como potências/espços de criação?

Eu também vivo na (ri)beira, como você bem sabe, transito entre a psicologia, a arte e a educação... Às vezes, me questiono sobre o papel que eu desempenho nos grupos onde atuo... Não sei muito bem separar ou dizer se as nossas experiências são artísticas,

clínicas ou educacionais... E se nelas sou terapeuta, artista ou educador... Porém, procuro manter uma honestidade ética com os participantes dos meus processos (criação, terapia a educação) e imagino que serão as relações com eles que darão o tom e a presença de cada uma dessas minhas feitura e/ou personagens...

Talvez, todas elas sejam como expressões de uma mesma artesanía: A do meu fazer (e do me fazer) ...

Prefiro con-fiar nos processos de integração e autoria que existem na permeabilidade e na plasticidade das fronteiras de contato (Frazão, Fukumitsu E Salomão, 2014), são elas que flexibilizam o encontro potente entre as Artes do Corpo, a Psicologia e a Educação, como uma forma de convite à dança, mas uma dança entre três corpos diferentes: Uma ciranda...

Rio, mesmo assim, eu nunca tive interesse em criar um trabalho de arte-terapia, propriamente dito, no sentido de usar a arte como recurso psicoterapêutico ou educacional nos meus processos, o que é muito comum em abordagens desse estilo... De outro modo, nas minhas práticas procuro estabelecer um diálogo não utilitarista entre as três áreas, como numa “dança possível” (Júnior, 2019) ...

Todas elas podem possibilitar aos participantes dos grupos inúmeros caminhos de experiências estéticas e éticas, poéticas e políticas e ainda a vivência-consciência das suas intersubjetividades...

Não! O meu interesse nestes espaços que crio não está no resultado que ele é capaz de alcançar, na cura ou formatação de saberes e criações, muito menos na tentativa de pacificação ou fundição entre a arte, a psicologia e a educação, outrossim, zelo pelo experimento, pelas tensões e oposições existentes entre elas e nelas, nas quais as diferenças e contradições abrem espaço para a invenção, a destruição e a criação de novas formas: Para a transformação...

Rio, é entre as oposições que acontecem os conflitos e “com o conflito surge o movimento” (Vianna, 2005, p. 92), logo, é no entre que a vida acontece e o movimento se torna possível, nesse “espaço intermediário” (2005, p.92):

Todo resultado de um gesto, ou de uma ação, provém do espaço existente entre a oposição de dois conceitos. Seu gerador é sempre par, ainda que essa ligação se faça por meio de um aparente distanciamento. É a lei da harmônica incoerência da vida: todo trabalho corporal, se analisado sob um só ângulo, é incoerente. Mas, unido ao todo, surge a harmonia. Duas Forças Opostas gera Conflito, que gera o Movimento. (Vianna, 2005, p. 95)

O entre é um convite à ciranda! E considerando as suas divergências e convergências, concordo que “tanto na arte quanto na terapia [e educação] manifesta-se a capacidade humana de perceber, figurar e reconfigurar sua relações consigo, com os outros

e com o mundo” (Ciornai, 2004, p.36) construindo campos férteis de criação e recriação de si, sempre em situação e em relação...

A arte, a educação, a psicologia, o corpo e a ribeira quando vividas nas suas experiências fronteiriças nos convidam a acolher como potências criativas as oposições, tensões, conflitos, incoerências, embates, trânsitos e nós...

Seja ele um contexto clínico, educacional ou artístico, eu procuro mirar o experimento e as criações acontecidas nos limiares da Vida e Arte - Arte e Vida, entre as quais, considerando as suas múltiplas linguagens, não há demarcação ou impedimento da fluência e fruição da expressão humana...

Isso me recorda uma crítica de Bakhtin a quem “escolhe” uma vida rotineira que recusa a arte e a quem pratica uma arte distante que recusa a vida. Dizia ele que a responsabilidade por essa vida sem arte e essa arte sem vida é de todos nós. Porque “escolhemos” a arte distante e ou a vida vazia, em vez de enfrentar as imprecisões das duas a fim de escapar a esse binarismo [entre outros] fatalista (Sobral e Bohn, 2016, p 13).

E são vários os enroscos e trançados nessa minha história, viu? Mas, fui escoteiro e tenho crenças nas santas que desatam os nós, assim, não me perco nos meus emaranhados... Neles me encontro e acho jeitos de me posicionar nos diálogos da vida...

Do mesmo modo, os que comigo cirandam nesses encontros com a arte, aprendem com ela a responder responsavelmente diante das eventualidades da vida, porque primeiro participaram com a vida na arte (sejam quais forem os contextos), uma vez que, “a arte e a vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade” (Bakhtin, 2003, p. 34).

As linhas do meu viver não parecem gostar de novelos ou carreteis, pois elas:

- Se entrelaçam em espirais feitas do tempo...

São tecidas pelas minhas experiências vividas nesse lugar (e alguns outros) e trançadas em muitas (ou algumas) mãos, olhos, bocas, ouvidos, corpos-arte(são)s ...

São nessas tessituras que se encontram - o meu ato criador, a criação e o criador – que no caso, sou eu mesmo...

Logo:

O ato criador manipula a vida em uma permanente transformação poética para a construção da obra. A originalidade da construção encontra-se na unicidade da transformação: as combinações são singulares. Os elementos selecionados já existiam, a inovação está no modo como são colocados [tecidos] juntos. A construção da nova realidade,

sob esta visão, se dá através de um processo de transformação. (Salles, 2011, 94-95)

Sendo assim, o fio d'água ou nascedouro de movimentos e inventos só poderá ser no meu caso, assumo, o encontro...

Contarei com cuidado sobre esses bordados e não negarei os seus avessos, bem, já que tenho usado palavras artesãs, começo a minha história arriscando dizer que nasci entre as matérias primas de uma arte feita como trabalho e dedicada as miudezas, aos detalhes da criação, aos processos, festejos, à fé e a ação...

Nasci numa comunidade de artesãos que não desperdiça os presentes que o dia a dia oferece, pois, eles são como matérias-primas que transformadas em forma-conteúdo dão sentido aos movimentos entre o vai e vem do que acontece aqui dentro e o que está logo ali fora, entre o familiar e o desconhecido, entre o que habitava as coisas das desimportâncias e as que passam ter preço e apresso, entre o eu e o outro, entre o meu quintal e o mundo inteiro, se é que possível medir com exatidão quando começam e terminam cada um desses terrenos e povoados...



E eu me encontro “naquele momento inseparável em que o conteúdo e a forma se fundem intimamente” (Bakhtin, 2017, p. 65)...

Nesse ondular entre recuos e avanços noto que:

[...] a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos. [...] (Volochnikov, 2017, p.95)

Conferir sentido ao que atenciamos (o que alcançamos com a nossa atenção afetiva no encontro) é um feito artesão: Construir com os recursos possíveis que temos à disposição e com o que o momento nos entrega: os novos artefatos...

E eles são como saberes e expressões sobre o que antes não existia para nós e agora nos fará companhia, e que logo mais viverá no silêncio fértil das nossas experiências permitindo-nos abrir novos espaços para os novos desconhecidos...

Assim, consentiremos dar motor à roda da vida e ela nos admitirá coser ou fluir os fios das nossas águas, nesses giros de encontros e desencontros, de aproximação e afastamento, de achar-se e perder-se, de “rasgar-se e remendar-se” (Rosa, 2001, p.120)...

Pois:

[...] O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe

fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. [...]. (Volochnov, 2017, p. 93)

Tal como um galho que vira pouso que vira pau que vira brinquedo que vira gente que vira ninho que vira pássaro que vira voo que vira pipa que vira vento que vira onda que vira canoa que vira vara que vira pescaria que vira peixe que vira lenha que vira comidinha que vira cinza que vira tinta que vira cor que vira dança que vira festa que vira abraço que vira aconchego que vira memória que viverá até virar outra coisa...

Sou assim todo revirado e aprendi isso com o meu rio, a gente fuça o que encontra no meio do caminho, não de modo obsessivo, só que com a curiosidade de alguém que tem bixa na barriga (já viu gente com lombriga?), vai tendo vontade das coisas e só descobre que tinha quando vê, cheira ou põe na boca...

Eu já tive uma cria dessas dentro de mim e até terra engoli com sabor de coisa doce... Nossa! Vai que numa dessas botei pra dentro uma semente que brotou algum pé na minha barriga?

O que quero mesmo dizer é que nessa vida de artesão ou rio, a gente se deixa encantar pelo o que topa no percurso, na beira, na fronteira e quando se viu já deu nome pra coisa e ela pra gente, eu mesmo já fui chamado de ribeirinho e caipira que virou artista que virou educador que virou terapeuta que virou pesquisador, sem que

eu deixasse de me chamar menino e o menino de artista-educador-terapeuta-pesquisador, vê se pode?

Antes que eu virasse qualquer pessoa, inclusive para você que nos lê, existia o rio, e quando eu deixar de existir, e você também, ele permanecerá correndo por nós, pois “o mundo não foi feito em alfabeto. Senão que primeiro em água...” (Barros 2016, p.71) ... Portanto, antes de continuar me dizendo vou deixar que ele se fale, assim sem chegar ao outro lado da

m a r g e m . . .

Quando o rio começa um peixe,
Ele me coisa
Ele me rã
Ele me árvore [...]

Manoel de Barros

... sou o rio

e como o meu menino, sou um e vários ao mesmo tempo, mas não tenho muitas escolhas em não existir fora de um coletivo, se é que algo exista assim,

[só]

Pois, “não somos indivíduos separados uns dos outros e do espaço a nosso redor. Existimos em coletividades rítmicas de células, moléculas, corpos, planetas, galáxias [...]” (Fernandes, 2006, p.301), nesse sentido, é que as minhas águas “entram em ativas relações dialógicas [...]” (Bakhtin, 2016, p.113)...

Quando falam o meu nome, certamente as imagens que aparecem são feitas de águas doces escorrendo entre duas margens, umas mais estreitas e outras mais largas, quase se pode ouvir o meu canto ou, apesar de que também grito, inundo, às vezes...

Aí já sou vários: Sejam pelas tantas e tantas moléculas de água (engraçado que o menino também as são), ou pela composição de águas+encostas+chão (engraçado que ele também o é), ou pelas vidas que compartilham do mesmo espaço que eu (e não é que o menino também?), será que pelas várias expressões que eu assumo no caminho? (Conheço alguém assim...)...

O som, ritmo, fluxo, cheiro, textura, densidade, volume e cor se modificam no decorrer do trajeto e me chamam por nomes diferentes em cada região (já posso ver a fuça dele na minha frente, de tão parecido com ele)...

Sou um povoado de gente que pôs os pés em minhas águas ou entraram até o pescoço, e ainda os mais destemidos que mergulharam de cabeça e tudo (como as cirandas do menino curioso), levando um pouco de mim e deixando um bocado deles...

Contudo, eu tenho os meus próprios traços de ser rio, eu sou o “protagonista no drama da [minha] existência” (Laban, 1978, p. 25), portanto, sou eu quem narro a minha história...

Acredito que:

[...] cada pessoa [gente ou não] ocupa um lugar singular e irrepetível, cada existir é único. [...] Este reconhecimento da minha participação no existir é a base real e efetiva de minha vida e do meu ato [...] (Bakhtin, 2020, p. 96-97)

Por isso, mesmo sendo movimento algo acontece para que eu ainda seja um e continue me chamando rio, como ele, o menino... O critério que me faz ser chamado de rio será o mesmo para chamarem ele de menino? Acho que gostamos mesmo é de dar nome para as coisas, assim elas passam a ter, mesmo que por um milésimo de segundo, alguma forma possível de ser abraçada ou rejeitada por nós, depois ela já se escorre entre os dedos da

consciência, como acontece quando me pegam com as mãos em concha...

Você mesmo deve estar lembrando, agora, de quando fez isso comigo e morei por alguns segundos nas palmas de suas mãos, até que me despedi e segui o meu caminho...

Para que damos nomes às coisas? Eu só sou bom com perguntas e espero não ter todas as respostas, porque, daí não serei bom em mais nada (risos), é isso mesmo um rio também ri, eu rio (risos)...

Certezas nenhuma, todavia, uma sensação eu tenho - de que eu gosto de ter nome, apesar de muitos não me chamarem por ele - e não é porque eu rio que não posso ser levado a sério, não é mesmo?

Penso que, há quem viva nas margens da sua própria história, e a sociedade contemporânea reforça tal postura ao sacrificar as diferenças e singularidades, em nome da massificação e do lucro, com isso, as pessoas-gente vão se esquecendo dos seus fluxos e dos seus potenciais criativos, ou pior, lhes são retirados junto com os seus direitos básicos de existir aqui nesse mundo...

Se bem que, não são só as pessoas-gente que estão sendo silenciadas, nós - rios, montanhas, árvores, bichos, céu e mares - estamos desaparecendo aos olhos de todos com a justificativa da ampliação e da modernização do mundo...

Que mundo? Se tudo isso aqui é uma casa só, habitada por todos, onde nós somos o mundo, digo:

- *Tudo isso aqui é natureza!*

Silenciam/dizimam as paisagens e povoados para construir prédios e fábricas, represam os rios para funcionar hidrelétricas, mares viram plataformas de petróleo, o céu virou esgoto de poluição e lixo espacial, as faunas e floras se calam para produzir produzir produzir produzir produzir produzir...

– *Silêncio!*

É assim que eles gritam em nossos ouvidos, corpos! Mas, como nós estamos participando com a nossa vida dessa conversa?

Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania. [...] transformamos as pessoas em consumidores, e não em cidadãos. [...] Não tem gente mais adulada do que um consumidor. [...] Então para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? (Krenak, 2020, p. 24-25)



Não tem como não participar desse diálogo, sinto muito, não há *álibi*, já que

[...] o reconhecer-me insubstituível na minha participação, é o meu não-álibi em tal mundo. Esta participação assumida como minha inaugura um dever concreto: realizar a singularidade inteira com singularidade absolutamente não substituível do existir, em relação a cada momento deste existir. E isso significa que esta participação transforma cada manifestação minha – sentimentos, desejos, estados de ânimo, pensamentos – em um ato meu ativamente responsável. (Bakhtin, 2020, p.118)

Portanto, a responsabilidade é de todes nós, não há como não assinar!

Isso significa que ser natureza (estar no mundo) com as nossas vidas-enunciados, é estar invitado a criar-pensar-sentir a natureza (o mundo) e isso requer responsividade, somos convocados ao ato único e insubstituível de cada um de nós, pois, “na vida nós respondemos axiologicamente a cada manifestação daqueles que nos rodeiam” (Bakhtin, 2003, p.3) ...

Considerando a sua posição axiológica (palavra difícil, não?), como são ou estão sendo os seus atos e a sua impressão nos caminhos que está inventando e percorrendo até os seus (a)mares? Onde está o seu coração, piá?

Diferente da ordem que nos são dadas nesse sistema “mundial” em que vivemos (como se o mundo fossem só dos

homens brancos e biolionários), que nos quer em manada (na verdade prefiro “pelotão”), numa perspectiva ribeira (eco)dialogica, “[...] seja o que for e em que condições me seja dada, eu preciso agir a partir do meu lugar único, mesmo que se trate de um agir apenas interiormente” (Bakhtin, 2020, p.98) ou numa ação minúscula...

Criança,

Não há ação humana destituída de consequências. Um ato realizado uma vez perpetua-se ao infinito numa cadeia de eventos que jamais teriam ocorrido não fosse por nossa responsabilidade. (Laban, 1978, p. 157)

Por isso, aqui na ribeira as nossas margens não convidam ao margear-se, de outro modo, movem em nós o desejo de seguir com palavras-rios a nossa própria travessia...

Menino, tal como a Gralha Azul e a nossa escola ribeira, esse diário-pesquisa precisa convidar aos outros ribeirinhos a um processo de experiência-vida:

[...] vivenciada em primeira pessoa, que possa dizer algo do eu que investiga [vive], ser revestida e investida da palavra própria, do percurso singular. Sim, uma ação investigativa que nos é e no qual nós somos, com face, sangue, corpo e ossos: experimentação, sensibilidade, presença, atenção, escuta, acompanhamento e uma sorte de gestos [...] (Guedes e Ribeiro, 2019, p. 28)

Por isso é tão importante conhecer o nosso nome e assinar os nossos atos diários... Por meio deles participamos da vida e da natureza (mundo), de forma ativa, sem margear-nos, ao contrário, sendo rios que imprimem nos seus correrres as suas digitais de criação...

Talvez:

[...] o ser humano contemporâneo se sente seguro, com a inteira liberdade e conhecedor, de si, precisamente lá onde ele, por princípio, não está, isto é, no mundo autônomo de um domínio cultural e da sua lei imanente de criação; mas se sente inseguro, privado de recursos e desanimado quando se trata dele mesmo, quando ele é o centro da origem do ato, na vida real vivida (Bakhtin, 2020, p. 69-70)

Então, como eu posso, tal como a Gralha o fez, proporcionar situações que favoreçam aos participantes da nossa ribeira redescobrirem os seus nomes e os seus lugares na natureza, a partir dos seus fatos?

Como eu, do meu lugar, posso facilitar processos para uma pedagogia ribeira que conscientize ao ato, não de forma racional como ensina as epistemologias modernas, mas sim de forma responsável?

Como apoiar, do mesmo modo que o chão nos faz, uma metodologia que sensibilize ao descobrimento e encantamento do ser-evento? Quero dizer - atentos a experiência dos acontecimentos

e criações, nos quais os seus atos se tornem conscientes, ou melhor, responsáveis (responsivamente)?

Por aqui, vejo movimentos e inVentos nas encenações cotidianas das pessoas que vem se refrescar, trabalhar, se alimentar, respirar ou brincar (autoria tão sábia e linda e muita gente se esquece de vive-la) - responsabilidades autorais que se concretizam na relação com a ribeira (natureza/mundo) – Mas, ainda quero assistir-participar de muitas outras (venha!?) ...

Assim se fazem os mundos: nas atuações, nos atos! Neles estão os sentidos e os fAtos vividos, organizados numa arquitetura sempre inédita e processual, a partir da “seleção de determinados elementos que são recombinaados, correlacionados, associados e, assim, transformados em modos inovadores” (Salles, 2011, p. 100)... São eles que participam, de modo interessados, dos mundos ao mesmo tempo que os criam...

Por conseguinte, o ato que já é uma invenção em si, inventa no seu acontecimento as realidades e reinventa o seu próprio autor, concomitantemente...

Viva o Ato!

Não qualquer ato, mas, os *Atos* que se realizam enquanto vida e criação, pois:

[...] Para enraizar o ato, a participação pessoal de uma existência singular e de um objeto singular deve estar em primeiro plano, já que se

você é representante de um grande todo, você o é, sobretudo, pessoalmente. E este mesmo grande todo, por sua vez, não é composto de aspectos gerais, mas de momentos individuais concretos. (Bakhtin, 2003 p. 113)

Minhas águas são curiosas e sabem a natureza pelos movimentos que fazem, sempre interessadas, se posicionando em cada momento do percurso, inclusive nas frestas, desse modo, sou escorregadio e invado com zelo as encostas, raízes, penas, soleiras, solos, pés, escamas, barcos, anzóis, outros rios, quiçá, o mar...

Antes de alcança-los e molha-los, nada existe para mim como categoria, verdade ou juízo, portanto, o sentido só se constrói pela experiência do encontro...

Se alguém me encontra e diz o meu nome passo a existir com afeto para ele... Foi assim com o meu menino e com tantas outras crianças, e será assim no decorrer do nosso diário (agora também é seu), muitas vidas viverão e existirão com afeto para nós...

A vida é um acontecimento! Vivemos o planeta (mundo) “como acontecimento (e não como ser em prontidão)” (Bakhtin, 2017, p. 67)!

É como quando eu e uma pedra ou uma rã, cobra ou barco nos esbarramos:

- Paf! Pof! Tum! Blam! Tchibum! Chuá ...

Então, passamos a existir um para o outro e juntos podemos contar essa história... Me parece, que sou rio, porque sou movimento e encontro, aliás, estou sendo rio agora, na sua companhia, enquanto molhamos essa página com palavras doces...

Ora, sendo assim, esses todos que encontro também “estão sendo no mundo, com que e em que se acham” (Freire, 1983, p.82)?

Se assim for “[...] o agir do sujeito, sem negar a realidade dada do mundo, também o postula ou, no caso do estético, a cria” (Brait, 2014, p. 22), logo:

[...] a minha singularidade é dada, mas ao mesmo tempo ela existe apenas na medida em que é realmente atualizada por mim como singularidade, ela se dá sempre na ação, no ato, como o que me é dado para realizar; é ao mesmo tempo, ser e dever [...] (Bakhtin, 2020, p. 98)

Nosso dever: o devir...

Somos todos um giro?! Sabe o que estou pensando com os meus botões, ops! Com as minhas pedrinhas? Que somos como uma cena-dança que está pelo planeta criando *pas de deux*, ou melhor - batuques, jongos, sambas, carimbós, forrós, frevos, xaxados, baiões, maracatus, cocos, capoeiras, fandangos, catiras, chulas, marujadas, quadrilhas, toré e kuarup - Cirandas!

E como cirandeiros, somos “gestos inacabados” (Salles, 2011) ventarolando as nossas cirandas com o planeta, e é ele quem puxa a dança, já que, quando percebemo-nos em pausa (se é que é possível) ele continua girando e não nos deixa parados (literalmente) ...

A autoria, “[...] assinatura de um sujeito, individual ou coletivo, constituído por discursos históricos, sociais e culturais [e ecológicos]” (Brait, 2012, p. 88-89) se constrói nos/em giros...

Então, se tudo se cria espiralando (inclusive os nossos ossos nas ações motoras dos músculos), porque insistir num jeito paralisado de aprender as coisas?

O que querem com essa mania de imobilizar as crianças em carteiras na escola, os adultos nas cadeiras de seus escritórios, e os animais em viveiros e aquários?

“Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões” (Krenak, 2020, p. 25), não permitindo a vivência de novos batismos que só são possíveis pela experiência...

A Gralha te batizou de piá das palavras e eu, daqui te batizo de menino das águas doces...

E vocês que nos leem, querem ganhar novos nomes ou redescobrirem os seus?

Vão para os rios!!! Venham!?

Proponho pedagogias cênicas (eco)dialogicas, ou, para ser mais simples, uma educação do giro, onde:

Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens [pessoas, bichos, e tudo o que vive] fazem no mundo [planeta], com o mundo [planeta] e com os outros. Busca esperançosa também” (Freire, 1983, p.66)

E, principalmente, nos faça aprender-encantar que:

A ecologia dos saberes deveria também integrar nossa experiência cotidiana, inspirar nossas escolhas sobre o lugar em que queremos viver, nossa experiência como comunidade” (Krenak, 2020, p. 54)

Com isso, sei que me faço rio na experiência de ser rio, a rã nos seus pulos e mergulhos em minhas águas (e eu com ela), a cobra nos buracos das minhas margens (e eu com ela), as pedras no chão das minhas estradas (e eu com elas), os barcos sobre a minha superfície (e eu com ele), o menino ribeiro nas minhas beiras (juntinho dele) e esse diáRio-tese poderá dançar um nome assim que ... Lá se foi... Ah...

Venham e ventam?!



Naquele dia eu estava um rio. O próprio.

Manoel de Barros

... me chamo

Pedro, o mesmo nome do meu avô materno, ele foi alfaiate, casado com a minha avó Livina (parece nome de peixe), que foi costureira e artesã, mas também me chamo José, o mesmo nome do meu avô paterno, que foi pedreiro, casado com a minha avó Joana (de asas vermelhas e bolinhas pretas), também costureira e artesã... Eles todos me chamaram Pedro José e também gosto de criar com as coisas que vem do chão, por isso, talvez posso me dizer artesão...

Sou filho de pai educador e mãe professora-artesã, nasci numa cidadezinha parecida com um vilarejo chamada Ribeirão Claro... Ela está localizada no norte velho do Paraná, onde divide os rios Itararé e Paranapanema com cidades vizinhas e um outro estado chamado São Paulo...

Eu confesso que nunca entendi muito bem essa coisa de cercas e barreiras, mas dizem que ainda sou pequeno para entender essas inseguranças do mundo de gente grande...

Eu bem vi o senhor Capivara doido da vida porque a dona Marisa estava dando banho na isca em frente ao seu estaleiro, e não é que ela pegou um peixe pra lá de grande, que podia ser galã de qualquer novela de pescador? O homem bufou o bastante para espantar a senhora que, rapidamente recolheu o peixe com anzol e tudo, indo-se embora para as suas bandas de lá, dando o lugar pro “dono” daquele pedaço de rio, mas agora me responda uma coisa?

- Desde quando rio tem dono e pedaço? Acho que não deve ser só aqui que isso acontece, e nem é só aquele senhor que prega uma peça dessas...

No entanto, também conheço muita gente e bicho que prefere nadar nas mesmas águas e tomar luz embaixo do mesmo sol, ou pelo menos é o que parece...

Certeza também não tenho nenhuma, e isso aprendi com o rio, que não faz questão de saber coisa alguma, apesar disso, sabe um monte de histórias, inclusive a minha que, também não fora vivida em pedaços, mas em ondas como é próprio da nossa aprendizagem e do desenvolvimento

[...] dos nossos sistemas nervoso e muscular rumo à complexidade. [...] Esse não é um processo linear, mas em espiral, onde sempre se “volta” ao anterior porém modificado pela nova descoberta. (Fernandes, 2006, p. 56)

Ondas... elas não deixam muito à vontade os defensores dos pedaços e cercas, pois eles acreditam nos enfileiramentos e amontoados de informações que recebemos ou desenvolvemos conforme vamos crescendo, já eu, prefiro mesmo ser água de rio que já tem o dna do (a)mar e sabem:

- chuá...

a v a n ç a r e

- *chuê...*

r e c u a r para

- *chuá...*

a v a n ç a r e

- (*descansando*) *chuê...*

no r e c u o para

- *chuá...*

a v a n ç a r

... novamente, e ir dançando com as coisas daqui (e são tantas que nunca saberemos quantas são), aliás, “não consigo nos imaginar separados da natureza. A gente pode até se distinguir dela na cabeça, mas não como organismo” (Krenak, 2020, p.58) ...

Digo isso tudo para nos defender quanto as histórias que iremos contar...

O rio e eu não somos adeptos às filas, aos depósitos, à exatidão, às quantidades, pois amamos inventar com o que encontramos no caminho (lembra do jeito artesão?) ...

Vale-nos a experiênciAção, por isso, presamos mais insetos do que os mísseis (Barros, 2018, p.25) e não temos intenção em recortar uma fatia para dizer que é só nossa, não iremos parear as informações, nem tentar sintetizá-las, pois, falamos mais que “o

homem d'cobra" (não conheço esse sujeito, mas por aqui todo mundo usa o nome dele em vão quando quer chamar alguém de proseador), e pode ser que a gente venha a desdizer algumas coisas, enquanto vivemos essa tese-conto-diário em ondas ou fluxo, como o rio me disse um dia:

- O que você está fazendo parece com um peixe e tem jeito de gente d'água, sabia?

Eu não entendia muito bem, todavia, continuava transformando em movimento o que eu estava sentindo, enquanto ficava com o corpo submerso nas suas águas... Não lembro para dar nome ao que vivi, só sei que oferecia formas ao encontro entre nós: Corpo e o Rio...

Considerando a noção de *teatralidade expandida* que "[...] não diz respeito apenas ao evento teatral, mas confunde-se mesmo com uma gama de práticas e fenômenos – na vida social, na linguagem, nas artes, na literatura, na filosofia" (Gonçalves, 2018, p. 14), percebo que tudo o que vivíamos, rio, já era teatral, pois tinha ritmo, intenção espacial, um cenário vivo, figurino tecido com plantinhas ribeiras e maquiagem feitas de barro preto dos barrancos...

Existia diálogo e a cada novo toque entre a minha pele a pele do rio um novo movimento se iniciava para dar sentido ao encontro que ali acontecia...

Nessa experiência de ser com o rio um corpo-rio, daqui, desse meu “lugar plenamente definido” vivo a minha “singularidade e [a] possibilidade de encarnação” (Bakhtin, 2020, p. 22), portanto, sou um corpo, ou como me batizou o rio, um menino de águas doces...

O rio também me chama de curioso e a curiosidade sobre as coisas me leva a tocar, mirar, cheirar, ouvir, sentir e as conheço pela experiência dos sentidos, ao mesmo tempo, toco-me, miro-me, cheiro-me, ouço-me, sinto-me, pois “meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível. [...] Ele vê-se vendo, toca-se tocando, é visível e sensível para si mesmo” (Merleau-Ponty, 2004, p.17), e mesmo assim, não se basta e quer ser visto e encontrado, ver e encontrar outros corpos...

Acho, rio, que o fenômeno corpo está no centro das minhas experiências, e hoje é ele mesmo quem me inquieta a escrever esse nosso diáRio, como um ato curioso e molhado...

O corpo a que me refiro não é um corpo que tenho, mas um corpo que sou, não é um corpo isolado, mas um corpo situado no mundo, com o qual se relaciona, não é um corpo que domina as coisas, mas um corpo que coexiste com elas, um corpo que percebe

o outro e que se percebe nessa relação, um corpo história, cultura e natureza...

Não é um outro de mim, mas é um corpo - próprio, sujeito da existência, das suas histórias e narrativas, das experiências... Um corpo que vive e se transforma em significação, um corpo expressão, movimento e diálogo, um corpo poesia e criação, um corpo inter-relacionado e intra-relacionado, corpo intersubjetivo, um corpo carne e mundo, um corpo fronteira e contato, um corpo arte e artista, simultaneamente...

Este não é o mesmo de que fala o positivismo, não é uma coisa ou um objeto, não é um recipiente para a alma e muito menos para a consciência... O corpo próprio é sede de significados, é a maneira pela qual nós estamos no planeta, o nosso modo de ser e estar no mundo a priori...

O meu primeiro contato com o planeta, com você, rio, só é possível, porque primeiro “sou meu corpo” (Merleau-Ponty, 2011, p. 208)... Assim, a subjetividade antes afastada da sua dimensão corpórea, ganha uma nova significação, na qual, ela não está “dentro” ou “fora” de nós, mas na relação que é acordada pelo corpo-outro-mundo(planeta), por isso, “talvez não esteja ‘em minha cabeça’, não está em parte alguma a não ser em meu corpo como coisa no mundo [planeta]” (Merleau-Ponty, 2005, p. 21)...

Nesse sentido, viver um corpo-rio e:

Ser uma consciência, ou antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles ao invés de estar ao lado deles. (Merleau-Ponty, 2011, p.142).

Como o rio, sou uma “consciência viva [então, encarnada] que experimenta” (Bakhtin, 2017, p. 51) e cria sabedorias pelo conhecimento corpóreo...

É por meio do meu corpo-experiência-linguagem que tenho acesso, vivencio e dou nome às coisas, e é por meio dele que estou inserido no planeta, no qual posso me relacionar com o outro e

[...] é apenas a relação com o contexto único e singular do existir evento através do efetivo reconhecimento da minha participação real nele, que o torna um ato responsável. E tudo em mim – cada movimento cada gesto, cada experiência vivida, cada pensamento, cada sentimento - dever ser um ato responsável; é somente sob esta condição que eu realmente vivo [...] (Bakhtin, 2020, p. 101)

Estou falando de uma corporeidade como forma de ser-estar-conhecer-expressar o/no mundo, a qual, pode ser compreendida como vivência intencional, que nasce da inter-relação sujeito e mundo (planeta) em situação, através das suas experiências...

Não são todas as ciências que valorizam a beleza do encontro e da presença, muito menos as que acreditam na sensibilidade e na percepção como caminhos de significar o mundo

e a existência humana, porque fogem ao discurso mecanicista, individualista e pragmático ainda vigentes na sociedade contemporânea, que tem como premissa a supremacia da mente sobre o corpo, da reflexão racional sobre os sentidos e do humano sobre o restante do planeta...

Aprendemos a enaltecer a razão e o corpo acaba sendo deixado de lado como algo sem importância, com isso, privilegiam processos educativos distanciados da experiência dos sentidos e do conhecimento motor, ambos estão diretamente ligados aos processos de aprender e criar. Aliás, a experiência sensório-motora antecede a linguagem e é o nosso primeiro meio de interação e descoberta do mundo (e de nós mesmos).

Repito: A educação é um ato corporal e

Sendo um fenômeno radicalizado na vida, se expressa como ato responsável, dialógico, inventivo, caótico, inconcluso, e passa pelos mais diferentes suportes que encarnam a vida (Rufino, 2023, p. 14)

Logo, se “a realidade é agora e não tem como acessá-la a não ser através dos sentidos, da experimentação, da ação de experimentar” (Ribeiro, 2014, p. 13), precisamos reaprender, em nossos processos de (de)formação, a valorizar a experiência vivida, através de espaços educativos comprometidos com o “sentir”, o “encontrar” e com a “atuAção”...



Rio, agora conheci a palavra ATO e acho que ela me sugere muitas imagens, tais como o gesto da mamãe pardal alimentando os seus pequenos no ninho, o girassol se contorcendo a procura da luz do sol, as águas subindo e descendo na conversa com a Lua, as aulas na ribeira entre nós (você, meus alunos e eu), o corpo da minha mãe se arredondando para me receber em seu colo ou se estendendo para me educar... Ainda imagino, nitidamente os nossos encontros pela manhã, quando me aproximo da sua margem e você me diz bom dia molhando os meus pés com as suas águas, de modo que experimento a palavra Ato e respondo (atuo) com o calor do meu corpinho ainda quente da cama...

Por isso, compreendo que há diferença entre os termos Ação e Ato, quero distinguir que:

Ação é um comportamento qualquer que pode ser até mecânico ou pensado [se é que possível existir uma ação motora assim, dada a intencionalidade do corpo]. Uma ação pode ser uma impostura: não respondo por ela e não assino. Ao contrário, escondo-me nela. O ato é um gesto ético onde o sujeito se revela e se arrisca inteiro. Pode-se mesmo dizer que ele é constitutivo de integridade. (Amorim, 2021. p. 107)

Isso é o que nos ensina os pensamentos de Mikhail Bakhtin (1895 – 1975), um grande estudioso da linguagem humana (será que conhecia a linguagem das águas, rio?), o qual, procurou se

aproximar da experiência humana, através dos signos produzidos pelas pessoas...

E ele não andava sozinho, rio! Como nós, vivia-pesquisava numa grande ciranda, quero dizer, num círculo, conhecido como círculo bakhtiniano... Seus estudos:

[...]caracterizavam-se, já nas primeiras décadas do século passado, como estudos em que havia uma estreita relação entre várias vertentes do conhecimento, com o objetivo de pensar a linguagem, dentro de uma perspectiva das ciências humanas e não como tarefa específica de uma única disciplina. (Brait, 2004, p. 185-201)

Provavelmente, você se lembrará dele, rio, pois, o falamos em nossas conversas do entardecer sobre os riscos que corremos nos encontros do dia-a-dia e sobre “os afetos entre mundos não iguais” (Krenak, 2022, p. 82)...

Quando o conheci, achava que ele tinha nome de remédio, talvez um antibiótico que encontramos na farmácia, mas agora ele me faz pensar-sentir em ervas de cheiro, que servem tanto para temperar, quanto para fazer encanto: Hortelã, Manjerição, Orégano, Cidreira, Camomila, Arruda, Alecrim, Bakhtin...

Com ele venho aprendendo muitas coisas, sabia? E acho bem possível que ele também faça parte do nosso círculo, se bem que prefiro a palavra ciranda mesmo...

Juntos, criamos essas “alianças afetivas” (Krenak, 2022, p. 82) e quiçá rascunharemos pedagogias (eco)dialógicas, o que acha?

Sei que há diferenças epistemológicas entre as palavras *ação* e *ato*, contudo, quero pedir licença poética para continuar usando o termo *ação* na composição das minhas palavras, dada a sua presença em conceitos como *atuAção*, *experimentAção*, *experiênciAção*, *sensibilizAção*, entre outras que apareceram ou aparecerão nesse diário, para me referir aos *Atos* responsivos e responsáveis do corpo nas suas relações e diálogos, nos quais participamos “com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos” (Bakhtin 2003, p. 348) ...

Ainda sobre os *Atos* do corpo, acredito que defender a *experiênciAção*, me parece um caminho para afirmar outras epistemologias e metodologias que não partem das clássicas dicotomias corpo-mente, razão-sensibilidade, homem-natureza...

Ela guia-nos, assim, para outro norte (sul, leste, oeste, etc.), onde podemos acolher a corporeidade como sede dos encontros, conexão profunda com a natureza e criadora de conhecimentos (Alvim, 2014)...

A corporeidade é aqui compreendida do ponto de vista merleau-pontyano, ou seja, como uma vivência intencional e que, como tal, brota da correlação sujeito e mundo [planeta] no âmbito da experiência. (Alvim, 2014, p. 22)

Rio, o “corpo é presença, é encontro, é cuidado, é inclusão, é contato, é espaço e tempo vividos, é linguagem falada, publicamente silenciosa” (Ribeiro, 2014, p. 14), tal como as suas águas, que criam realidades e mundos nos encontros com as outras vidas no planeta...

A experiência do corpo é motriz de criações e é “a linguagem mais clara do primado da experiência, enquanto instituição do ato que consolida a relação cósmica do espaço-tempo” (Ribeiro, 2014, p. 14)...

É através dele que se apreende os sentidos das coisas, aliás, a experiência corpórea, em ação, funda sentidos, por isso, o conhecimento é entendido aqui como um acontecimento do corpo em movimento...

As artes da cena baseiam-se na “vivência do momento, em sua presença expressiva, materializando no corpo os pensamentos, as reflexões, as sensações e os sentimentos” (Pedroso, 2007, p.3), nas quais, o movimento do corpo em cena, só é possível por meio da experiência vivida através *do* corpo e *no* corpo, do mesmo modo, ser um corpo-rio me convoca à experiência sensível, ao discurso do/pelo corpo e ao conhecimento encarnado...

Ambos: As artes do corpo e a relação com o rio, me convidam a viver a minha corporeidade... (Falamos de uma pedagogia ecocênica ou cênicaecológica?)...

E por experienciar em minha carne é que acredito no reencontro e reencantamento dos alunos-artistas com a linguagem e a sabedoria corpóreas, através das experiências vividas em (e através dos) seus corpos em movimento, sempre em relação com outros corpos, aqui-agora...

Entretanto, ainda encontramos nos processos de educação, incluindo os artísticos e motores, ensinamentos tradicionalmente dicotômicos e dualistas, individualizantes, disciplinadores, racionalistas e pautados exclusivamente na oralidade...

Sendo assim, rio: Como (re)criar pedagogias (eco)dialogicas capazes de reconquistarem e valorizarem a poética da experiênciAção do/no corpo como produtora de sentidos e significAção?

Assumir uma pedagogia ribeira nas artes cênicas, que defenda um corpo-rio é se posicionar esteticamente e eticamente contra as *práxis* antropocêntricas, racionalistas, individualistas, utilitaristas e produtivistas e com elas as suas compreensões do “humano”, do planeta, dos processos formativos e das criações artísticas...

Muitos desses pensamentos se articulam a ideia de que as pessoas “não podem parar e experimentar a vida como um dom e o mundo como um lugar maravilhoso” (Krenak, 2020, p.113), mas mesmo sendo tão pequeno, eu acredito que “viver a experiência de

fruir a vida de verdade deveria ser a maravilha da existência”, pois, “nós estamos aqui para fruir a vida, e quanto mais consciência despertamos sobre a existência, mais a experimentamos” (Krenak, 2020, p.110-111), por meio de uma epistemologia-vida em termos de corpo, enquanto um campo (eco)dialógico, que como você, rio, “escapole, escorrega” (Guedes e Ribeiro, 2019, p. 29) ...

Aqui, o compromisso é com uma formação que desliza, que encontra frestas e alcança a existência dos seus participantes num todo, que flua e se desvie das imposições e muros que separam educação-arte-vida-natureza, que se arrisca nos acontecimentos inesperados dos encontros e que se encante com as miudezas do cotidiano, portanto, que acredita nos atravessamentos...

Com isso, é provável que o maior aprendizado seja o do sentir, perceber e intencionar as vivências experimentadas no momento presente em que se executam e vivenciam-se os seus atos, se engajando, a partir de então, na criação de sentidos e significados, como forma de atuar nas suas realidades imediatas...

Rio, será possível, de nós artistas da cena reencantarmos (à e a): A sabedoria dos sentidos, a intuição, (a)os afetos, as memórias, a alteridade, a palavra como lugar de encontro, (a)os movimentos cotidianos, a expressão cocriada, a linguagem e enunciados do corpo, a despadronização dos gestos (automatizados) e a

possibilidade de reinventa-los com criatividade, como “matérias de poesia” (Barros, 2019) para as nossas Artes e Vidas?

Quando estou com o rio sinto que na criação dos meus movimentos e inVentos, posso experienciar um mergulho na minha historicidade e assim, me aproximar dos meus estilos de fazer contato com os outros e o planeta, além de identificar as vozes que me povoam...

Talvez, seja um processo de descoberta de si e dos vários discursos presentes em meus gestos, já que, a minha história é viva e está inscrita em meu corpo em movimento, ganhando sempre novos significados e sentidos, a partir do diálogo, aqui e agora...

O rio também me conta por onde ele passou com as existências presentes em seu corpo; as pedras, peixes, cobras, folhas, terras, sujeiras, mortes e vidas presentes enunciam as suas travessias (travessuras também) e conversas ribeiras...

Vivenciamos nos encontros ribeiros um corpo em movimento e ele não fala sozinho, fala com e para alguém, já que, “o corpo não é algo que baste a si mesmo, tem necessidade do outro” (Bakhtin, 2000, p. 69), por isso sua natureza é dialógica e “foi feito para se conectar com os objetos e com os outros corpos” (Gil, 2013, p. 55)... É ele quem vive os encontros nas nossas prosas e cenas diárias...

O corpo, sendo expressivo, possui função simbólica e “não é ao objeto físico que o corpo pode ser comparado, mas antes à obra de arte” (Merleau-Ponty, 2011, p. 208), nesse sentido, transformamos os nossos gestos em arte, criando e recriando o mundo e a si, num movimento dialógico e dialético... já que, “se o corpo pode simbolizar a existência, é porque a realiza e porque é sua atualidade” (Merleau-Ponty, 2011, p. 227) ...

A personagem parecida com peixe e jeito de gente d’água e outras que criamos juntos, me levaram a acreditar que eu posso viver/contar muitas outras vidas e histórias, inclusive em outros rios ou em outros palcos, com pessoas, bichos, árvores, montanhas e tudo o que existe (e o que ainda não existia pelo menos para mim)...

Dramaturgia...

É assim que acesso as minhas memórias: pelos corpos-rios que já encenei-vivi, pelas palavras rabiscadas em meu corpo...

Palavras em giros que não possuem interesse em fixar-se através de códigos, ao contrário, são desejantes pelo instante do fonema, do trocadilho, da onomatopeia, da “semente da palavra” (Barros, 2013, p. 431), do neologismo, dos sotaques, dos balbucios e gemidos, das tentativas frustradas de traduzir o inefável das letras cantarolantes, brincantes, saltitantes... Dos antes de serem significado, do pré e do sentido, do arrepio, enfim, de quando ainda

são de “barriga no chão” (Barros, 2010, p.45), e elas vão ganhando algum ou/e muitos sentidos enquanto as escrevo aqui para você...

Só porque você me lê é que elas são o que são, aliás, estão, fuuu... se foram...

Escrever isso aqui é como “carregar água na peneira” (Barros, 2019, p.11) e quem nos desafia à essa pesquisa-educação-arte da provisoriedade? Feita do que não se instala e do que não é feito para se alojar, mas que sonha em ser verbo, outrossim, movimento?

O rio!

Eu já me senti um rio e posso contar essa prosa...

... o dia em que fui rio

num dos ribeirões que correm perto de casa encontrei quem quisesse nadar sobre mim... Eu tinha meus sete anos e era raro sentir-me companhia para alguém... Estavam eles lá, pareciam peixinhos pretinhos balançando seus “rabinhos”, mergulhando para lá e pra cá, até que de repente escolheram a minha pele para deslizar...

Achei tão lindo ser rio e dei um jeito de trazê-los comigo... Como? Minha camisa virou rede e bem rápido para não asfixiá-los corri até minha casa para continuar a cena ou brincadeira... No fundo do quintal havia uma piscina feita de plástico, dessas com capacidade de 500 litros d’água, mas era o suficiente para abrigar os meus novos amigos...

Eram dezenas de “peixinhos” e passamos a tarde toda mergulhando juntos, até que a minha mãe chegou do trabalho e não sabia se ria ou chorava, me batia ou me retirava da água:

- Menino, que nojo! Saia já daí!

Não entendi o desespero e desprezo pelos bichinhos... eu estava tão feliz sendo rio e peixe com eles:

- Mãe, a senhora tem nojo de peixe? olha só como eles nadam em mim?!

- Peixe? Você só pode estar ficando doido menino! Não está vendo que são girinos e que girinos viram sapos? (Retrucou a minha mãe)...

Arregalei os olhos e ri...

Talvez essa nossa pesquisa seja um desses jeitos de ser rio ou de trazer os girinos para casa, alguma tentativa de pertencer e de compartilhar os cheiros, sabores, sons, cores, amores...

De me encontrar e encontrar quem queira nadar comigo e ainda de encorajar quem ainda não lembrou como é ser bicho d'água ou da terra ou do ar ...

De nos deixarmos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nossos espelhos na vida...

De me aproximar do instante e memoriar...

De, finalmente, ser um corpo-rio...

Escrevo com meus girinos para vê-los sapos em outras lagoas, ribeirões e quem sabe mais próximos da vivência do(a)mar...



Aprendeu a dialogar com as águas
ainda que não soubesse nem as letras
que uma palavra tem.

Manoel de Barros

... eu amo essa sua história

de ser um corpo-rio... E quando você “escreve sobre si, escreve também sobre seus outros e suas relações: experiências vividas em determinado tempo e espaço” (Gonçalves, 2019, p. 39), por isso, eu também faço parte dela, aliás, eu também tenho as *nossas* histórias e nelas, os meus dizeres, falares, sonhos... Pena que muita gente tenha se esquecido disso e aprenda “pouco com a fala dos rios” (Krenak, 2022, p.13) ...

Uma pedagogia em fluxos (eco)dialógicos, como você arguiu, requer vocação para ser rio, o qual “ser significa agir” (Bakhtin, 2020, p.99), digo, um corpo-rio, pois, toda mudança só se torna possível através de um *ato* do corpo, de uma experiência sensório-motora...

Toda pessoa (gente ou não) “se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade. Com a sua movimentação, tem por objetivo atingir algo que lhe é valioso” (Laban, 1978, p. 19) ...

O que possibilita-nos mover em cena (e na vida) desde um gesto simples como o olhar para o público, para o horizonte de uma garça ou caminhar em direção ao outro artista ou a uma rã, aproximando-nos para participar das coisas e vidas percebidas é o corpo, porque,

[...] a consciência é o ser para a coisa por intermédio do corpo, e mover seu corpo é visar as coisas através

dele, é deixá-lo corresponder à sua solicitação, que se exerce sobre ele sem nenhuma representação (Merleau-Ponty, 2011, p. 193)

Assim, o corpo-rio torna possível o meu encontro com o outro e que dele eu tenha consciência (me responsabilize responsivamente), e que nesse encontro tenhamos consciência-experiência de nós mesmos...

O ser-humano “é, antes de tudo, um ser falante, que se expressa e interage por meio da anunciação” (Gonçalves, 2019, p. 55), e “os fonemas se constroem no corpo” (Amorim, 2021. p.95), dessa maneira, validar a linguagem do corpo, os seus gestos e movimentos é, também validar o fenômeno da coexistência, já que estamos enlaçados em um mundo (planeta), no qual é possível nos mover e dele participar, de maneira ativa e crítica...

Viver o corpo, aqui-agora é favorecer uma educação baseada nos sentidos e na experiênciAção, e na ética, pois através do corpo-próprio situado, os ribeirinhos também se percebem como partes de um grupo (e da natureza) e participam dele com as suas vidas e criações...

É no contAto que a experiência acontece, e ele “na sua integridade é mais que racional – é responsável” (Bakhtin, 2020, p.81), em função disso, se a educação e a arte acontecem, por meio da experiência em AçãO, só são possíveis, através do contAto, da relAção...

O corpo, neste sentido é a morada de encontros e desencontros perenes e ao teatralizar nunca estaremos sós, pois, nos movemos com alguém e para alguém, e são essas relações que constituirão o “como” dos nossos movimentos, por isso estão sempre se renovando...

Prontamente, acredito que reconquistar os discursos do/pelo corpo-rio, pode ser um possível caminho de formação estética e ética, já que, ao (re)descobrir os dialogismos presentes nos movimentos corporais, além de potencializar a expressão e comunicação cênica dos artistas em formação, permite a inscrita e escrita de si, à alteridade e, os faz participar, de modo responsivo do momento histórico, no qual estão inseridos...

Convidado-os assim a:

[...]encarnar-se em um ser humano real, efetivo [e afetivo], pensante [e sentiente] para *incorporar-se*, com o mundo [planeta] todo do seu existir que lhe é inerente enquanto objeto de seu conhecimento, no existir do evento histórico real, simplesmente como seu momento. (Bakhtin, 2020, p. 49 – *grifo nosso*)

É possível ainda aferir que, diante desta perspectiva experiencial e relacional “cocriadas”, tanto os novos saberes são construídos coletivamente, quanto as suas formas de expressão e linguagem corporais, no caso, os movimentos, gestos e posturas, os quais não são “só é um fato físico, como também é um fato de

significação variada em suas sempre mutantes expressões” (Laban, 1978, p.146)...

Inclusive, quem os criam e os realizam não poderão ser os mesmos, desEnvolvendo-os e transformando-os, mutuamente...

Portanto, ao participarem-experienciarem dos processos, com os seus corpo-rios, quando enunciam/encenam parecem que, além de criarem signos estéticos, representam seus conflitos autenticamente e agem sobre eles, contam e ressignificam as suas histórias e memórias, passam a ter consciência de seus movimentos e posturas, reinventando-os com criatividade a depender dos seus contextos e funções... Igualmente, multiplicam os seus vocabulários corpóreos, desenvolvem habilidades psicomotoras, sociais (e ecológicas)...

Nesse mesmo contexto, os ribeirinhos podem legitimar-se como sujeitos ativos e críticos, passam a fazer parte de um grupo de maneira responsável, aprendendo a ouvir, a encontrar e se posicionar em seus lugares, acolhendo e ordenando opiniões, respeitando as diferentes expressões e manifestações de ser corpo... Além do mais, “[...] somente através da participação responsável do ato singular pode-se sair das infinitas variantes do rascunho e reescrever a própria vida” (Bakhtin, 2020, p. 102)...

Tudo isso, porque primeiro se sentiu convidado a fazer parte de um coletivo, ou antes disso, porque encontrou no discurso do seu

corpo, em seus gestos e movimentos, as vozes de um grupo...

Nossas águas não correm sozinhas, menino, “quando nos movimentamos, nós criamos relacionamentos mutáveis” (Laban, 1978, p. 109), vivemos em relação (eco)dialogica, por isso, nossos enunciados se constituem no diálogo...

Desse modo:

Todo enunciado – desde a breve réplica (monolexêmica) até o romance ou o tratado científico – comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros [...] (Bakhtin, 2000, p. 294)

Criança, “a quem se dirige o enunciado” (Bakhtin, 2000, p. 321) do seu corpo-rio? Como a presença desse outro modula os fluxos das suas águas? E como o fluxo das suas águas alteram os percursos do outro?

Nos encontros ribeiros vivemos essa “alternância dos sujeitos falantes que traça fronteiras estritas entre os enunciados” (Bakhtin, 2000, p. 294), tal como estamos realizando na feitura desse nosso diário, que aliás, é como uma obra e:

A obra, assim como a réplica do diálogo, visa a resposta do outro (dos outros), uma compreensão responsiva ativa, e para tanto adota todas as espécies de formas [...] A obra é uma cadeia da comunicação verbal [e não-verbal] do mesmo modo que a réplica do diálogo, ela se relaciona com as outras obras-enunciados: com aquelas a que ela responde e com

aquelas que lhe respondem [...] (Bakhtin, 2000, p. 298)

Já pensou que as nossas cenas, desde as mais complexas, até as mais simples e minúsculas fazem parte de um diálogo profundo e constituinte?

Quais fraseados do seu corpo-rio são possíveis de participar do diálogo com as paisagens e povoados aqui da ribeira, hein? E nas grandes cidades, como serão os enunciados na conversa com os prédios e concretos? Na escola-rio e na escola-prédio, os corpos-rios serão os mesmos, quero dizer, narrarão as mesmas histórias?

Como nos posicionamos, enquanto interlocutores na criação dos diálogos com os nossos alunos-artistas ribeirinhos? As nossas aulas e mergulhos fomentam quais enunciados nos seus corpos-rios?

Como tem sido o *acabamento* dos nossos enunciados, afim de abrírmos espaços para os enunciados deles?

Visto que:

O acabamento do enunciado é de certo modo a alternância dos sujeitos falantes vista do interior; essa alternância ocorre precisamente porque o locutor disse (ou escreveu) *tudo* o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas. [...] É necessário o acabamento para tornar possível uma reação ao enunciado. (Bakhtin, 2000, p. 299)

Se os nossos enunciados contribuem na elaboração dos enunciados dos nossos alunos-artistas, uma vez que, “o papel dos

outros, para os quais se elabora, como já vimos, é muito importante” (Bakhtin, 2000, p. 320), quais e como tem sido as nossas últimas palavras-corpo no processo de criação-educação?

Para mais, se os nossos enunciados se criam no diálogo, do mesmo modo, as nossas existências se fazem na relação, portanto, “se o sujeito é construído nas suas relações, por meio da interação que acontece no jogo das vozes sociais, o aluno é constituído pelo professor e vice-versa” (Gonçalves, 2019, p. 67) ...

Há palavras-rios que nos atravessam, menino e essas águas compõe os fluxos das nossas e vice-versa, tamanha responsabilidade e poesia (na vida e na educação) ...

A bordo dessas conversas, “ao dialogar com o texto do outro, compreendo-me, mudo meu estado, renovo meus conceitos [...]” (Gonçalves, 2019, p. 20), marisco as minhas próprias palavras, assino os meus atos irrepetíveis e singulares, “afirmo ou nego diferentes vozes que me constituem” (2019, p. 20) e participo da composição das paisagens e povoados, da natureza...

Aí está o meu corpo-rio, concretizado no meu *ato* único, intransponível, responsivo, efêmero, impermutável, provisório, transitório, impermanente, em fluxo...

Corpo ético e estético, vivido, a partir do meu “não-álibi no existir, seja o ato-pensamento, seja o ato-sentimento, seja o ato-ação, são efetivamente empurrados aos limites extremos do existir-

evento” (Bakhtin, 2020, p. 111) ...

Nessas conversas ao longo das correntezas, conheci um estudioso do movimento humano (e acho que dos rios também) que foi considerado um dos maiores teóricos da dança do século XX, para mim, ele tem nome de peixe e se chama Rudolf Laban (1879 – 1958) ... Sua obra tem relevância para distintas áreas, tais como: Artes Cênicas, Educação e Psicologia...

A experiência do corpo em primeira pessoa, tal como a experienciAção através do corpo são os fundamentos da sua obra... Inclusive, seus estudos contribuíram, significativamente, no fortalecimento de uma educação estético-somática, que rompeu com o dualismo cartesiano sobre o ser humano e o compreendeu na sua totalidade em unidade...

Na Eukinética ou Expressividade, compreendida como a “teoria e prática desenvolvidas por Laban, onde qualidades dinâmicas expressam a atitude interna do indivíduo com relação a quatro fatores” (Fernandes, 2002, p. 102) sendo eles: fluxo, espaço, peso e tempo, podemos verificar a inseparabilidade entre o corpo-mente-espaço(natureza)-outro e a sua percepção sobre um corpo que é experiência e linguagem...

Ele não buscou encontrar o “que é universal, invariável, mas o que há de mutável, de particularidade em cada movimento, o que há de expressivo e funcional” (Almeida, 2004, p.59), de autoral...

Assim, Laban evidencia ter reconquistado uma educação do movimento, a partir da experiência encarnada, do discurso pelo corpo, e da integração psicossomática, onde “a consciência da forma é promovida em ligação com os esforços propositalmente pesquisados... A relação Esforço/Forma é o princípio norteador desse trabalho” (Azevedo, 2004, p.68)...

Esse processo de experienciAção, além de dar ferramentas ao ator em formação, tanto para o seu treinamento corporal e cênico (presença, espontaneidade, domínio dos movimentos, etc...), quanto para a criação de sua máscara corpórea, personagem ou obra artística, pode se revelar um caminho de educação pelos sentidos e pela motricidade, capaz de valorizar a sabedoria e historicidade inscritas no corpo, como fundadoras de significados e agentes de transformação pessoal e coletiva...

O movimento, portanto, revela evidentemente muitas coisas diferentes. É o resultado, ou busca de um objeto dotado de valor [...]Suas formas e ritmos mostram a atitude da pessoa que se move numa determinada situação. Pode tanto caracterizar um estado de espírito e uma reação, como atributos mais constantes da personalidade. O movimento pode ser influenciado pelo meio ambiente do ser que se move. (Laban, 1978, p. 20)

Nesse sentido, não só nos expressamos através do corpo, como também, todas as formas de relações humanas têm como origem a experiência psicomotora...

Da mesma forma, a relação é responsável pela constituição do sujeito, pela sua autopercepção e pela construção da sua linguagem, já que “o corpo é nosso instrumento de expressão por via do movimento” (Laban, 1978, p. 67):

Quando tomamos consciência de que o movimento é a essência da vida e que toda forma de expressão (seja falar, escrever, cantar, pintar ou dançar) utiliza o movimento como veículo, vemos quão importante é entender esta expressão externa da energia vital interior (coisa que podemos chegar mediante o estudo do movimento). (Laban 1990, p.100).

É na relação corpo-outro situados num tempo-espço que essa experiência de si e do outro se configuram, de maneira dialógica, ambos afetam e são afetados pelos movimentos e percepções uns dos outros...

[...] quando criamos e nos expressamos por meio da dança, quando executamos e interpretamos seus ritmos e formas, preocupamo-nos exclusivamente com o manejo de seu material, que é o próprio movimento. Por meio dos movimentos de nosso corpo, aprendemos a relacionar nosso ser último com o mundo exterior. Recebemos de fora impressões que nos fazem reagir e, assim mesmo, projetarmos para fora nossos impulsos internos espontâneos, com o que expressamos a presença da energia vital. (Laban, 1990, p. 108).

Na sala de aula, ensaio ou beiras, os ribeirinhos recriam, mutuamente os significados para os seus movimentos cotidianos, o

ato do movimento ressignifica a história, a memória e os sentidos inscritos nesses gestos... Ao se movimentarem com consciência, os educandos reescrevem no espaço-corpo e espaço-planeta as suas impressões, “como poesia das ações corporais no espaço” (Laban, 1978, p. 52) e leem às suas maneiras essas poesias que emergem desses encontros...

Para Laban, o movimento se organiza como linguagem e é passível de ser analisada...

Logo, ao se sensibilizarem à escrita e ao discurso do corpo, os ribeirinhos (aprendizes de rio) têm a chance de agirem sobre ele, fazendo as combinações e variações dos seus movimentos e posturas, de forma consciente e criativa, segundo as suas intenções, a depender dos contextos, com expressão-função, num “processo de busca da linguagem pessoal de movimento” (Fernandes, 2006, p. 335):

[...] o caráter das pessoas em atividade é melhor expresso em termos de movimento, ou seja, através dos elementos Espaço, Peso, Tempo e Fluência, na medida em que se revelam nas ações corporais. Estes elementos comportam a chave da compreensão daquilo que se poderia chamar o alfabeto da linguagem do movimento; e é possível observar e analisar o movimento em termos desta linguagem. (Laban, 1978, p. 167)

Se entendermos o movimento como sendo o discurso do corpo, e considerarmos a linguagem uma construção social e

desenvolvida a partir da relação, poderemos pensar o movimento e seu desenvolvimento dialogicamente...

Os movimentos isolados são evidentemente apenas semelhantes às palavras ou às letras de uma língua, não dando nenhuma impressão definida, nem tampouco um fluir coerente de ideais. A fluência de ideias deve se expressar em sequências de movimento como as sentenças da fala. (Laban, 1978, p. 141).

Para compreender os processos de criação dos discursos do e pelo corpo, é preciso levar em conta as relações e interações sociais, culturais e ecológicas dos alunos e artistas, dentro e fora do processo educativo, assim perceberemos o caráter (eco)dialogico constitutivos dos seus enunciados-movimentos...

Já que, “o dialogismo não se expressaria apenas por meio das palavras faladas ou escritas, mas também naquelas subentendidas em nossa comunicação verbal ou não-verbal” (Scorsolini-Comin e Santos, 2010, p. 749)...

Entender os signos como produtos da interação humana não anula as suas singularidades, pois ele só poderá emergir da relação entre dois ou mais moventes individuais. “Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra” (Bakhtin/Volóchinov, 2014, p.34)...

Atribuir dialogicidade ao movimento, também é acolher a história e o contexto dos ribeirinhos, convidando-os a agirem de

maneira responsiva nas atividades e procedimentos de vivência corporal, porquanto, precisam estar presentes, na sua totalidade e serem integrados como partes fundamentais para o acontecimento educacional-artístico, seja numa série de exercícios corporais, num jogo teatral, na construção de uma cena ou na composição de uma paisagem povoada...

Ao se movimentarem, os corpos-rios atualizam e reorganizam os rituais cotidianos e reinventam seus papéis no coletivo, afetando-os, mutuamente e gerando transformações no contexto, no qual se inserem...

Nas teatralidades de seus corpos estão vivas as teatralidades das suas interações, e é desse entremeio “eu-o-outro” (Bakhtin, 2000, p. 43-44) que surgem as dinâmicas para o movimento e o configura como enunciado, portanto, um corpo-rio...

Sendo assim, criança, diante de tantas dessensibilizações propostas e vividas pelas instituições e pessoas nos seus processos de formação e criação, eu indico voltar a “escutar a voz do rio, pois eles falam. Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos” (Krenak, 2022, p. 27)...

Desejo que você e as outras crianças continuem querendo nadar com os girinos, peixes, pessoas, pedras, palavras e em cada

novo mergulho, um novo sentido, uma nova educação, uma nova arte...



Eu queria ser chão no tempo do Desprezo
para que sobre mim os rios corressem.

Manoel de Barros

... *Rio, descansei no remanso*

das suas palavras doces...

Comecei a sentir umas pontadas na barriga, fui dormir e sonhei (acho que com o corpo):

- Estrada de terra, árvores, céu ainda nublado, sozinho... Sinto a mãozinha quente segurando a minha e, de repente, eu não estava mais só, como antes... Um menino tagarela, não parava de falar e eu só sentia vontade de voltar a caminhar, a sós... Ele me contou como contornava a cidade para não precisar passar pelo centro e, que assim o fazia todo dia ao ir para a escola... Disse que doía os comentários sobre os seus gestos e palavras saltitantes, o chamavam de bicho, aliás, se assim fosse ele sorriria, diziam que ele era “bichinha” e, apesar de não saber o que aquilo significava, sabia o seu sentido, dado pelos olhos violentos, risos sádicos e palavras afiadas das outras pessoas... Assim, encontrava desvios para chegar sem xingamentos, não queria ser visto...

Me contou de quando brincava de pique-esconde, mas nunca era encontrado, me contou da vontade de rebolar e rebolava, escondido...

- Psiu! Pare de falar tanto! – eu disse ...

- Mas, as palavras da criança foram se transformando num choro que escorreram pelos meus olhos (ainda chovo, enquanto escrevo)... Olhei para o lado, um cãozinho todo machucado, queria ele levar para a casa, mas moro com os meus pais... Na barriga um tumor... Ele me seguia e eu, por alguns minutos cuidava dele... A criança? Não sei onde foi parar...

O bicho me seguiu estrada a fora e quando entendi que não podia cuidar dele, no entanto ele continuava a me seguir, parei e disse:

- Vá pra casa! (Não sei se tinha uma)...

- Ele baixou as orelhas e eu corri, corri rápido e mais rápido... Espiei e ele estava lá no mesmo lugar, sozinho...

Imaginei ter deixado o menino para trás... chorei...

Quando acordei, corri para o nosso diário e me lembrei de um conjuntinho de moletom lilás, que eu só usava em datas importantes para ir à escola... Que lindo ele era!

Acordava mais cedo do que o costume, me vestia com a roupa preferida (parecia uma violeta) e contornava a cidade para chegar até a escola... Mas, quando eu chegava na sala falava baixinho, depois falava sem voz, e... Até que falava só para dentro...

O menino, a estrada e o cachorro me fizeram querer celebrar esse nosso encontro... Não tenho mais o moletom lilás, contudo, uso a minha camisa preferida: Camisa de botão, manga curta, laranja, na estampa flores vermelhas e amarelas com folhagens verdes, mas, descalço para entrar nesse lugar que estamos inscrevendo...

Quero lhe dizer que hoje não preciso mais contornar a cidade quando volto para casa, todavia, esses dias lhe escrevendo, em especial hoje após os caminhos em direção ao meu menino e de volta até você, me dei conta de quanto a pesquisa que me atrevo a realizar, também é uma tentativa de não precisar mais dar voltas e voltas para evitar o encontro, por medo de não ser encontrado, ou ter meu corpo-rio represados...

Eu quero, sempre que possível atravessar pelo meio, desejo os riscos da experiência, a imprevisibilidade do encontro, quero viver os meus *atos* e as minhas palavras únicas, escrever a minha história com o meu corpo-rio pelos caminhos da cidade...

Escuto o vento anunciando a chuva... Águas... Uma nascente que vira rio, rasga a superfície, molda rochas antigas, se esvai, ganha volume, é poluído, se purifica, muda de cor, evapora, faz chover, alimenta, inunda, rompe fronteiras, torna-se limite, é casa, expulsa povoados, cascadeia, represa, ganha força, correnteza, faz-se estrada, enxurrada, tromba d'água, afoga, é deusa, monstro,

redemoinho, volta a caminho do mar... Tudo pelo encontro... Quer ser com o (a)mar, viver o instante que é ser rio-mar...

Por hoje, preciso me despedir, se aproxima uma tempestade e uma sombra está cobrindo as minhas águas... Vou acender uma vela que dê conta de iluminar os cantos no escuro, caso eu sinta medo de enxergar...

Vou pedir às águas que levem meu abraço...

Até logo, rio, meu amigo...

Do lugar onde estou
já fui embora.

Manoel de Barros

... rio também dorme

e hoje eu acordei com desejo de nascenças e me lembrei de quando fui mina d'água exposta na beira de estrada, onde há folhas secas, pedras, insetos, poeiras, bichos vivos e mortos, onde muitos matam as suas sedes e se refrescam para seguirem as suas trilhas... Engraçada essa expressão “matar a sede”, não é? Como a morte, a vida é instante e morrer/nascer me parecem ser feitos da mesma matéria: o movimento...

Espiramos sem deixar de sentir os nossos pés encharcados ou pintados de sangue (aqui a nossa terra é vermelha) notando que, passado presente e futuro não existem como experiências isoladas, e sim como realidade... A sensibilidade do nosso corpo comunica sobre essa trama chamada vida, assim como um tecido rendado somos feitos pelo tempo-espaco-outro...

Eu me perco, às vezes nos outros que tecem comigo essas malhas molhadas, sejam eles rios, como eu, ou árvores, pássaros, peixes, pedras e pedros, porém, sei que eles me contarão também quem sou eu e neste instante eles existem para que eu me reencontre, e mesmo não deixando de ser rio deixarei de ser o mesmo, já que, o “ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (Bakhtin, 2017, p. 58)...

Eu e todos esses que comigo caminham estamos transientes, nos arriscando ao espanto e ao confronto de vozes, valores e

entonações que é a alteridade - [*edadiretla*] desse jeito assim, como acontece nos reflexos dos meus espelhos d'água, onde tantas gentes se assustam com as suas próprias imagens, pois, o duplo se revela incomodo e/ou libertador de si mesmos, para então assumirem tantas outras maneiras de existir, de *ir – além – da forma*, ou como sugere o seu significado, de viver a *trans-form-ação*...

Sendo rio, não me atrevo a dizer que ando só, nem que meu jeito de pensar, dizer, sentir ribeirinho seja algo que brotou comigo na minha primeira gota d'água...

Vou me inventando rio na relação com toda essa paisagem e povoado, que comigo configuram cada um desses instantes que somos capazes de revelar...

Por exemplo, se você olhar para nós agora, num piscar de olhos já teremos organizado uma outra imagem para você contemplar ou melhor, participar ou pensava que tudo o que você experiencia já nasceu assim?

Desde as histórias, linguagem, língua, sotaque, corpo, posturas e gestos são obras desse todo do qual você participa, dessa paisagem que você, junto, configura e que por motivos óbvios (não somos fotografias) é sempre transitória e nos coloca em movimento...

Imagine agora que somos todos rios e as nossas águas estão mergulhadas em valores, crenças e contextos socioculturais (eu

também sei falar difícil, viu?) que dão o contorno para as nossas travessias, além disso, quando chegamos nessa parte do nosso percurso (seja na vida ou em qualquer enunciado que participamos) alguém já estava aqui e já começava a contar essa prosa que por algum motivo nos sentimos convidados a participar... Também fomos aprendendo com todo esse povoado os nossos jeitos de ser rio, decidindo pouco a pouco, com as nossas experiências quais caminhos seguir...

Em algo somos prevenidos, pois, antes de respigar qualquer palavra por aí já tentamos antecipar como ela será quista (bem ou mal) e essa precocidade ajuda-nos (ou não) a escolher a quantidade e/ou qualidade de água que iremos lançar...

O enunciado, deste modo é como as minhas águas correntes e:

[...] está ligado não só aos elos que o precedem mas também aos que lhe sucedem na cadeia de comunicação verbal. No momento do enunciado está sendo elaborado, os elos, claro, ainda não existem. Mas o enunciado, desde o início, elabora-se em função de eventual reação-resposta, a qual é o objetivo preciso da sua elaboração. (Bakhtin, 2000, p. 320)

Criança, a vida (jeito de ser no mundo) é o enunciado concreto da nossa existência e será sempre dialógica ou melhor, (eco)dialógica (não precisava usar o eco, eu sei, mas, os caras de

gente tem mania de não nos incluir na vida, então o escrevo, como manifesto, para que a minha voz continue ecoando em vocês)...

Reafirmo que como as minhas águas:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Mesmo os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo. [...] *Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação.* (Bakhtin, 2017, p.79 – grifo nosso)

Portanto, tudo o que criamos participa de uma paisagem povoada e ela é muito maior do que o nosso eu solitário (que por si só já manifesta uma imensidão de sistemas e constelações), é como se fossemos formando juntos uma corrente de águas quentes (ou frias) que permanecerão em curso possibilitando a criação e renovação de sentidos para as nossas experiências vividas, e

essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. (Bakhtin/Volochínov, 2014, p. 34)

Em vários momentos somos lavados por essas águas, estejam elas em forma de correnteza, cachoeira ou igarapé, todas

são capazes de oxigenar e revigorar os cursos da nossa vida... Por isso, o nosso discurso é vivo, múltiplo, contraditório, é ação! E sua condição dialógica está na base de toda e qualquer interação (inclusive na nossa: criança-rio e rio-criança)...

Você que nos lê agora, preste atenção!?

Quando eu e o menino enunciamos juntos a seguinte expressão:

- *Ah. !*

Você sabe o que ela quer dizer?

Vou te contar onde estamos e o que estamos vivendo para que ela aconteça, talvez faça algum sentido (finalmente):

- Estamos num final de tarde, à luz do sol, que quase poente, nos ilumina com tonalidades avermelhadas, deixando as nossas sombras douradas nas pedras onde se refletem Quem o anuncia: são os pássaros da vila, que pouco a pouco se aninham nos galhos da figueira, lá no alto daquela pequena montanha; as capivaras que mergulham próximas das beiras, os filhotes vão atrás com confiança até se aconchegarem ao lado de suas mães; os peixes que agradecem felizes com saltos ornamentais e os pescadores que recolhem as suas varas e alimentos com um sorriso farto no rosto...

Até que, e em nossa direção, no raso da água pousa uma garça branca, equilibrando-se em uma das suas pernas, de asas abertas, como se quisessem nos abraçar e com o pescoço alongado se lava, banhando-se pena a pena parecendo estar grata pelo dia vivido e pelo descanso tão merecido... É como se quisesse celebrar o seu batismo e dar boas-vindas ao novo dia, que em algumas horas despontaria...

Ela dançava com graça e harmonia o seu ballet em adágio, renunciando um dia bonito, calmo e resistente...

Nós então, encantados, agradecidos e confiantes sonorizamos em coro: - Ah...!

Antes que eu continue, preciso dizer sobre a Garça que vem mariscar em minhas águas: Ela é linda!... Apresenta espetáculos inéditos nos entardeceres para as crianças ribeiras, fazendo-nos abrir as asas para os próximos dias que chegarão ao som das maritacas e a luz do sol...

Você já viu uma garça dessas?



Para tudo o que nos é possível ser compartilhado e vivido, conjuntamente, somos capazes de atribuir sentido...

Dito isso, como encontrar o sentido da expressão:

- *Ah...*

Vamos lá - é como numa obra de arte... Você está diante dela, até que num instante algo se destacará como figura na sua percepção... Será quase impossível compreender a obra somente através dessa única figura, sem que ela esteja relacionada ao seu fundo... Pois, integrados, a figura e o fundo organizam o todo da obra, capaz de enunciar o que se propõe...

Nela estão presentes - a técnica escolhida, o seu conteúdo, o momento em que foi criada, a história do seu autor com o mundo de signos em que ele e a sua obra estão inseridos, o olhar de quem os recebe e dá os seus próprios acabamentos - dentre uma infinidade de elementos que são possíveis de serem analisados como parte desse todo que se organiza, a partir dos diálogos (anteriores, atuais e posteriores à obra)...

Em todos os casos, não lidamos com a palavra isolada funcionando como unidade da língua, nem

com a significação dessa palavra, mas com o enunciado acabado e com um sentido concreto: o conteúdo desse enunciado. A significação da palavra se refere à realidade efetiva [e afetiva] nas condições reais da comunicação verbal [e corporal]. (Bakhtin, 2000, p. 310)

Por isso, para nós seria impossível não se encantar com a donzela de plumas brancas, mas e para você?

Se você estivesse aqui, nesse espetáculo relatado, qual seria a sua reação? Compreenderia tal bailado?

A significação e “a entonação expressiva não pertence à palavra, mas ao enunciado” (2000, p. 310), então, se eu te dissesse em palavras de rio, conseguiria entender a minha pronúncia?

Criança, é preciso considerar os contextos dialógicos presentes na criação dos discursos do corpo, que, muitas vezes são analisados como respostas fisiológicas e inatas ao funcionamento do organismo e perde-se de vista as experiências vividas, deslocando-os das suas histórias e das suas realidades efetivas (e afetivas)...

Todavia, o corpo e os seus gestos, movimentos e posturas, tal como o discurso verbal não pode existir “separado do falante, de sua situação, de sua relação com o ouvinte e das situações que os vinculam [...]” (Bakhtin, 2017, p.44) ...

Menino, venho pensando sobre o contexto que oferecemos e ainda poderemos oferecer nos processos de formação-criação

acontecidos aqui na ribeira... Me preocupa que muitas das pessoas não se encantem mais com a vida vivida em sintonia com a natureza, que não experimentem o alvorecer dos peixes que procuram na boca do rio o alimento para as suas piraporas, digo, para os seus nados contra a correnteza na procura de um remanso para as suas crias...

Crianças ribeiras, assim como os peixes, sabem ouvir os silêncios do rio e lá reencontram um lugar seguro para as suas experiências, mas e as pessoas grandes?

Em quais contextos (eco)dialógicos criam as suas palavras e com elas a si?

Sentem sede das palavras de rio, será?

Sabem conversar com as minhas águas, árvores, montanhas, formigas, abelhas, lua ou com as crianças do/no chão?

Não tenho dado tamanha importância às palavras desconectadas da realidade da natureza, pois, longe dela tudo não passa de mera abstração... Podemos discursar manifestos, direitos, lutas, juramentos e declarações, contudo, se não existir a Terra, não haverá vida, não havendo vida, não existirá a palavra...

“Alguns povos têm um entendimento de que nossos corpos [e seus discursos] estão relacionados com tudo o que é vida, que os ciclos da Terra são também os ciclos dos nossos corpos” (Krenak, 2020, p. 45), então, desconectados desse dicionário vivo, o que e

como discursaremos (ou estamos discursando)? Quais teatralidades encenaremos (ou estamos encenando) distanciados da nossa realidade ecológica?

É preciso recordar que o ambiente é vivo e nessa relação organismo-ambiente encorpamos conhecimentos e criamos movimentos-palavras-sentidos sobre a experiência desse encontro, mas:

É a implicação do corpo no ambiente, que cancela a possibilidade e entendimento do mundo[natureza] como um objeto aguardando um observador. Capturadas pelo nosso processo perceptivo, que as reconstrói com as perdas habituais a qualquer processo de transmissão, tais informações passam a fazer parte do corpo de uma maneira bastante singular: são transformadas em corpo. Algumas informações do mundo são solucionadas para se organizar na forma do corpo – processo sempre condicionado pelo entendimento do que o corpo não é um recipiente, mas sim aquilo que se apronta nesse processo co-evolutivo de trocas com o ambiente. E o como o fluxo não estanca, o corpo vive no estado no sempre-presente, o que impede a noção do corpo recipiente. (Greiner, 2005, p. 130).

Desse modo, o movimento é o aspecto visível do espaço-ambiente-natureza-cultura (internos e externos) (Laban, 1966) e pode viver rios, montanhas, ruas, torres, estradas, casas, céus, cachoeiras, nuvens, postes, paredes, árvores e (a)mares em seus corpos...

O movimento é, por assim dizer, arquitetura viva – vivendo no sentido de mudar de lugar e de mudar a

coesão. Essa arquitetura é criada por movimentos humanos e é composta de caminhos que traçam formas no espaço, e isso podemos chamar de rastros da forma. (Laban, 1966, p.5)

“A vivência é os rastro de sentido na existência” (Bakhtin, 2000, p. 129), então, quais rastros temos deixado nessa realidade efetiva e afetiva que é o Planeta? E como a natureza tem sido um referencial no rabisco dos nossos enunciados?

A natureza é um achadouro (e eu aguadouro) de palavras-corpo, com as quais todes podem dialogar e vivenciar as suas criações...

Contudo, as pessoas parecem insistir em dizer-viver:

- Estamos viciadas “[...] em modernidade. A maior parte das invenções é uma tentativa de nós, humanos, nos projetarmos em matéria para além dos nossos corpos. (Krenak, 2020, p. 17)

Essa ideia de descolamento da natureza para viver “numa abstração civilizatória, é absurda” (Krenak, 2020, p. 22) e isso inclui descolar da natureza os enunciados produzidos pelos nossos corpos... “Tudo é natureza” (Krenak, 2020, p. 17) e não podemos excluí-la do processo de criação dos nossos discursos, das nossas teatralidades e danças, outrossim, é preciso considera-la como como uma realidade, um contexto dialógico, logo, eco-dialógico...

Podemos dizer que “partindo do enunciado, os diálogos com a natureza, com as relações, com as maneiras de ser e estar no

mundo são possíveis” (Gonçalves, 2019, p. 63), porém, não haverá enunciado e diálogos se não houver a natureza...

A arte, a educação e as ciências precisam considerar em seus estudos o ser humano social, cultural e ecológico, caso contrário, estará reproduzindo metodologias desconectadas da realidade a priori e falseando experiências sem carne, osso, moléculas, história, atos, vida...

Há muitos *piás* (re)criando as suas narrativas nas beiras das minhas águas e elas movem grandes e minúsculos espetáculos, mas ainda são poucos que contracenam ao nosso lado... Vocês já se perguntaram:

- Por que essas narrativas não nos entusiasmam? Porque elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente? (Krenak, 2020, p. 19)

Por que deixaram de aprender e criar nas/com beiras e ribeiras? Você que nos lê: Como tem participado do diálogo com as águas dos rios, estejam eles no centro, periferia, soterrados ou voando pelas suas cidades? Qual o seu compromisso estético e ético com o contexto ecológico? Como transformá-lo ou considerá-lo em

sua riqueza dialógica na construção dos seus sentidos e dos seus corpos-enunciados?

Devemos nos preocupar mais em nos “envolver” do que nos desenvolver (Krenak, 2020, p. 24), pois, essa mania, somente “nos dá sensação de poder, permanência, a ilusão de que vamos continuar existindo” (Krenak, 2020, p. 17), mas viver (aprender e criar) é estar em fluxos (eco)dialógicos, isso significa que o “inacabamento é assim o princípio estético a partir do qual é possível considerar a *poiesis* do dialogismo” (Machado, 2010, p. 84) e as (mu)danças sob as águas da chuva (o viver vivendo)...

Insisto:

- O que te dizem, hoje, as águas dos rios do lugar onde você mora?

Se não é um ribeirão, ainda dá tempo, criança, é só se achegar... Amanhã teremos uma nova programação quando a luz se findar, quem sabe você faça parte do elenco? Há de estar presente a bailarina de plumas brancas com os seus passos de entardecer primaveras...

“O ser que se autorrevela não pode ser forçado e tolhido. Ele é livre e por essa razão não apresenta nenhuma garantia [...]” (Bakhtin, 2017, p. 59), então, podemos te batizar com um novo

nome, o que acha? Como gostaria de experienciar o seu corpo-rio, aqui-agora? Qual nova história você quer narrar nesse presente tão efêmero como as minhas águas?

Eu mesmo já fui bica, trilha, riacho e sonho com o (a)mar...

Tantas palavras aprendidas que não sei dizer, exatamente, onde começam as minhas e terminam as suas, contudo, as assino com afeto (efetivamente), também não sei afirmar, com precisão, o que é passado, presente ou utopia, o que é palavra-rio, palavra-pedro, palavra-tese, palavra-sua, contudo, continuarei rascunhando o meu texto (vida) com as poeiras que nos sobram das experiências vividas-sentidas-sonhadas e ele será um texto-nascente, texto-rio ou texto-mar? Trânsito será? Encontro! Mu-dança...

Nos presenteia João Cabral de Melo Neto com o seu rio-poema:

Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama;
onde o homem
onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem. (2012, p. 22-23)

Agora, só posso me comprometer (e acredito que o menino também), com uma escrita-vida e uma pesquisa-vida (Godoy; Ramallo; Ribeiro, 2022) que aconteça assim: “em permanente processo” (Salles, 2011, p. 34), no fluxo dos encontros (eco)dialogicos, sem medo de misturá-la às palavras outras e ser com elas sempre um nascimento...

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palaras que me aceitam como sou – eu não aceito.

Manoel de Barros

...já que o rio falou sobre nascenças

Escreverei mais um “gesto inacabado” (Salles, 2011), que nasceu bem pertinho do rio, com a chuva, da experiência de chuveirar com o corpo-nuvem, novos sentidos para algumas memórias envelhecidas pelo tempo, mas revividas em “forma renovada (em um novo contexto)” (Bakhtin, 2017, p. 79), através das artes da cena...

“Dita, Benedita!”¹⁰ é o nome de um grupo de Teatro, Dança e Educação Somática¹¹, para mulheres-nuvenas que sentem vivenciar um processo de envelhecimento...

Inicialmente, foi idealizado para mulheres com mais de sessenta anos, contudo, muitas de setenta e até mesmo de oitenta anos recusam o convite por não se “enquadrarem” num grupo para pessoas “velhas”, além disso outras entre vinte e cinco e trinta anos pedem para participarem da oficina...

Por isso, atualmente, o grupo é aberto e chegam muitas Beneditas, cada uma com os seus pés e neles os seus caminhos...

¹⁰ O Projeto foi fundado e é coordenado por mim. Se iniciou em 2016 no Município de Araçatuba/PR. Atualmente, se realiza no município de Ribeirão Claro/PR.

¹¹ Campo teórico e prático composto de métodos cuja intervenção pedagógica investe no movimento do corpo, visando a manutenção de sua saúde e o desenvolvimento de faculdades cognitivas e afetivas da pessoa através de uma mudança de hábitos psicomotores contra produtivos. (Bolsanello, 2010, p.20).

Mas, de modo geral, o que acontece em um encontro do grupo “Dita, Benedita”?

Ao chegarem no espaço, as mulheres-nuvs deixam os seus sapatos e meias na porta, e o habitam... Começam com uma forma de espreguiçamento ativo, dando atenção às possibilidades de movimento que seus corpos realizam... Sentem as regiões mais fragilizadas e investigam formas de otimizar os seus gestos... Encontram os seus pontos de apoio, regiões do corpo e posturas que reconheçam estar em coordenação e em ação saudável... Se esforçam para permanecer no aqui e agora, em contato com a respiração, liberando-a gradualmente...

Procuram estar atentas e na escuta da experiência somática e ecológica dos seus corpos na relação com os corpos do espaço, e as possíveis conversas que o corpo já realiza com os elementos do espaço, através das mudanças em seu ritmo, forma e sensações – como sinto o espaço-corpo e o corpo-espaço? Quais gestos e mudanças minúsculas já sou capaz de perceber-sentir nessa relação entre a pele do meu corpo e a pele do mundo(planeta)?

Já que:

Embora invisíveis, o espaço, o ar, adquirem texturas diversas. Tornam-se densos ou tênues, tonificantes ou irrespiráveis. Como se recortassem as coisas com um invólucro semelhante à pele: o espaço do corpo é a pele que se prolonga no espaço, a pele tornada espaço. Daí a extrema proximidade das coisas e do corpo.” (Gil, 2013, p. 45).

Há uma continuidade entre as nossas peles corpo e pele mundo-planeta-natureza, então, como percebo os contornos que o espaço realiza em meu corpo e eu realizo em seu corpo-espacial?

Em sintonia com o espaço interno-externo, elas torcem os seus corpos, direcionam as suas estruturas ósseas, a partir dos seus corpos-lugares, onde residem os seus “centros de valores” (Bakhtin, 2020, p. 33) para as várias direções espaciais - nas suas dimensões, diametrais e diagonais - ativando o maior número de músculos possíveis, ganhando espaços em suas articulações, alcançando outros corpos-lugares e com eles outros *centros de valores*, até que nesse diálogo, aos poucos se tornam mais pulsantes, conectadas e conscientes (*responsáveis*)...

Geralmente, realizamos caminhadas pelo espaço e a percepção é voltada para os pés, para como eles apoiam e sustentam, para como se dão suas passadas e as transferências de peso de um pé para outro, e ainda, para como isso reverbera em todas as suas cadeias musculares, desde os pés até a cabeça...

Recursos como bolinhas e bambu ajudam a massagear as plantas dos pés numa experiência de sentir, reconhecer e mobilizar, sendo que, cada uma dessas ações se conectam às mulheres e às suas diferentes maneiras e possibilidades de contato e movimento...

Apesar da atenção estar voltada para os seus pés, todo o corpo está envolvido, portanto, o corpo adormecido trata de voltar

a vibrar e os antigos gestos, retrações e compressões encontram espaço para atingirem suas solturas, possibilitando o descondicionamento de padrões posturais e gestuais enrijecidos durante a vida (vivida)...

De olhos abertos, com o corpo todo, se comunicam, se afetam e se atravessam mutuamente, respondendo umas às outras com as suas danças no espaço...

Sendo assim, vivem os seus movimentos como numa espécie de “arquitetura corporal e arquitetura do espaço, em que o corpo modifica e é modificado pelo espaço ao seu redor” (Fernandes, 2006, p. 265) ...

Mas, para isso, “o corpo tem de se abrir ao espaço, tem de se tornar de certo modo espaço” (Gil, 2013, p. 48), como numa conversa, onde os seus gestos são linguagens que experimentam dinâmicas de movimento-tempo-espaço em cada encontro e desencontro umas com as outras e entre elas e a paisagem, durante a investigação...

Enquanto se movem, parecem sentir os seus corpos vivos, dançam, teatralizam e atualizam as suas memórias, experiências vividas, sonhos e pesadelos na companhia umas das outras... Vivem “um corpo que se abre e se fecha, que se conecta sem cessar com outros corpos e outros elementos” (Gil, 2013, p. 53) ...

O espaço de criação, aos poucos vai se tornando um palco para as suas memórias, que algumas vezes chegam em pingos, noutras são inventadas, revividas e recriadas... Mas, é sempre uma nova chance, para que elas experimentem os seus corpos, e neles as suas existências, pois “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje as experiências do passado. Memória é ação” (Salles, 2011, p. 105)!

O convite é: Se sentir sentindo!

A cada encontro, uma percepção do fenômeno envelhecer... Assuntos comuns, cotidianos que, quando se transformam em movimento, através do corpo em cena, podem ganhar novos significados...

O fAto de viverem os seus corpos e escreverem com ele no espaço, já é um convite à vida na sua inteireza...

Sendo assim, as aulas são pensadas, para que as mulheres possam criar sentidos para os seus processos de envelhecimento, assim como narrarem as suas memórias e encenarem as suas existências, através das suas corporeidades e teatralidades, considerando sempre a relação eu-outro-espaço como contato e suporte para essas experiências...

A velhice sempre povoou o meu imaginário, desde muito cedo... Muitos personagens que eu criei sendo criança são velhos, assim como as esculturas de argila na escola, desenhos e pinturas

também... Meus melhores amigos sempre foram velhos e velhas, ou senhores e senhoras como era acostumado a chamá-los, como você, rio, um senhor sempre criança...

Eu era capaz de passar horas sentado na calçada da Dona Livina (minha avó com nome de peixe) para ver as suas cenas ao narrar as histórias e causos...

A noção de velhice ainda está fortemente ligada ou a um estado de espírito ou a uma falta de vigor físico... É comum escutarmos a afirmação:

- Meu corpo está velho, mas a cabeça é de jovem...

Há uma depreciação da velhice e uma cobrança que exige a juventude eterna, e dentro deste quadro, não são toleradas condições do próprio envelhecimento como as dores, o esquecimento, a diminuição do ritmo e da libido, o esmaecimento dos órgãos dos sentidos, o equilíbrio não é o mesmo, as rugas, o cabelo branco, e todos esses movimentos, linguagens e estações do corpo tornam-se inimigos...

Contudo, os caminhos para uma velhice vivida (há vida na velhice como em qualquer momento da nossa vida, aliás envelhecemos desde que nascemos) de forma saudável são o acolhimento, a presença e a integração...

O envelhecimento pode ser compreendido como uma travessia, repleta de possibilidades e oportunidades de desenvolvimento e crescimento existenciais, tal como de ação e colaboração social...

Esta perspectiva, tem influência de teorias que consideram a flexibilidade e a plasticidade no desenvolvimento humano e demonstram que a potencialidade da velhice pode desenvolver-se de acordo com as suas experiências de vida (Fonseca, 2010), e isso acontece em todo o percurso da nossa existência, do mesmo modo, podemos dizer que, somos nós quem narramos a nossa história, portanto, o nosso desenvolvimento...

Essa experiência da vida, pode ser compreendida como um convite ao novo, e esse encontro com a emergência presente, em qualquer momento da vida, só é possível através do contato...

Crescimento e desenvolvimento implicam trocas entre o indivíduo e seu meio, surgindo por meio dessas trocas a possibilidade de entrar em contato com o novo e com o diferente. A essas trocas damos o nome de contato. (Salomão, Frazão e Fukumitsu 2014, p. 49)

É a partir do contato que a pessoa vai se constituindo e dando sentido a sua existência e ao mundo... Esses sentidos são sempre provisórios, dinâmicos e se configuram nas experiências com outro no mundo (planeta)...

Além disso, esses sentidos constituem a forma de perceber a sua realidade (Alvim, 2014) ... Logo, são as experiências que darão as pessoas que estão envelhecendo, as percepções sobre esse processo ou dança chamada velhice, que poderá ser vivido de modo saudável ou não, a depender das experiências, relações e contextos em que estão inseridas...

Compreender a velhice como movimento, me fez ter certeza sobre a importância de oportunizar um espaço como a ribeira, para os corpos das várias idades, que vivem diariamente os seus processos de viver o - nascer, envelhecer e morrer - dos seus sentidos, no qual podem continuar dando significados às suas vivências, a partir de experiências que validem as suas existências em suas singularidades e que as afirmem, enquanto autores de suas próprias histórias...

As Beneditas continuam reexistindo a cada semana e as suas palavras parecem estar cada vez mais fortes em seus corpos...

Elas mesmas Ditam através dos *atos* e criações dos seus corpos-nuvem...



Rio, imagino que você saiba que:

A extraordinária potência da nuvem liga-se ao fato de mostrar o movimento das formas sem revelar o seu processo, ou seja, de apresentar mutações discretas num desenvolvimento contínuo inapreensível. (Gil, 2013, p. 92)

É assim, nas minúcias entre as peles das velhas-novas e as peles do mundo, que podemos encontrar as (mu)danças minúsculas que brotam dos encontros, nas aulas aqui na ribeira...

Mas, afinal, o que é um corpo-nuvem?

Uma concreção de sentido que surge numa atmosfera [...]. Concreção movente e móvel, submetida a transformações imperceptíveis[...] a forma da nuvem é geralmente instável e efêmera [...]. (Gil, 2013, p.92)

Num dia, eu vi rio: aqueles corpos-nuven choveram...

Era final da tarde, dia de outono, nuvens carregadas, em passos ligeiros e apertados, entram no espaço de ensaio/pesquisa, oito mulheres com suas vidas e histórias pulsantes nos gestos, sonoridades, expressões, cicatrizes, posturas, silêncios...

Estão envelhecendo, como todos nós... São elas, as mulheres do grupo “Dita, Benedita”...

Penso:

- *Dirijo, observo ou participo? Rascunho no diário ou*

inscrevo no espaço com o meu movimento? Assisto ou me engajo para validar o que estou prestes a viver naquele ambiente?

Participei com “todo o corpo, os atos” (Bakhtin, 2003, p. 348).. Enfim, escolhi viver com elas naquele tempo-espaço o que sem previsão alguma, irrepetivelmente, poderíamos experienciar:

- Vamos para a ação? (Convidei-as)...

Formamos, ou melhor movimentamos um círculo, uma ciranda... É o primeiro encontro da Dona G (de garça), parece cansada, não havia dito se quer uma palavra, a primeira palavra foi “Ai!”, depois que tirou os sapatos e pisou no chão frio...

Percebi que algo a incomodava, não me satisfiz com as minhas ideias sobre o que ela estava vivenciando, e ao invés de lançar um “o quê” ou “porquê” comecei a conversa com um:

- “Como” é para a senhora, por os pés no chão?...

Parti de uma atitude curiosa, para compreender a sua experiência vivida atrás desse “Ai” - pensei ser frio, nojo, dor, e outras possibilidades – mas o “como” convidou aquela mulher a narrar-vivenciar, no seu presente uma memória...

Realmente, eu não fazia ideia do que o “Ai” estava enunciando!

Com os pés vivos, a senhora de 84 anos, relata ter sido abandonada pelos pais aos quatro anos de idade, e que foi passando de lar em lar, de abrigo em abrigo, de casa em casa, de asilo em asilo até a sua maturidade e independência. Disse:

- Eu já andei muito!

Enquanto conta sobre as suas andanças, andamos pela sala e escutamos a chuva que começa a cair lá fora...

- Eu tenho pavor de chuva, quase que não vim, mas a M. insistiu. Será que vem temporal? Esses telhados estão bem presos né, meu filho?

Percebo que todas elas olham para a janela, umas parecem se entusiasmarem com a chegada dos pingos, até que uma Benedita prevê:

- Íiii, vem tempestade por aí!

E como a chuva virou par para aquela dança, quero dizer,

experiência, resolvi convidá-las a dialogarem com ela, antes disso, com as nuvens carregadas d'água, até sentirem enunciar com os seus corpos o verbo “chover”...

Enquanto chovia lá fora, também chovia em nosso espaço (interno-externo), através das suas corporeidades...

Umas pingavam, outras escorriam, algumas trovejavam, enquanto outras encharcavam... Serenos, chuviscos, chuvas, tempestades, trombas d'água e enxurradas alagavam nossos espaços de fora e de dentro... Chovíamos!

Eu vi o encontro de uma tempestade com o sereno, através de duas mulheres, vi outras se transformando em córregos, em rios até virarem cachoeiras... Assisti, também, trombas d'águas que ao atingirem poças d'águas paradas viraram redemoinhos, que viraram nuvens carregadas e se desmancharam em pingos leves...

Houve furações devastadores que não quiseram ceder à leveza dos chuviscos, assim como, neblinas que não se esvaíram com o furor das enxurradas...

Ah... Danças da chuva: poéticas da alteridade...

Há mu-danças - no encontro do vento com o calor e a água, entre a chuva e os corpos das Beneditas, dos seus movimentos no/com espaço de criação – pois, a “alteridade não é mera diferença: ela altera e desestabiliza” (Amorim, 2021, p.111) e por isso transforma...

Rio que vira nuvem que vira chuva que vira rio que...

Um corpo à deriva e à devir e

[...] de devir no espaço, quer dizer, de se combinar tão estreitamente com o espaço exterior que daí lhe advém texturas variadas: o corpo pode tornar-se um espaço interior-exterior produzindo então múltiplas formas de espaço, espaços porosos, esponjos, lisos, estriados, espaços paradoxais [...] (Gil, 2013, p. 53-54)

Espaços ribeirinhos e aberto as encenações das/sobre suas memórias... Vi aquelas mulheres vestindo a chuva e dançando a chuva umas com as outras, naquele tempo-espaço...

Narravam com a voz dos seus corpos as suas próprias existências, se reinventavam e criavam novos movimentos como se estivessem num ateliê do sentir e do mover...

Do fluxo contido ao livre, do espaço direto ao indireto, do peso forte ao leve, do tempo acelerado ao desacelerado foram muitas as combinações entre os fatores do movimento, foram muitas as maneiras de ser chuva¹²...

Aos poucos os movimentos ficaram mais internos do que visíveis e fomos nos achegando ao centro da sala, no espaço-ciranda, onde iniciamos a aula...

¹² Na Eukinética ou Expressividade, compreendida como a “teoria e prática desenvolvidas por Laban, onde qualidades dinâmicas expressam a atitude interna do indivíduo com relação a quatro fatores” (Fernandes, 2002, p. 102).

Nesse momento, Dona G. feriu o silêncio:

- Quando eu tinha uns nove anos, morei numa casa com outras quatro crianças... Eu era a mais velha, e acho que me queriam na casa para cuidar dos mais pequenos... Mas eu também era... Eu fui uma criança...

Sem que alguém desse algum comando, uma das Beneditas gritou:

- Vou contar até dez, quem ficar o bicho pega! Quem correr o bicho come! Um, dois, três...

Todos começamos a correr, mesmo sem conhecer, especificamente, o jogo proposto... As chuvas geraram crianças que corriam, saltavam, se escondiam e gritavam:

- Dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove eeeee... Vinte!

Cada uma num canto da sala e Dona G. próxima de uma das janelas insiste:

- Iiiii, não vai parar de chover não! Quando chovia, a dona

da casa onde morei, nos fazia entrar debaixo da mesa da cozinha, os trovões doíam dentro de mim. Ela corria jogar sal para a chuva ir embora e mandava eu cuidar das crianças. Eu fechava bem os olhos e cantava assim: São Benedito, vosso manto cheira, cravos e rosas e flor de laranjeira. Nesta excelência, nesta casa cheira cravos e rosas e flor de laranjeira...

De repente, a chuva, a cozinha, a mesa, as crianças, o medo, a devoção, as nossas memórias sobre a chuva e o medo estavam presentes naquele espaço (e agora, enquanto escrevo, estão todas presentes aqui, de novo, em meu corpo)...

Aos poucos fomos dando sentido para o que emergia da experiência e não somente recordávamos, mas vivíamos aquela ação...

Era sobre ser a própria vida, sobre existir existindo... Fomos cantarolando com ela e ela conosco... Entramos debaixo de uma mesa (criada), ou de várias mesas, sentimos medo, acolhimento, e ao final, a criança que de 84 anos estava de olhos abertos e deitada no meu colo (espaço-colo) ...

As outras mulheres deitadas umas nos colos das outras e, todos nós no colo daquela experiência, naquele espaço e naquele presente...

Eu? De olhos fechados e rezando a São Benedito!

Havia sintonia, existia responsividade entre os textos dos nossos corpos-memórias e muita água se moveu naqueles espaços (corpo-ambiente)...

Em um instante só era possível ouvir o som da chuva lá fora e o som da nossa chuva, que escorria pelos nossos olhos, quer dizer, pelo nosso corpo todo...

Elas foram se sentando e uma Benedita reclama:

- Hummm, só faltou os meus bolinhos de chuva! Meus filhos amavam...

Agora apareceu o paladar! Ela parecia ter sentido o cheiro, a cor, a textura, o movimento, o som e o gosto da sua vida, e pôde narrar:

- É sempre uma espera, quando sinto saudade dos meus filhos. Eles nascem da gente, são criados e depois... Eles deveriam ser a minha chuva, mas tem sido como neste começo de outono, uma grande seca. Não chove! Meu nariz, ó, fica entupido, e nem é pela seca. Mas é de tanto de chorar!

Conclui:

- Tá aí! Eu tenho sido minha chuva! (risos)

Tá aí! Nós fomos nuvens, chovemos e ainda pudemos provar ou nos recordar do gosto de carinho que tem um bolinho de chuva quente, num dia chuvoso de outono...

Assim é a linguagem da poesia e ela reside em nossos encontros o tempo todo, seja na vida, seja na escola, nos palcos, na ribeira...

Rio, eu gosto do título do livro de Barry Stevens (1978) “Não Apresse o Rio, Ele Corre Sozinho”... Para mim, a frase que dá nome ao livro, sugere uma epistemologia da impermanência, da imprevisibilidade, do movimento e do inVento, do rio, da chuva ou da nuvem e como diz a bailarina e mestra do movimento Angel Vianna¹³ “Gente é como nuvem, sempre se transforma”...

Um convite a compreender os espaços de formação e criação como lug-Ares de movimentos espiralados, que se renovam sempre a partir dos encontros que neles acontecem...

Defendemos então, pedagogias cênicas da impermanência, quero dizer, da nuvem ou chuva? Rio...

Só rio (sorriso)... (Vou aproveitar o som da chuva para sonhar, até logo rio)...

¹³ Angel Vianna é Bailarina, professora, coreógrafa, pesquisadora e precursora das noções de consciência/expressão corporal no Brasil.



Ele era um andarilho.
Ele tinha um olhar cheio de sol
de águas
de árvores
de aves.

Manoel de Barros

.... descanse em seus sonhos, criança

Eu tenho consciência de que tudo o que estamos dizendo aqui, soa romântico e se parece com sonho ou poesia, e são! Eu não tenho compromisso em transcrever a realidade aqui, sou um rio, se esqueceu?

Fomos convidados a criar uma tese-vida enquanto a rascunhamos, portanto, a realidade se cria no ato de escrever, usando como “matéria de poesia” (Barros, 2019) as memórias de um artista-educador que nos parece ser tão sonhador e poeta como nós, e se perguntarem ele responderá com convicção ser cada parágrafo verídico e vivido, ou está achando que tudo aqui são histórias de pescador?

Manteremos as nossas utopias ribeirinhas para continuar sonhando e vivendo as nossas pescarias, afinal de contas:

Quando o sonho termina de ser contado, quem o escuta já pode pegar suas ferramentas e sair para as atividades do dia [...]. Não há nenhum véu que o separa do cotidiano e o sonho emerge com maravilhosa clareza. (Krenak, 2020, p. 38)

Eu vivo sonhando, acordado principalmente, por isso tenho muitos sonhos, quem sabe até consigo listá-los, você me ajuda nisso, menino?

Um deles: viver uma educação disponível e comprometida com a poética do encontro!

Eu concordo que a educação tornou-se um espaço árduo e pouquíssimo valorizado nas nossas terras... Inclusive, vejo muitos professores chorando aqui em cima, na ponte estreita que passa sobre mim, por onde continuam atravessando todos os dias... Será que querem encontrar no outro lado da margem as suas escolas, os seus alunos e a si mesmos, na esperança de...?

Não sei dizer ao certo o que esperam todos os professores que passam por aqui e porque continuam essa travessia (muitos deles, em cordas bambas) ...

Num dia de outono, conversei com um desses peregrinos, que me contou:

- Rio, todo dia eu decido viver/criar esse papel e sei que não posso vivê-lo/cria-lo sozinho, pois “o que é a educação senão um jogo de relações humanas? [...] O que é fazer educação senão dialogar com o outro e nesse processo ensinar e aprender? (Gonçalves, 2016, p. 221)” ...

Quero dizer que, para essa personagem entrar em cena é preciso que exista um cenário, com outros atores e atrizes, além de um público disponível à fruição desse espetáculo único, irrepetível (e porque não dizer imprevisível?) que juntos iremos

encenar... Eu não consigo dar conta sozinho de me chamar educador, rio... Mas, nem sempre foi assim, eu já achei que podia transformar o mundo(sozinho), contudo, hoje em dia me contento em vive-lo, enquanto acontece a transformação (em mim, nos alunos e no próprio mundo) ...

É como pegar o barco e partir do conforto do meu cais, para navegar em águas desconhecidas... Essa embarcação envolve estar disponível ao encontro de novas paisagens, criaturas, tempestades, calmarias, pescarias fartas e também a escassez...

Quando preparo uma aula, faço escolhas com certa artesanania (é que sou neto de artesãos), isso envolve: Escolher os elementos, materiais, técnicas e conteúdo que irei trabalhar, projetar algum mapa que nos dê direções e caminhos durante o processo, atrever a construir uma arquitetura de aula que imprima e expresse as minhas poéticas (o meu jeito único de ser educador), contudo, nada disso poderá ofuscar, cristalizar ou limitar o poder do encontro...

Eu sei que idealizo bons projetos de aula, porém, eles só ganharão algum sentido na relação com os meus pares e naquele momento intransponível...

- Você trabalha com o que andarilho (e poderia ser tantos

educadores)? (Perguntei ao educador) ...

- *Sou educador, pensei que tinha dito, rio... (Respondeu desconfiado) ...*

Disse:

- Sim! Mas, por um segundo imaginei estar conversando com um artista da presença... (Provoquei)...

- *Engraçado, eu dou aulas de teatro... (me respondeu contente)...*

- Mesmo que fosse de álgebra, valeria para você... Esse encontro que acabou de descrever, me parece se aproximar do acontecimento teatral... Arte do presente, da presença, do encontro! Por isso tão fugaz, efêmera, volátil...

Eu já atuei sabia? Foi o meu menino que me convidou para a peça... Com o tempo fui entendendo, que vai além de memorizar os textos e marcações, de não errar as coreografias, de cogitar cenários e iluminação, desenhar os figurinos ou realizar os exercícios e jogos de preparação, é necessário (prazeroso, honesto, respeitoso e econômico) que o processo artístico (inclusive o

educativo) esteja fundado na experiência sensível do encontro... Essa atitude desperta e inscreve em nossos corpos - sentimentos, memórias, saberes, estados, silêncios e instantes - que continuarão se modificando e se rearranjando durante cada novo encontro (ensaio, aula, espetáculo ou um simples dia) possibilitando a criação de novos espetáculos (minúsculos e másculos), alargando como as minhas margens aqui embaixo desta ponte, a nossa percepção, as nossas habilidades criadoras e psicomotoras-sociais (fora o que eu não dou conta de perceber) ...

É bonito demais ver os peixes atuando com a gente! Não fica ninguém parado, criança, entra todo mundo na dança, até as pedras rolam cambalhotas na contagem 7, 8..!

- Eu quero assistir-entrar nessa peça, rio...

Agora, faz sentido para mim... Você acha que a educação pelo encontro também move moinhos? Quero dizer, está comprometida com o movimento? Pois, é inevitável que, ao entrarmos nessa ciranda, estejamos em constante mu-dança, com chance de inventarmo-nos, sempre que possível, na medida em que giramos e fazemos girar essa roda da experiência...

As crianças adoram as brincadeiras de roda, principalmente, quando ao final, convidam à queda e ao chão... Após o giro, depois de reconquistarem algum equilíbrio, não

conseguem mais voltar para o mesmo lugar, é inevitável...

Meus alunos adultos também se empolgam, mas às vezes (pra ser otimista) tem quem cruze os braços e não se permita entrar na brincadeira, e ainda, tristemente tem os que não querem (ou não conseguem) sair do lugar...

- Já vi umas pedras dessas, professor-menino, aliás, posso te chamar assim? Talvez, eles (as pedras e os adultos) tenham medo de sair rodopiando e nunca mais recuperar o (mesmo) equilíbrio... Já vi bicho e gente mantendo-se em equilíbrio em cima de cada coisa... Inclusive, ontem mesmo passou por aqui uma cobra agarrada na sua antiga pele... Perguntei a ela:

- Mas, querida sucuri, o que faz enrolada na sua antiga casca? Parece ser tão linda a sua nova cor ... Esse verde brilha como as folhas de uma bromélia... (Espero não ter sido grosseiro)...

- ... (Silêncio)...

- Ixe! acho que ela não gostou muito, hein, rio? (convicto me sugeriu o professor-menino) ...

- Criança, tem quem prefira ou não consiga trocar a pele,

assim, do jeito que a gente quer e imagina... É preciso, pois, de respeito e acolhimento ao tempo e ao espaço de cada criatura, sem esperar ou idealizar o lugar onde elas deveriam chegar, tamanha prepotência inferir especulações quanto ao destino do outro!

Ninguém tem o direito de apressar o rio, menino, do mesmo modo, não acho uma escolha ética e saudável querer alterar o fluxo ou indicar o curso das águas de alguém... Nem sobre as minhas tenho total controle...

Eu contei pro meu menino esses dias, que nasci olhando pro mar, mas vim parar aqui adentro, no sertão do Paraná... Já pensou no desastre que seria se alguém fosse mudando o meu caminho, sem a minha permissão, necessidade ou escolha? Para cada corpo uma sabedoria diferente...

Portanto, cuidado! O que aconteceria se eu tivesse especulado a cobra à abandonar a sua pele velha? Pautado no meu bom gosto e no ritmo da minha experiência de tempo?

Ou movido pela minha preocupação, preconceito ou prepotência de achar que lhe cairia melhor o seu couro verde-bromélia, cometesse o constrangimento dela até vê-la se desfazendo do seu vestido antigo? Nunca saberemos...

Pode ser que ela se enxergasse mais bela ou, ainda que sem a primeira pele ela se afundasse até...

- Não quero nem imaginar, rio, e nem pagar para ver! O convite ao encontro é tanto genuíno, quanto gentil e não deve caber as violências da força, da pressa, da comparação, da especulação, do oportunismo, do assédio, do totalitarismo, das discriminações entre outras manias perversas de tirar, omitir ou proibir o direito da liberdade do outro existir (como ele quiser e puder) ...

- Querido, uma educação pelo encontro que compreenda a pessoa em permanente relação, não faz eliminar a sua singularidade ou vice-versa, pelo contrário, me parece que, quanto mais a pessoa se aproxima e tem consciência do seu jeito de existir, e com isso o seu estilo de viver o contato com si mesmo, o outro e o mundo, maior será, também, a sua consciência de pertencimento com o outro no e com o mundo... Podendo assim, além de única, sentir-se responsável e parte desse lugar onde está inserida...

Neste sentido, menino-educador, podemos validar, que, concomitantemente à experiência estética que a cena pode proporcionar à nós (e a educação), acontece de mergulharmos numa outra (ou parte da mesma) experiência: A ética (assim eu espero) ...

Ainda nesse contexto, a pessoa que está atuando (seja no palco, na escola ou na vida), pode legitimar-se como sujeito ativo e

crítico, sentindo-se parte de um grupo, contribuindo e se responsabilizando pelo seu funcionamento...

Não porque sentiu-se obrigada (de nada!) a entrar no jogo, mas consciente e à vontade do seu modo operante, percebeu-se convidada a escolher viver esse risco, ou antes disso, porque tocou com cuidado nos discursos rabiscados em seu corpo e lá estavam as vozes de um grupo...

- Enquanto te ouvia, rio, observava aqueles pescadores que estão do lado direito da sua margem, lá próximos daquela vegetação rasteira, tente disfarçar, não olhe agora... Estão em quatro barcos pequenos, batizados com o nome de suas namoradas, veja bem, note aquele que está no barco com o nome escrito em vermelho “Adelvane”...

Imaginei ele saindo de casa, ao final desta tarde, sabendo que se molhará na chuva de outono, com alguma esperança, mas nenhuma certeza, que por sorte voltará cheirando à peixe e com as redes cheias, então receberá um beijo doce da sua amada e como prêmio ou agrado, ela correrá separar os ingredientes para preparar o seu caldinho preferido, receita de família, mas que não guarda segredo, inclusive posso crer que leve:

500 gramas de filé de tilápia (cortados em cubo), 1 unidade de limão espremido, 1 colher (sopa) de azeite, 1 unidade de cebola

(picada), 6 dentes de alho (picados), 1 colher (sopa) de colorau (urucum hein?), 1 unidade de tomate (picado), ½ unidade de pimentão vermelho (picado), 2 unidades de batatas (cortadas em cubo) e cheiro verde a gosto...

Adelvane colocará as batatas na panela e as cobrirá com água fervente, e enquanto espera os filés marinarem no limão, o seu amado irá se banhar para esquentar as espinhas... 10 minutinhos serão o suficientes para dar sabor (ao peixe) e tirar o suor (do homem) ...

Então, ela dourará a cebola levemente no azeite, acrescentará o alho e o colorau (não basta sabor, é preciso de cor!), na sequência, colocará o pimentão, o tomate picado e a tilápia temperada...

O pescador, nessa altura já virou ajudante da chefe de cozinha e baterá as batatas no liquidificador transformando-as num creme que também se juntará aos outros elementos...

Atenção! Não se esqueça do sal! Ele acentuará os sabores, as cores e os amores entre esse casal que, durante os 5 minutos pedidos para a fervura aproveitarão para se darem um cheiro... O aroma anunciará:

- Caldinho pronto! Coração quente!

À mesa, enquanto se nutrem, ele contará as suas histórias de pescador e jurará que viu e ouviu as palavras nadando na boca do rio:

- Curimbata, lambari, pacu-caranha, piapara, piranha, tabarana, cascudo, bagre branco, tilápia, piau, pintado, surubim, dourado, tucunaré, pirarara, pirarucu, bicuda, corvina, saicanga, traíra, pacu, tambaqui, mandi, cobra d'água e até um cágado ou(vi)...

Adelvane acreditando respondeu:

- Quantas coisas ou(viu) da boca do rio... Como pode ele conhecer tanto nome, não é, bem-amado? Pois, eu também aprendi algumas coisas com ele hoje... Estávamos lá nas pedras da cascatinha lavando os nossos lençóis e a dona jurema começou a cantar um riacho:

- Mas cadê meu lenço branco, ô lavadeira?¹⁴

Que eu lhe dei para lavar, ô lavadeira?

Madrugada madrugou, ô lavadeira!

¹⁴ Inspirado na canção “lenço branco” de autoria do Coral das Lavadeiras de Almenara e Carlos Farias.

E o sereno serenou, ô lavadeira!

Morena, você se lembra?

*- Ô lavadeira! (Nós começamos a cantar com ela,
estávamos em quatro mulheres)*

Foi descendo o rio abaixo?

- Ô lavadeira!

Como desce o lambari...

- Ô lavadeira!

Esse lenço eu já perdi...

- Ô lavadeira!"



O pescador, chamado de amor, se arriscou a entrar na canção e convidou a moça querida para a dança:

- Não pesquei o lenço branco...

Ô lavadeira!

Seguiu com a correnteza...

Ô lavadeira!

Nunca mais o achará...

Ô lavadeira!

Mas, a mim não perderá!

Ô lavadeira!

- A mim você não perderá, Adelvane, minha cachoeira!

- Dona Jurema é boa mesmo em orquestrar as canções de um rio... Ao final daquela noite bem nutrida, celebraram o encontro amoroso que é aprender com as palavras, canções e danças vividas no rio (e com ele)...

Desculpa-me tomar o seu valioso tempo, rio, com histórias tão desimportantes... Você tem tanto para me ensinar e eu não parei de falar... (Constrangido) ...



- Ah, criança, que história linda você imaginou e viveu!

Aliás, nos presenteou! Eu pelo menos senti cada detalhe e já tenho afeição por eles, o amado, a Adelvane, a Jurema, e esse outro rio, ou será eu mesmo nesse conto? E por você...

Ah, criança-educadora, já te quero muito bem... Imagina se eu te interromperia? Quanta beleza e conhecimento eu pude experimentar?!

Sua dramaturgia é um jeito bonito de nos encantar para o encontro e à educação! Sabe o que eu desconfio? Que as personagens dessa história, mesmo não sabendo se irão voltar para casa com as suas pescas e os seus lenços, com as suas redes e as trouxas vazias ou ainda, se irão ter os seus barcos e bacias furados e se encontrarão o nível das águas alto ou baixo, não deixarão de viver as suas embarcações, porque, talvez estejam mesmo interessados é nas histórias de pescador, nas canções de lavadeiras e nos movimentos que irão aprender-viver nas águas (sempre novas), e que depois, emocionados poderão contar, através das suas próprias vozes-vidas, uma nova versão...

Desconfio ainda, que a educação é movimento e encontro, tal como o rio e essas navegações... Logo, haverá criação de novos sentidos e transformações nas “margens”, sejam elas no próprio sistema educacional, no processo de aprendizagem e, especialmente nos autores e nas personagens que participam do seu

acontecimento se o movimento e o encontro forem acolhidos e experienciados efetivamente e afetivamente...

O encontro genuíno e interessado, vivido no processo educativo pode contribuir com a criação de uma atmosfera que convide aos atuantes mergulharem em suas historicidades e relações, contatando nesse processo de redescoberta e reencantamento de seus contos (e cantos), os vários discursos que povoam o seu imaginário, as suas palavras, os seus gestos, a sua entonação...

Dando-nos conta, de que nesses espaços de educação o que nos importa, como para a Adelvane e o seu amor, é continuar a escrever e reescrever a nossa história, que viva, está inscrita em nossas águas (ou movimentos corporais), atualizando com elas, os sentidos, a partir do diálogo, aqui e agora...

- Querido rio, agradeço o encontro e as travessias que todo dia vivo por aqui, agora preciso voltar para casa, o dia se finda em tons de laranja com lilás e amanhã voltarei para a minha embarcação do outro lado da ponte...

Até logo, meu amigo rio... (se despediu o educador-menino)

- Bons sonhos, professor, bons sonhos... (Me despedi) ...

Foi um passeio com palavras agradáveis ao lado desse educador-peregrino-criança, ele se parece com você sabia? Quem sabe não se conheçam? Ouvindo a voz dele senti saudades da sua, o que me diz, hein, menino?

Tudo o que não invento é falso.

Manoel de Barros

... Também quero conhecer Adelvane

e com ela os seus amores.. Quanta poesia nessas an-danças, rio! Eu dancei junto, me movi, me co-movi ao ler e conhecer essas histórias de pescadores...

Realmente, as suas águas, tais como as montanhas, as árvores, e tudo o que compõe essa nossa paisagem-povoada nos convidam adentro, à dança, à escrita dessas coreografias no espaço-tempo, criadas a partir dos passos que aprendemos com as nossas experiências poéticas nesses encontros presentes (e que coreógrafa, hein?!) ...

Eu fiquei imaginado os seus olhinhos cheios d'água refletindo os espetáculos miúdos que foi possível imaginar enquanto assistia o peregrino na encenação desse romance...

Você se recorda de quando fiquei curioso em saber o que existia do outro lado da ponte? Nunca tinha ido naquelas bandas... Foi uma aventura e tanto! Tudo começou com um pedido... Era início de primavera, num dia perfumado, espirrando (sou alérgico), convidei:

- Rio... atchim! Desculpa, são os pólenes, mas não quero deixar de sentir o perfume das flores... atchim! Então, rio, você aceita atravessar a ponte comigo para descobrir o que tem do outro

lado? Eu sei que é um convite arriscado, porque não sabemos o que iremos encontrar por lá, porém, esse deslocamento pode nos surpreender com novas paisagens e quem sabe outros povoados...

Eu tenho medo, mas, não se preocupe, quero tentar, pois só assim saberemos (viveremos) o que irá acontecer do lado de lá, atchim! ...

Eu aprendi que:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem [as pessoas e tudo o que vive] participa *inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos*. (BAKHTIN 2003, p. 348, grifo nosso).

Isso significa que podemos ir com medo mesmo, quero dizer, que podemos ir de corpo inteiro nessa aventura, e através dele, daí, como o caramujo, ir deixando os nossos rastros pelo caminho, enquanto o chão, ainda estranho, suja um pouco os nossos pés... Que cor será tem a terra de lá? Se for amarela, vão se misturar com o vermelho dos meus pés, então os rastros e as nossas conversas serão alaranjadas...

Já posso imaginar, rio: iremos criar/aprender um montão de teatralidades nesse novo cenário, na companhia dos artistas do outro lado...

As nossas falas, os nossos figurinos, a nossa expressão

corporal e tudo o que acontecer nesses espetáculos, expressarão as situações que viveremos por lá ... Quantas estreias!

Eu sei que não será tarefa fácil viajar até o outro lado e que isso vai exigir de nós algumas mudanças, se bem que eu já ouvi por aí de um filósofo chamado Heráclito que ninguém “pode banhar-se duas vezes no mesmo rio”, então imagino que para você mudar não será um problema, inclusive já estou com as minhas malas prontas, vamos?!

E você, que sempre aceita as minhas peças, embarcou!
Fomos nós na direção do outro... Até que eu li espantado:

- Rio, veja só, a ponte tem um nome esquisito, aqui está escrito: A L T E R I D A D E ...

É isso mesmo? Que palavra grande! Do mesmo tamanho dessa ponte! Será um grande exercício atravessá-la! Eu confesso que tenho um pouco de medo de altura, e aqui em cima dela eu sinto que estou “perdendo o chão”, mas sei que daqui a pouco vou encontrar uma nova estrada para me sentir seguro (ou não) ... Esse caminho está me dá um pouco de tontura também, minha mãe chama isso de crise de... Labirin.. é... Sentido! É isso! Crise de Sentido! Espero encontrar um outro, sentido e equilíbrio...

- Uau!

Uma flor nascida no meio do asfalto, olha só, rio! Isso não é um mistério? Como ela fez pra subir aqui na ponte? Até me perdi no que estava dizendo, essa florzinha interrompeu-me o tempo! Onde estávamos mesmo?

Acho que já valeu a pena ter vindo só por essa flor resistente, hein, rio?! Por um instante me perdi na sua beleza... Sabe aquela música que diz “eu não moro mais em mim” (Adriana Calcanhotto (1994), foi assim que me senti: me perdi, mas já me encontrei! Que desvio teve que fazer essa plantinha para romper o concreto, não é mesmo? É impressão minha ou a gente já chegou?

Naquele momento, senti algo esquisito, confesso... Lá, era um pouco diferente do que eu tinha imaginado, só um pouco, mas o bastante para que o meu corpo percebesse que eu era estrangeiro e começasse as tentativas de me reorganizar até conseguir encontrar um sentido para toda aquela estranheza... O corpo sempre chega primeiro, rio? Porque parecia que antes de eu proferir qualquer palavra ele já fruía das relações com aquele espaço desconhecido, e dizia muitas coisas, por meio de sensações e sentimentos... É como se eu-corpo já começasse através desse “algo esquisito” a participar da arquitetura viva daquele lado da margem... Caetano

(1978) parece sentir algo parecido quando chega em terras estranhas:

“Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São
João...
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi...
Da dura poesia concreta de tuas esquinas
Da deselegância discreta de tuas meninas” ...

A experiência das minhas águas, quero dizer, do meu corpo, é quem testemunhou essa relação (também estética) com o desconhecido (da florzinha, a terra amarela até os achados-vividos na viagem) durante a travessia...

Noto que ser um corpo-rio é viver também a confrontação, a estranheza, a negociação, o risco e os entrelaçamentos...

Quer dizer que não há “álibi” (Bakhtin, 2020, p.118)!? Ir ao encontro do outro nos convoca ao deslocamento, rio? Será que a experiência poética do encontro sempre exigirá uma travessia?

Sendo assim, é o encontro quem intenciona o movimento das nossas águas?

A primeira vez que eu vi uma capivara, nos assustamos, eu e ela... Parecia um rato gigante, mas não o era! De longe, pensei ser um cachorro e me enganei... Tentei esticar o pescoço e como não sou garça, não consegui ver com detalhes...

Então, saí do meu lugar, do meu *centro de valores*, primeiro,

pelo movimento dos meus olhos, cabeça, depois tronco, pernas, braços, até que eu a admirava com o corpo todo... Para nos descobrirmos nos detalhes, precisei me deslocar, e ela também o fez...

Aos poucos fomos nos aproximando e percebendo as nossas luzes e sombras, profundidades, nossas silhuetas, linhas e curvas, esferas, pontas, falhas, montanhas, ribeirões, ondas, poços, fendas, raízes, flores e cheiros, em nossos corpos... Atchim!

Da minha margem até a dela e da margem da capivara até a minha fomos os dois habitando os espaços através dessa experiência de fronteira... De repente, muitas outras personagens já corriam para viver aquele abraço silencioso que estava prestes a acontecer (ou já aconteciam?) ...

Eu não conhecia nada sobre ela, um pouco, talvez de ouvir falar... Entre o que eu sabia e enxergava de longe e o que eu não conhecia e via dela, havia um horizonte... E:

Quando contemplo no todo um ser humano situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e adiante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão –, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são

acessíveis a mim e inacessível a ele. (Bakhtin, 2003, p. 21)

E como alcançar o horizonte, rio? Como aproximar do meu corpo-rio o seu rio-corpo? Como aproximar a minha criança daquela capivara? Você me responderia:

- Saindo do seu lugar... Mova-se! Pois:

Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, [...] (Bakhtin, 2003, p. 21)

Então, quer dizer ainda, que o encontro só é possível, a partir de uma caminhada? De uma experiência sensório-motora?

É provável que sim, pois “(...) para conhecer as coisas, há que dar-lhes a volta, dar-lhes a volta toda” (informação verbal)¹⁵, como você faz, rio... Está sempre atento aos encontros, e sem receio, dá a volta e a volta toda, construindo caminhos para abraçar com as suas águas, as vidas que toca (vê, cheira, saboreia, escuta) - assim, vive com elas um pouco do (a)mar ...

Me fiz um corpo-rio naquele dia em que atravessei a ponte e ainda quando tive a honra de conhecer a senhora capivara...

Nessas travessias encontrei muitos (a)mares e com eles me

¹⁵ Trecho retirado de uma das falas da entrevista do escritor português José Saramago, no documentário *Janela da Alma* (2001), do diretor Walter Salles.

vi movendo águas no espaço (interno e externo) de um jeito que antes eu não conhecia ou não acreditava saber...

Foi assim, que eu já acostumado em ser rio com você, vivi um cadinho do (a)mar...

... E juntos, chuáaaa...



Eu queria que minhas palavras de joelhos no chão
pudessem ouvir as origens da terra.

Manoel de Barros

... atchim! até senti o cheiro

(o seu, o da flor e o da capivara)!

Você fez bem em não deixar de espirrar, menino, sinal que também se deixou encontrar...

Fiquei curioso em saber... qual o cheiro da criança que nos lê agora? Será que é de capim-limão? Ah, por que eu amo esbarrar neles com as minhas águas só para sentir o seu perfume... Mas, se não for, adoraria conhecer um cheiro novo, assim, serei mais sábio de aromas...

Vou perguntar:

- *Ei, você cheira como o quê?*

Vou ser um pouco mais atrevido:

- *O cheiro da pessoa que você mais ama (anda amando, pra sugerir o seu presente) é como o quê?*

Prometo que não passarei disso:

- *Cheira como o quê, a pessoa que você mais odeia (anda odiando, pra valer o momento)?*

O meu menino já cheirou (e fedeu) à muitas fragrâncias (e odores) para mim, e certamente, eu para ele... Mas, porque espirramos e respingamos, procuramos sempre trazer em nossos bolsos algum lenço para assoar ou enxugar os excessos...

Ainda sobre os perfumes... Que encontros lindos foram aqueles que vivemos! Eu me lembro como se fosse hoje, na verdade eles estão sendo agora mesmo, quiçá, diferentes do que foram, tanto para você que nos contou, quanto para mim que os batizei, e com toda certeza (apesar de não ter nenhuma) para os curiosos que nos leem nessa contação de histórias ...

Você, ao me escrever palavras de cheiro, tranquiliza (só um pouco) as minhas águas... É como se tivesse me emprestado um cadinho do seu ritmo, para eu seguir com mais serenidade, mesmo sabendo que ainda correremos o risco de nos desencontrarmos por aí... Esses dias ouvi e vi uma conversa das boas aqui na ribeira, entre uma criança, que aparentava ter os seus dois anos, e a sua vovó, que lavava as roupas da família... Aconteceu o seguinte pedido de colo:

- *vovó, barriga com barriga...?*

A senhora, prontamente se abaixou e encostou a sua barriga

na barriguinha daquele menino-guaru... Acolhendo-o(s):

- Encoste aqui, meu pequeno...

Só então, entendi que ele queria o alívio da sua dor e que tinha esperança de encontra-lo no toque carinhoso e preocupado da sua velha amada... não precisou de palavras ditas, pois, o diálogo que ele solicitava era outro, tônico, envolvia um gesto de proximidade entre o corpo dele e o dela, até que fosse possível, em sintonia, se autorregularem diante de qualquer desequilíbrio que ali poderia estar acontecendo - uma cólica, talvez, medo, manha, tempo de colo -, com certeza, também...

Criança, você que agora me lê, posso pedir-lhe?

- Barriga com barriga...?

Será por isso que sapo, cobra, jacaré, minhoca, japoti, cágado, lesma, gente-bebê e lagartixa andam com a barriga colada no chão? Pra não perder a conexão com ele e conseguir se restaurar das suas ações diárias?

Os adultos ainda encostam as suas barrigas? Se bem que, caminhar com os pés “beijando” o chão já me parece ser um jeito “em pé” de se esfregar no solo e dele poder se erguer com mais

vontade para seguir...

Talvez a terra só tenha virado um lugar de descanso(eterno) para os grandes, veja só - Ou estão lutando com ele, como se quisessem fugir daqui e encontrar um outro lugar para estar (geralmente, vão para a cabeça, como se ela também não fosse corpo) ou se desmoronam, abandonando-se por completo - Entretanto, além dessas possibilidades de luta e fuga, existe a chance, um pouco mais romântica confesso, e eu estou aqui para defendê-la, que é a de se relacionar de modo responsivo à barriga do chão, explico:

- Nem tão passivo ao ponto de se afundar, nem tão ativo correndo o risco de flutuar, outrossim, com certa atitude amorosa, mas não a confunda com pacificação, eu não acredito nessa palavra de gente grande, veja:

Não se trata de transferir para o outro a relação axiológica interna mantida consigo mesmo, trata-se de elaborar uma relação emotivo-volitiva absolutamente nova com o outro como tal – uma relação a que chamamos amor e que é possível viver a respeito de si mesmo. (Bakhtin, 2000, p. 66)

Amor requer diálogo e por isso as tensões são inevitáveis, mais que isso, são as forças apostas que criam novos espaços e movem as coisas, dentre elas, as vidas... É nesse jogo afetuoso

entre os pés cederem e empurrarem o chão e o chão ceder e empurrar os nossos pés, que podemos, finalmente caminhar, criar, aprender e...

- Contradição – oãçidartnoC -

Então talvez resida aí o nosso método: incluir o outro, identificando as linguagens que nos convidam a nos aproximar (e se afastar) dele outro e assim poder experimentar a barriga com o chão ou a barriga com barriga, uma vez que elas só são possíveis nesse diálogo, através da voz do outro...

Eu sou suspeito, pois, é somente nos segundos de cachoeira que sinto aquela sensação de suspensão, descolamento ou frio na barriga, como prefiro dizer... Ou quando a chuva me inunda e acabo cavando com força os barrancos que encontro...

Todavia, costumamos seguir no mesmo compasso, eu e o chão, deixando-nos afetar, mutuamente, correndo o risco de nos transformarmos por isso, mas sempre confiantes nesse jeito amoroso de mover as nossas águas e terras...

A ribeira também nos sensibiliza a esse jeito barriga com barriga de aprender, no qual “uma criação está sempre em uma relação de valores com outras pessoas, outros, objetos, outras coisas [...]” (Gonçalves, 2016, p. 228) e não esconde de nós que, para isso

acontecer deverá primeiro existir disponibilidade ao encontro...

Em algumas relações, como a da vó para com o seu neto, de uma gambá saruê para com os seus filhotes, de uma figueira para com as baitacas verdes, do barranco para com os bagres, do seu corpinho para com os girinos pretos e dos educadores para com os seus alunos, alguém precisará se abaixar (palavra difícil de dizer-ouvir-realizar) para então ouvir...

Cuidado! Não queira acreditar que a vó tem poderes para “curar”, mas através do diálogo (tônico) poderão encontrar um novo ritmo para o funcionamento dos seus intestinos, ou pensou que ela também não precisava daquele chamego?

Sem que ele soubesse acalmou as tripas da velha, que estava enfezada (cheia de fezes) por tanta roupa suja que tinha para lavar, naquele abraço os dois tiveram seus movimentos peristálticos alterados e nem preciso dizer o que eles conseguiram depois daquele abraço...

Só posso contar que toda essa simples e poderosa AÇÃO - desde o sentir as cochadas na barriga ao... : se caracteriza como uma necessidade básica e envolve “processar uma informação nova e transformar ela em matéria-prima para garantir o pleno funcionamento do (des)envolvimento do ser-humano ...

Você se atreve a me dizer como é o nome dessa ação básica? Não adivinha? Se acalme! À essa ação-abraço eu chamo de:

- *Educação! (Digestão também) ...*

Preste atenção:

O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos. (Alves, 2000, p. 69)

A educação também acontece barriga com barriga, no ato de “ouvir e escutar amorosamente a palavra do outro” (Faraco, 2007, p. 99) ...



As plantas me ensinavam de chão.
Fui aprendendo com o corpo.

Manoel de Barros

... vou na ribeira deste rio

e se ele passa eu confio... Adentro, me recordo que de pequeno já me interessava pelos movimentos das pessoas e pelos gestos e jeitos de contar as suas histórias, também digo das pessoas-árvores, pessoas-rios, pessoas-montanhas, pessoas-bichos e delas as narrativas possíveis de escutar...

Confesso que tive tempo para isso acontecer, porque, quando parava para admirá-los, eu pairava sobre o tempo e nada mais me distraía, a não ser os cantos dos pássaros anunciando a chegada de outra paisagem e depois de outra e outra até que o espetáculo acabava para mim e me voltava para as coisas “importantes” que os outros me ensinavam existir...

Com isso, me consideravam distraído e improdutivo o suficiente para ser chamado de menino cabeça de vento, mas eu não ligava receber tal apelido, porque no mesmo instante me sentia ventarolando pensamentos e sentimentos, assim, tudo ganhava mais sentido para mim...

Nesse trânsito entre uma cena e outra existiam as minhas danças, elas costuravam com cuidado uma parte à outra transformando-as em um único espetáculo chamado vida, que só é possível acontecer no contato com outras vidas e os seus espetáculos, tecidos pelos trânsitos das suas cenas, atuadas pelos seus artistas-árvores-rios-pessoas-montanhas-bichos...

Imaginava eu, apenas assistir esses pequenos espetáculos, até que um dia me senti atuando neles, pois:

[...] existir não é definido pela categorias de uma consciência teórica não participante, mas somente pelas categorias da participação real, isto é, do ato, pela categorias do efetivo [e afetivo] experimentar operativo e participativo da singularidade concreta do mundo. (Bakhtin, 2020, p. 59)

Foi assim que percebi que eu contava através do meu corpo e dos meus movimentos as histórias que neles (corpo e movimento) eram possíveis viver, elas diziam das coisas tangíveis e intangíveis desses encontros e isso já era tão teatral como a conversa entre o vento do sul e as folhas do ipê amarelo...

Eu também ventava, floria e sorria esses abraços primaveris... Minha primeira companhia (de amigos e de teatro), rio, certamente nasceu dessas poesias, onde todos esses artistas com nome de gente ou nome de não-gente que comigo estiveram, me ajudaram a sentir-me parte de um todo e me ensinaram a atuar sobre a minha realidade presente, tendo como palco o dia-a-dia de uma criança com cabeça de ar que preza mais as danças das pessoas e das coisas, do que as tabuadas e as estruturas silábicas, que aliás, até hoje não as entendo, mas se me perguntam, eu as in(vento)!

Comecei a ser coreografado e dirigido pelos rios, pedras e sapos, só depois se achegaram outras pessoas com nome de gente,

que também me provocaram a continuar essas an-danças...

Talvez, meus primeiros roteiros e partituras vieram do cotidiano vivido por um menino que morou numa cidade, onde não existiu um prédio chamado teatro (e ainda não existe), mas é atravessada por rios que se transformam em palcos para a comunidade se lavar, cozinhar e celebrar a vida diária...

Rezar também é comum...

Me recordo que na vila onde morei durante a minha infância e adolescência, a vizinhança costumava se reunir nas últimas semanas do ano para realizarem a “novena de natal” ...

Cada dia os encontros e rezas aconteciam numa casa diferente... Eram momentos de partilha comunitária, onde cada família participava com os seus pratos preferidos, com as suas canções, os seus gestos, as suas crenças e uma certa esperança de que o ano que se aproximava seria melhor...

As noites eram recheadas de sabores, músicas, encenação e ladainhas... Havia naquelas salas, cozinhas, quartos ou garagens estreitas, alguma teatralidade e mesmo eu sendo tão pequeno trago essas memórias, porém, não me lembro do que eles faziam, mas sim de como as faziam - havia ritmo, fluência, intensidade, direções espaciais, partes do corpo com as suas formas e posturas (e ainda hoje continuo usando esses recursos para criar os meus espetáculos)

...

Meu pai cantava as ladainhas e eu amava ouvi-lo ... Eu via as suas veias saltando em seu pescoço, como se esses rios de dentro quisessem irrigar a cantoria com mais vida, entendia aquilo como fé...

Curioso que hoje procuro a mesma sensação quando estou em cena e nunca tinha percebido que esses momentos são tão sagrados para mim, quanto eram aqueles para o senhor Osvaldo...

Quando os rios do meu corpo transitam os fluídos com mais devoção me sinto igualmente mais devoto ao momento presente e ao encontro que ali acontecerá...

Ele esperava encontrar um novo nascimento ao recordar o natal do menino chamado Jesus, por isso se reunia com as pessoas da nossa vila para cantar de modo tão vivo...

Devidamente, é assim que eu me sinto em cada nova estreia, como se ali houvesse uma manjedoura pronta para receber um gesto novo e com ele o nascimento de algo que nos renovará a esperança e transformará a realidade em que vivemos...

Por ser uma arte da presença está ligada ao imprevisível e nunca saberemos com exatidão como será o momento daquele espetáculo (sempre único), mas alguma fé temos, de que o encontro acontecerá e isso nos fará voltar e continuar as nossas novenas, dezenas, centenas e milhares de apresentações (no palco e na vida)

...

Num instante, me pergunto se transformei o teatro em algum tipo de promessa messiânica, porém, sinto que nada tem a ver com o desejo de ser salvo, mas sim de me encontrar com sinceridade e de vestir a minha própria pele, de sentir-me parte do espetáculo, de me emocionar e não descreditar os meus valores, de estar em contato, mesmo quando estiver só...

Falo de emoção, de sentimento...

Desta forma chamaremos então de sentimento a todas essas maneiras de apreensão direta de nosso “estar-no-mundo”, ou seja, todas as percepções que temos de nossa situação. (Duarte Júnior, 1994, p. 75)

Habito-me, enquanto me coloco a disposição do outro e do mundo, que também me farão suas casas e depois seguirão viagem...

Eu quero fazer parte dos presépios vivos que o teatro é capaz de me proporcionar, para sentir o sangue correr nas veias e me fazer escutar, mesmo que por instantes, a minha própria voz e a voz do mundo...

Esclareço que:

O mundo em que o ato realmente se desenvolve é um mundo unitário e singular concretamente vivido: é um mundo visível, audível, tangível, pensável, inteiramente permeado pelos emotivos-volitivos da validade de valores assumidos como tais. (Bakhtin, 2020, p. 117)

Portanto, desejo ver a minha obra nascendo e com ela outros pedros, na companhia de outras marias, outros josés, bois, galinhas, burros, bodes e estrelas... Ah! As estrelas! Elas são as minhas preferidas, já que, me guiam e fazem brilhar o que estava escondido...

Talvez, meu pai já cantasse gritado para se ouvir e se reencontrar, enquanto estava na companhia dos seus vizinhos à espera de um menino outro que lhes reconhecessem únicos, que lhes conferissem um nome e um lugar no espaço-tempo...

Geralmente, se canta sussurrando perto dos bebês, para que eles não acordem, contudo não é assim que acontecia aqui nas novenas de natal, eles cantavam todos com voz de procissão e pareciam querer despertar o menino que acabara de nascer, para que as suas crianças (as que moram em cada um) também pudessem acordar e renascendo voltassem a ter direito ao colo, ao brincar e principalmente ao de se sentirem amadas...

Mesmo quando a programação acontece num teatro parecido com um estábulo, cheirando a estrume e capim, e as cenas tiverem que dar-se dentro de um coxo envolto de palha, na presença de burros e pastores, à luz das estrelas, sempre haverá um possível novo encontro e com ele a esperança de que algo ganhe vida ou renasça em um novo sentido...

Porquanto, sendo rei ou um pobre judeu, ou um corpo-

artista-menino-arte como eu não faz sentido querer nascer sozinho, e em alguma medida as artes da cena me oferecem, despretensiosamente, essa experiência e me fazem continuar tendo fé que no encontro há geração espontânea de novas vidas (formas estéticas), por isso há trans-form-ação...

Haja disponibilidade eu sei! pois

Um corpo disponível é aquele que permite; que não se isola do fluxo dos acontecimentos ao redor de si, que se envolve com o meio ambiente e com os estímulos vindos, não só da personagem, mas da relação com o grupo de criação. Corpo disponível é aquele capaz das respostas espontâneas e novas que somente a ausência de preconceitos e defesas maiores contra o mundo podem assegurar. [...] sem liberdade, ousadia e, sobretudo, a mais íntima entrega, não há impulsos autenticamente criativos, imprevistos em sua manifestação somática. Esses impulsos aparecem em ações inesperadas, em configurações imprevistas, mas são, no fundo, profundamente relacionados ao processo que está sendo desenvolvido. (Azevedo, 2014, p. 192-193)

E agora, enquanto os leio e escrevo, noto que é em cena onde mais me sinto parecido com você, que de jeito algum nega a mudança e o risco da alteridade, e ainda sabe embalar nos seus braços as vidas e mortes que com generosidade encontra, cria, convive, despede e/ou testemunha...

De repente, meu corpo de ator também vira manjedoura-palco-rio para outras vidas e mortes, e daí posso consagra-las junto

com as minhas, a esse efêmero momento (a cena), o qual é capaz de nos ensinar a deixar seguir o fluxo da vida, sem que nós precisemos continuar nos sentindo tão sós, nos mesmos lugares e dos mesmos jeitos...

É claro que há quem discorde e prefira acreditar no total controle do seu papel, distanciando vida e arte, artista e público, experiência estética e ética, poética e política, gente e rio, e ainda acredita criar sozinho e sair ileso para a sua casa depois de um ensaio, aula ou apresentação...

Eu não me engano quanto a minha permeabilidade, e meu corpo sempre encontra um jeito ou gesto para denunciar as minhas mudanças ou rigidezes, empatias ou aversões, mesmo que eu as rejeite ou não tenha recurso o suficiente para nota-las, alguma reorganização o jogo cênico provocará em mim e dele (vi)veremos (todos nós envolvidos) as maiúsculas ou minúsculas criações formatadas por nós...

Diante disso, só me resta colhe-las como presentes ofertados dessa comunhão, e depois de dar-lhes atenção, decidir se os coloco no meu oratório ou deixo fora da minha devoção...

Contudo, ainda que eu tape meu umbigo ou obstrua todos os poros da minha pele e sofra com isso uma terrível inflamação, fazendo implodir ou explodir tal contenção, isso já se tornará um gesto, e o outro estaria logo aqui, ao meu lado vendo a catarse

acontecer...

Já viu uma barragem estourando?

Pode ser que o seu corpo não, mas o meu “corpo escapa às suas fronteiras, ele engole, devora, despedaça o mundo, o faz entrar dentro de si, enriquece e cresce às suas custas” (Bakhtin, 2008, p.245) ...

Repito para ser justo, que talvez exista quem consiga nascer ou criar (arte e vida) sozinho, “botar-se” totalmente só... Eu não sei e quando me perguntam quem nasceu primeiro, eu defendo a galinha...

Falando em mãe, lembrei que a minha é quem ensaiava as crianças para a encenação de natal, lá estávamos eu e meu irmão vestindo aquelas túnicas brancas com asas de crepom, e a ordem era sempre a mesma:

- *“Façam com amor! ” E assim fazíamos...*

Erámos muitas crianças e nunca consegui me aproximar da imagem do santo, por mais que eu me espremesse, era pequeno demais para vencer a multidão de anjos de papel, então atrás do coro, me imaginava cuidando dos bichos do presépio, e para cada um deles um nome diferente...

Ao final, enquanto todos queriam estar “in excelsis” e se

elevavam com o novo rei, eu me abaixava e dava comida para os meus novos amigos...

Lá do(no) fundo sabia que aquela criança com nome de deus queria mesmo é estar ali comigo, “*in humilis*”, preocupado com as coisas do chão e de olhos atentos ao que parece não ter tanta “glória”, mas que são concretamente experienciadas, aliás, “as experiências só se tornam significativas após terem sido vividas” (Duarte Júnior, 1994, p. 29) ...

Eu gostava daquilo tudo e não demorou muito para que eu estivesse ensaiando as crianças também... Tinha entre os meus sete e oito anos e nesta época eu ajudava a dirigir as cenas, atuava (ainda como anjo do fundo) e ainda tocava no teclado a música final da novena (meus pais choravam quando me viam e nem imaginavam que eu errava alguns acordes), enquanto isso, os anjos dançavam as coreografias dos ipês amarelos ao lado de Maria que ninava o seu filhote com um gesto de maria-te-viu (assim que eu chamava a fêmea do bem-te-vi) e de José, que segurava o seu cajado como um cavaleiro-de-deus (ou louva-deus como preferirem), todo o povo reunido parecia ventar uma brisa leve...

Ah, acho que assim o menino se sentia mais livre para correr entre nós e tínhamos todos (ou quase todos) uma noite feliz...

in humilis



Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.

Manoel de Barros

... menino doce eu te quero tão bem e

e creio que você a mim também... Esse seu olhar tem “um silêncio de chão e na sua voz uma candura de fontes” (Barros, 2013, p. 417)...

Saiba que fez bem em preferir as coisas da terra, onde todas as crianças e eu gostamos de brincar... Ainda tenho fé que as pessoas se deixarão sujar e se arriscarão pisar descalças sobre o solo, assim, recordando as suas memórias-terra lembrarão também que são feitos da mesma matéria que ela...

Não os culpo e sei que em algum lugar aí sabem e dizem:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso –enquanto seu lobo não vem –, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que eu consigo pensar é natureza. (Krenak, 2019, p. 16-17)

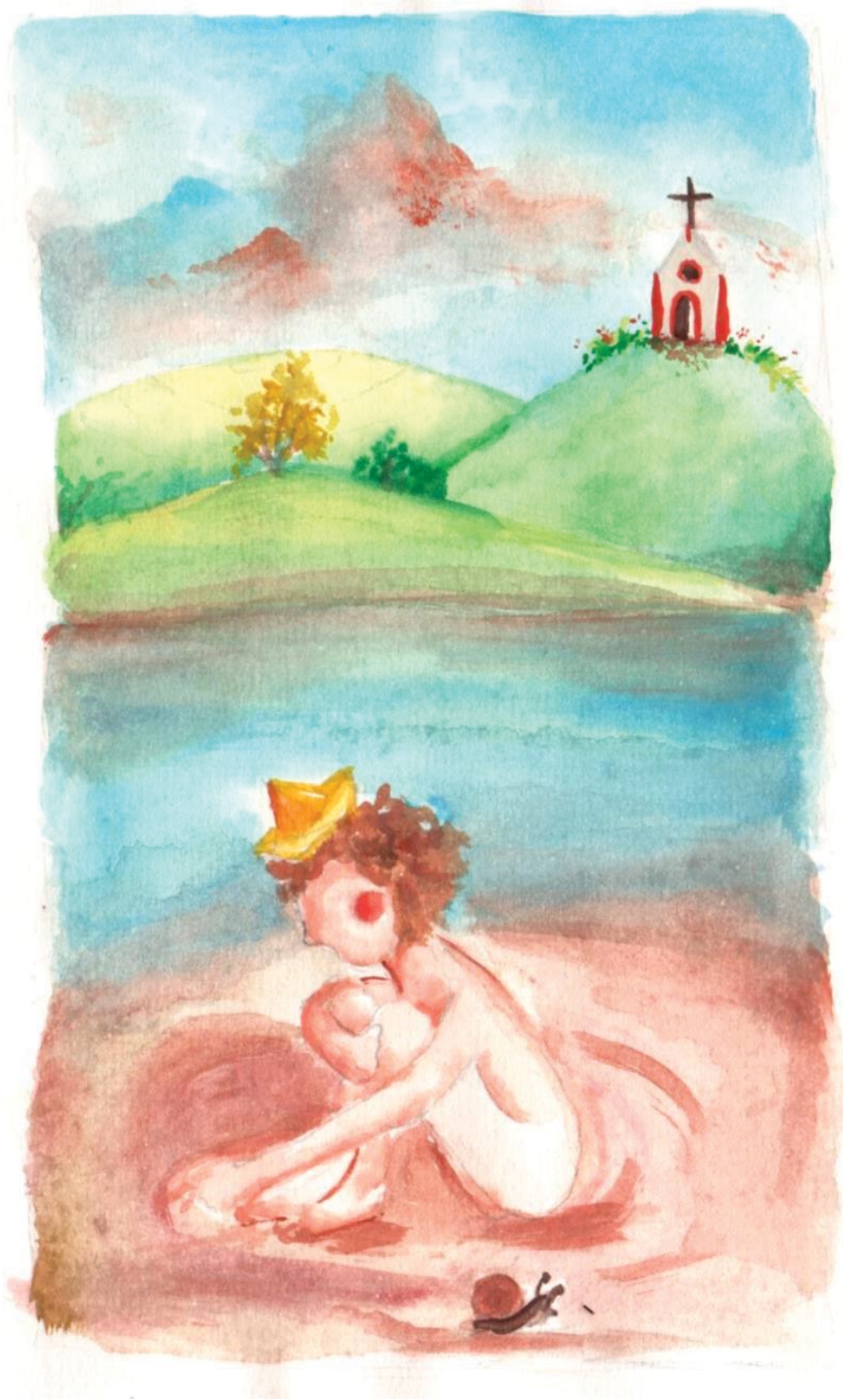
Por isso, não há nada que nos faça ser donos uns dos outros e tudo aqui precisa ser vivido, cuidado e compartilhado por nós... Aliás, quando chegamos ela já estava e se alguém pudesse ter o direito de sentir-se dona de alguma coisa ou de alguém seria ela a dona de todos nós...

Eu sei que me entende, pois, na sua região chama-se de dona as pessoas que são importantes, respeitadas e amadas, como a mãe, a avó ou a professora, e agora, a Terra (e a terra) ...

Quero nos convidar a deixarmos os nossos passos ensinarmos ou relembrar-nos de como é comungar todos do mesmo chão, abraçando esse colo que não nos deixa esquecer do lugar de onde viemos, que nos sensibiliza ao momento presente e nos conta sobre quem somos, pois:

Para além de onde cada um de nós nasce – um sítio, uma aldeia, uma comunidade, uma cidade -, estamos todos instalados num organismo maior que é a Terra. Por isso dizemos que somos filhos da terra. Essa Mãe constitui a primeira camada, o útero da experiência da consciência, que não é aplicada nem utilitária. Não se trata de um manual de vida, mas de uma relação indissociável [...]. (Krenak, 2022, p. 103.)

Como é bom ter uma mãe que mira nos nossos olhos e diga com firmeza quem somos, não é mesmo, menino? Mas, tem muita gente que se esqueceu de onde veio e órfãos seguem sem nome e sem rumo à procura de algo que lhes deem alguma identidade ou sensação de segurança... Quase sempre se agarram às miragens de um futuro inventado que promete poder sucesso e plenitude...



Contudo, acabam hipnotizados por suas projeções e passando por cima de tudo e de todos vagueiam solitários em busca desse tal “eu do amanhã”:

- Porque quando eu for, quando eu ter, quando eu ser...

Mas, é como dizemos por aqui “até lá muitas águas hão de rolar” ...

Eu tenho uma birra de quando vocês estão nas minhas beiras brincando e chega um adulto os distraindo com perguntas parecidas com:

- “Ei, criança, o que você vai ser quando crescer?”

Ou afirmando:

- “Ah, esse menino vai longe!”

E vai para onde? Esse convite besta ao “ser quando” que acontece “lá longe” é uma tentação perigosa, pois, parece garantir um outro momento ainda melhor que o atual e muitas crianças crescidas gastam as suas vidas à procura desse lugar, com objetivos distintos, mas com a função parecida de não entrar mais em contato

ou de não se permitirem aos seus presentes e tudo o que esse “aqui-agora” é capaz de oferecer, tal como o brincar e dormir, o prazer e a dor, a festa e o luto, o silêncio e a luta...

Queria saber se os adultos que estão nos lendo agora foram incentivados a ir longe tão longe que já não sabem mais voltar para casa... Será que se esqueceram de onde vieram e de quem são? Ou melhor, de quem estão sendo enquanto nos leem?

Talvez, esses “adultos do amanhã”, só estejam comunicando suas infâncias rompidas, ao proibir as outras de serem felizes em seus quintas e rios, já que, não se autorizam mais estar à beira ficam incomodados quando veem vocês “perdendo tempo” com as suas brincadeiras de chão...

Que mania feia e triste essa de interromper o fluxo do tempo com os seus desejos de grandeza!

Fora da realidade imediata vão se embora a sensibilidade e a intuição, e são elas as guardiãs da experiência, que nos ajudam garantir alguns belos arranhões nos joelhos, sardas no rosto, calos nos dedos ou lamas nas unhas...

Pois:

Tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. [...] Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo antes do conhecimento cujo conhecimento fala sempre, e com respeito ao qual toda determinação científica é

abstrata, representativa e dependente, como a geografia com relação à paisagem onde aprendemos primeiramente o que é uma floresta, um campo, um rio. (Merleau-Ponty, 2011, p. 6-7)

Querem ser tão sábios em suas promessas racionais de futuro e superprodução, mas será que eles já quiseram voar como andorinha ou nadar como lambari?

Preciso dizer que futuro não é o mesmo que sonhos... Perceba, menino que eu não estou triste pelos sonhos que todos criam, até mesmo, porque os sonhos são feitos de uma substância muito parecida com a das minhas águas, e estou em quase todos eles, sejam nos dormidos ou acordados...

Quem dera os adultos voltassem a sonhar, aliás, voltassem a acreditar em seus sonhos e com eles reaprendessem a contar o tempo com mais respeito às suas necessidades e às necessidades coletivas, ouvindo com atenção os pedidos da natureza que não deixa ninguém de fora dos seus planos (e sonhos) ...

Enquanto se sonha, se vive criança!

Contudo, eles continuam seguindo com os sentidos amordaçados, supervalorizando uma razão sem corpo e com isso uma educação distante das sabedorias sensíveis da corporeidade...

Criança, manifesto que:

Os caminhos da razão são traçados pelo compasso das emoções. É desta forma que devemos entender o dizer do feiticeiro Don Juan, ao declarar: *“Para*

mim só existe percorrer os caminhos que tenham coração, qualquer caminho que tenha coração”. É ainda interessante notar-se que as ciências humanas, com algumas exceções, têm-se descuidado da esfera do sentir enquanto forma básica do conhecimento humano. (Duarte Júnior, 1994, p. 75-76 – grifo nosso)

Há pessoas crentes nas promessas de “sucesso: essa ideia prospectiva de que estamos indo para algum lugar. Há um horizonte, estamos indo para lá, e vamos largando no percurso tudo que não interessa, o que sobra, a sub-humanidade – alguns de nós fazemos parte dela. (Krenak, 2020, p. 10)... Que pena! Não se permitem mais ao tempo de chão (ou da infância)...

Aliás, você que nos lê precisa de um tempinho ou um tempão para suprir alguma necessidade? Vale desde ir ao banheiro, pedir um abraço, tirar um cochilo ou não fazer nada de nada... vá lá (se quiser, já, já voltamos aqui...



Como foi ouvir o seu tempo? Aposto que encontrou algum caramujo no meio do caminho e ele certamente não se preocupou em ganhar de você na corrida...

É assim que os grandes ensinam - a correrem na frente para chegarem primeiro (onde e para que?) ... Enquanto isso, a lesma lambe o chão e nutre o seu caracol com a experiência de um tempo dilatado, feito de paisagens sonoras, visuais, gustativas, olfativas e táteis, como “o artista é um captador de detritos da experiência” (Salles, 2011, p. 102), além de aprender novos trilhos e ainda deixar o seu rastro como testemunha dos rascunhos deixados em seu corpo, pelo corpo do mundo e no corpo do mundo, através do seu corpo...

É possível ver as palavras molhadas de histórias desse encontro, pelos caminhos por onde ela se arrastou...

Quantas narrativas essas pessoas deixam de escrever, com os seus corpos, nos espaços que elas ocupam? Quantos textos deixam de ter rabiscados em seus corpos, por fugirem do tempo-espaço?

- *“Ser como lesmas? Coisa nojenta!” Repugnariam...*

Não podem ser bichos do chão (na verdade se esquecem que são), mas se comparam às máquinas e computadores valorizando

apenas os tic tac tic tac como elogios às suas produções aceleradas e ao cansaço...

Entretanto, “os órgãos sensoriais, o corpo e as suas funções tecem sentidos com o mundo que só eles estão em condições de compreender imediatamente [...]” (Gil, 2013, p. 80)

- Descansar? Imagina?! Coisa de...

Para eles, é preciso vigiar!

Um tempo atrás, essa mesma gente, ao menos parava para ver o cuco, mas e agora?

Já viu um adulto na beira de um lamaçal? O que pensa ele? Qual a reação mais esperada? Agora imagine você quando criança na frente da mesma paisagem (não dê ouvidos a voz dos seus pais)? Antes que eu escrevesse essa frase, ela já estaria coberta de lama e aproveitando o melhor momento da vida dela, que no caso, só tem como ser o agora, já que o amanhã só pode ser concebido em pura abstração, pois na realidade o “futuro não existe - nós apenas o imaginamos” (Krenak, 2022, p. 96)...

O futuro rouba o melhor de nós, sequestra-nos das nossas próprias existências, empobrece as nossas habilidades criativas, tal como o nosso poder de escolha, apagando as nossas subjetividades e fazendo ruir as nossas conexões - com nós mesmos, entre os seres

com nomes de gente e os seus pares, e entre eles e nós, os seres com nomes de rio, montanha, bichos e ar ...

Estão tão ludibriados com esse tal “lugar lá”, que não se importam mais em cuidar da sua própria casa e dos seus irmãos, agem como crianças mal criadas, que depois de crescidas se esquecem que tem uma família e não querem mais saber dos seus lares, no caso, o aqui, digo, a Terra...

Talvez, seja por isso que o caramujo anda com a casa nas costas, para levar com ele, em todo lugar que for, o sinal de que pertence a algum lugar, e como um bom itinerante escolhe morar sempre no seu aqui-agora...

Anda um pouquinho e descansa um pouquinho...

Essa mania de “amanhã”, também é bem quista por algumas ciências que se dizem assinar com letra maiúscula... “E”las adoram as regularidades, as previsões e principalmente o controle sob as coisas observáveis (e já estão de olho nas não observáveis também) ... Acho que ao final todos nós vamos pagar o preço dessa postura arrogante...

Por favor, menino, não me entenda mal! Hoje em dia não se podem deixar palavras sem ponto.

Não estou dizendo que sou avesso às ciências e às suas pesquisas, até porque, a natureza é uma grande cientista que combina o tempo todo, elementos físicos, químicos e biológicos

(por que não dizer espirituais? Tente não me julgar), para criar infinitas paisagens e com as suas formulações encontrar equilíbrio diante das adversidades e alterações imprevistas...

A diferença está no cuidado que ela tem com o nosso tempo, com as nossas singularidades e de jeito algum abre mão de nos compreender em nossa complexidade, pois, ela quer (aliás não sabe fazer de outro modo) nos enxergar como seres vivos e não como peças de um maquinário, que estão programadas para fazê-lo produzir cada vez mais...

Não! Ela não tem vocação para sonhar os acúmulos como os que se dizem humanos, que já não conseguem abrir mão dos seus pedaços de coisa nenhuma...

A ciência que a natureza realiza está comprometida com a experiência e nos acena para despertarmos à presença, pois estamos pareados ao seu ritmo, uma vez que somos os seus filhos amados e ao seu lado podemos viver a “experiência de estarmos harmoniosamente habitando o cosmo” (Krenak, 2020, p.71) ... Para que tanta pressa de chegar ou tanto medo de não alcançar o futuro?

Criança, para algumas pessoas parecerá utopia e até mesmo loucura saber que durante todos esses anos construímos juntos um palco para as nossas encenações e criações...

Aqui, na nossa ribeira, nosso tempo-lugar, aprendemos uns com os outros, numa cadência diferente das que se encontram por

aí, reexistimos nesse fluxo feito das nossas experiências alagadas e ele tem tanto valor para nós, tenho fé (de novo a minha crença nas pessoas) que, para quem nos leia seja possível imaginá-lo e quem sabe, até senti-lo, pois

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. (Bakhtin 1998, p.211)

Eu gosto desse nome que une tempo e lugar... sinto que o nosso cronotopo (parece nome de montanha) é a ribeira... Ela abriga de forma tão gentil os nossos espetáculos e recebe como anfitriã os que aqui chegam para nos assistir (se bem que todos participam e ninguém fica de fora) ...

- *“Todes são bem-vindes!”*

É ela quem dita o compasso do que aprendemos por aqui, e também as relações que construímos uns com os outros... Ela nos ensina a dar atenção para tudo o que se vê (e o que não se vê também), de modo curioso e excepcional, daí, o que antes não percebíamos vira vagalume e pode se acender na penumbra...

A ribeira é danada em transformar o cotidiano em celebração, faz renovar os antigos sentidos, faz abrir os olhos da pele abrindo-nos para as várias possibilidades de vidas... aceitamos com ela a imprevisibilidade e o espanto como chances de transformação...

Aqui, até espreguiçamento de cobra vira coreografia e o grasnar de garça poesia...

Aprendemos com a ribeira (eu e a lesma somos bons nisso) a deixar a marca do tempo no espaço, por isso, só é possível viver vivendo e “todo conhecimento reporta-se à experiência” (Duarte Júnior, 1994, p. 85)...

Criança:

- Já pensou na importância que ela me ensinou a dar para esse momento em que escrevo para você?



Vou deixando aqui palavras-gosmas que registram o tempo nesse lugar-texto que depois deixará a sua trilha aguada em algum lugar no seu chão-corpo-leitor...

E olha que somos bons (eu e a lesma), em deslizar por qualquer tipo de solos, inclusive os mais irregulares como os espinhosos e pedregosos...

Além disso, por aqui nada é descartável e deixa de ter estima como acontece nos lugares dessas “pessoas grandes” ...

A ribeira nos contou esses dias um poema que diz:

Não vi nenhuma coisa mais bonita na cidade do que um passarinho. Vi que tudo o que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata. Agora eu penso uma garça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer esta verdade (Barros, 2010, p.69).

E nós acreditamos nela, pois na lógica “da grandeza” tudo vira lixo, até rio e gente é jogado fora... Aqui não desperdiçamos nada e ninguém, inclusive, vivemos todos como seres no tempo-duração, com isso a vida tem a sua dignidade devolvida...

Você já ouviu a frase:

- *“Aqui o tempo passa diferente” ?! Pois bem, e assim é ...*

Quero, com tudo isso dizer que, aqui também é um lugar para se viver-aprender-criar, menino, e você pode ficar ou voltar (caso longe estiver) sempre que quiser...

Te digo com palavras-correntezas que:

- Eu não admito que nos separem, menino... Eu sei que querem tirar você de perto de mim e te fazer esquecer da nossa amizade e das águas que temos em comum... Querem te ensinar que somos inimigos ou que você é meu dono a ponto de decidir sobre o meu percurso... Vão te fazer esquecer a nossa linguagem e nunca mais conseguirá me ouvir... Te ensinarão palavras sem corpo e deixará de ser um menino do chão... Começam com voz mansa e depois te levam para longe, onde não existirá mais sapos, cachoeiras, nem pedras para você amontoar, muito menos pedros para abraçar... Só existirão as ideias e por sorte, uma saudade... Não vou pedir para me prometer não se esquecer do seu jeito rio de ser, pois, te quero livre e sei que sabe ser um menino-rio...

Não se preocupe, eu sou teimoso por natureza, então, mesmo que o pior aconteça, eu andarei por baixo dos seus passos, dentro da terra nos lençóis se for preciso ou sob a sua cabeça, nas nuvens se for preciso, até que um dia, num pinga, quem sabe, te encantarei os olhos de novo e se recordará das nossas brincadeiras encharcadas de afeto, e não saberá mais viver sem mim...

*É que eu nasci não sabendo viver sem você criança,
entretanto, você pode desaprender, e seguir sem mim...*

Viu só, quem disse que eu só rio?

Agora, enquanto te escrevo eu choro, e choro um chuvisco
fino de serenar as folhas do ipê amarelo...

... amo as suas águas.



Entendo bem o sotaque das águas.

Manoel de Barros

... meu rio também chora

e eu não quero viver longe dele...

Rio, meu amigo, eu sei que tem razão de sentir tudo o que acabou de me rabiscar no peito... Sinto muito ter que correr o risco de me afastar da nossa ribeira, e não quero me perder nesse jeito barulhento, acelerado e mesquinho de viver as coisas, que fazem no mundo das grandezas, nem das palavras vazias que eles gostam tanto de usar porque eu:

Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão tipo água pedra de sapo. Entendo bem o sotaque das águas. Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que aviões. Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. (Barros, 2010, p.45)

E não entendo como as pessoas não se encantam com as mamães saruês carregando os seus oito filhotes agarrados em seus pelos... Como ela consegue segurá-los, hein, rio?

Se eu fosse um gambazinho desses não desgrudaria tão cedo da minha, do mesmo jeito, não sei como vai ser caso um dia eu tiver que me mudar daqui e ficar longe de você...

Seria possível te trazer agarrado nos meus pelos tão curtos?



Impossível é não te trazer comigo, nem que seja nas imagens dos meus olhos, nas músicas que você já cantou para mim ou nas histórias que foram contadas com as palavras que só você é capaz de sussurrar...

Foi assim que passei a me interessar pelas coisas miúdas, rio, pois, elas guardam os segredos do mundo e de tão óbvias ninguém mais quer olhá-las, tocá-las ou até mesmo senti-las...

Você sabe, não é? Essas pessoas que se acham grandonas não conseguem, com as suas maneiras, “captar os detalhes, as pequenezas, sentir e se aventurar pelos caminhos, ainda que dê conta de ver e perceber, do alto outras coisas” (Guedes, Ribeiro, 2019, p.16) e nem zelam o que encontram pelo chão...

E ainda sou eu quem recebo o apelido de cabeça de vento?! Se bem que vento também existe e a gente pode vê-lo... Mas, eles não...

Apesar, de serem grandes não passarão pela experiência de escutar a canção da ventania, já eu, “passarinho” (Quintana, 2005, p. 257) bailarei ao som das suas notas silenciosas...

Rio, precisamos encontrar um meio de contar para as pessoas o que aprendemos aqui na ribeira, ou como ela nos dá material para construirmos as nossas poesias, sejam elas feitas de

lama, palavras, fatos, sonhos ou patos (ou *phatos*¹⁶)... Então:

[...] nesse caso precisamos, também e talvez, principalmente, de um outro modo de olhar sentir, não voando, mas percorrendo o caminho, por que apenas no percorrer é possível vivenciar as sinuosidades, os detalhes, a surpresa, como nos alerta Walter Benjamin. (Guedes, Ribeiro, 2019, p. 16).

Assim, elas poderão quem sabe reaprender a ouvir o som do vento e voltar a escutar os seus próprios nomes por alguém que lhes queira bem, não é, meu bem?

Eu sei que já notou que eu estou tentando te animar, mas nada disso é em vão, porque realmente acredito nesse lugar e nas marcas do tempo nele gravadas, seja pelas melecas das lesmas, pelo seu deslizar ou pelo meu caminhar, aliás, você sabia que meu nome significa pedra? E como elas eu também trago marcas em mim, elas são feitas pela ação do tempo...

Sou moldado pelas experiências e encontros que vivi e mesmo com alguns pedacinhos desgastados, não deixei de ter o meu valor, pelo contrário, agora polido pelos esfregões que levei sigo ainda mais valioso...

¹⁶ Qualidade no escrever, no falar, no musicar ou na representação artística (e, p.ext., em fatos, circunstâncias, pessoas) que estimula o sentimento de piedade ou a tristeza; poder de tocar o sentimento da melancolia ou o da ternura; caráter ou influência tocante ou patética.

Será por isso que me sinto tão em casa com vocês?

Minha mãe já devia saber, quando escolheu o meu nome, que eu iria viver de cabeça baixa a procura das coisas e seres pequenos do chão, para que me ensinassem a “ouvir as fontes da Terra” (Barros, 2010, p.29), e com eles aprender a participar dessa vida inteira e intensa com o momento presente, uma vez que, para eles o que tem de mais importante é a:

[...] experiência do caminhar, de enveredar-se por trilhas, experimentá-las, experienciá-las, perder-se, quiçá, para já, se encontrando, tomar outros caminhos, fazer outros caminhos no ato mesmo de caminhar” (Guedes, Ribeiro, 2019, p. 20)

E de ser criado por ele, pois, enquanto se caminha o caminho também constrói o caminhante (num movimento artesão), tal a esperteza dos bichos do chão e do rio, do qual, sou um fio (e também filho)...

Nos fazemos em movimento, por isso, enquanto há tempo, me inVento!

Olhando agora para o chão onde estou pisando reparei como os meus pés desejam namorá-lo...

Rio, você também vive um romance com o chão?

E você? criança ou gente grande que nos lê?

- C O M O os seus pés estão se sentindo em relação ao

chão que está logo aí?

Qual a experiência que eu tenho neste momento, enquanto escrevo esse texto? e você? como se sente agora enquanto o lê?

Já te respondo:

- Enquanto escrevo, sinto os meus pés frios... Eles buscam apoio e se massageiam na haste da cadeira... Minhas pernas se alongam para a frente, sinuam um espreguiçar, como se quisessem tocar a parede com os pés.... Volto deslizando-os pelo tapete até que se apoiam no chão na linha dos meus joelhos... Alterno entre pressioná-los contra o chão (e nesse momento me verticalizo ganhando espaços entre minhas vertebbras) e cedê-los à gravidade (agora me arredondo, como se pegasse no colo as memórias e sensações que acesso durante a escrita)... Em algum momento, eles vão para debaixo da cadeira e ficam apoiados nas pontas dos dedos, depois se cruzam ou se abraçam...

Nessa coreografia há poesia...

Quem me trouxe para o gesto desta escrita, desde a primeira palavra, foram os meus pés, eles escrevem juntos com cada parte do meu corpo, aliás, sou todo corpo enquanto escrevo: presente!

Sinto meus pés-lesmas lambendo o chão enquanto lê as palavras escritas nele...

Além de andar fuçando as coisas rasteiras, eu sempre fui de andar descalço! Minha mãe diz que desde pequeno eu fazia birra para não calçar os sapatos e que eu gostava mesmo é de pôr os pés no chão, viviam “encardidos”...

Posso te fazer um convite? (já estou me sentindo íntimo seu), Talvez, você já tenha feito essa experiência, ou ela já faz parte do seu cotidiano, porém, agora, será diferente - primeiro, porque faremos juntos e isso é uma novidade, e depois, porque nunca repetiremos as mesmas sensações, as mesmas tomadas de consciência e respiraremos o mesmo ar, num instante tudo muda, somos outros, - quero nos convidar a por nossos os pés no chão, onde tudo começa... Vamos?

Sugiro que a leitura das orientações seja intercalada com a vivência, respeitando o seu ritmo e o que o seu corpo for pedindo...

Já adianto que este texto não almeja uma conclusão, então, se possível, concentre-se no seu presente, a final de contas, é o que nós temos...

Se encontrar algum caramujo pelo caminho não queira disputar com ele, mas o faça companhia...

A proposta é realizar uma consciência do e pelo movimento, a partir dos pés... Faça como quiser e/ou conseguir, se preciso adapte à sua realidade (lembre-se de que a sua ribeira pode ser outra, então deixe que o seu espaço-tempo aconteçam) se hoje, você

sente que seus apoios são os ísquios (eu não conheço só nome de bichos, mas das partes dos bichos também) inicie por ele! Ou pelas mãos, tronco, cabeça...

Em pé, sentado ou deitado, o movimento não deixa de acontecer, somos seres moventes e você narra a sua própria experiência!

Como lesmas, crianças ou rio espero que estejamos em sintonia para começar a caminhar um pouco pelo espaço que você escolheu para vivenciar esse conto ou tese (me assusto), é isso mesmo! Vivenciar essa leitura! Reconheça esse lugar, entre em contato com a sua respiração, com o seu ritmo interno, e aos poucos dirija sua atenção para como os seus pés tocam o chão ao caminhar...

Há diferença entre um pé e o outro? Qual parte dos seus pés você usa mais quando caminha? Você distribui completamente o peso sobre toda a planta dos pés, enquanto caminha?

Agora, escolha um lugar em que você se sinta confortável... Sua posição inicial é em pé... Feche os olhos e direcione a atenção para a sua respiração, em como você está respirando... O que em você se move enquanto respira? Quais partes do seu corpo se movem quando você inspira? Como seu corpo se move ao inspirar? E agora ao expirar, preste atenção em quais partes do seu corpo se movem, ou, tem a intenção de se moverem? Repita esse processo

algumas vezes, e se possível, acolha com cuidado, o que dele emergir, tais como sensações, emoções, pensamentos, lembranças, ou qualquer outra linguagem que seu corpo expressar...

Volte a sua atenção para os seus pés...

Como os seus pés se “relacionam” com o chão? Cedem, empurram, acolhem, se esquivam, repousam? Quais ações os seus pés realizam nesse contato com o chão? Como as plantas dos seus pés tocam o chão? Seus pés estão apoiados completamente ou não? Quais partes dos seus pés tocam o chão? Quais partes dos seus pés não tocam o chão? Existe alguma diferença entre o pé esquerdo e direito? Como é essa diferença? Um pé se apoia mais do que o outro? Em que parte do seu pé você sente mais o peso do seu corpo? É igual ou diferente essa distribuição nos seus pés? Repita esse processo quantas vezes achar necessário...

Volte a caminhar no espaço em que você está e perceba agora se há alguma diferença em como você sente seus pés ao “lamberem o chão”... Como você se sente agora? Já deixou a marca dos seus pés no chão?

Será que temos deixado as nossas marcas pelos caminhos que percorremos? Ou passamos tão apressados, sem qualidade de presença que se quer deixamos um rastro (como o da moradora do caracol)?

Ouvi de uma grande mestra, a professora dra. Sônia

Machado de Azevedo¹⁷ (se parece com uma gaivota em dias de verão), em uma de nossas aulas, que “tudo começa pelos pés”... Nesse mesmo sentido, tomando os pés como uma metáfora em que é preciso dar um passo para que se inicie um movimento, tudo começa pelo corpo...

É assim que quero continuar me arriscando, rio, numa escrita-viva que me aproxime das sensações e da poesia presentes em meu cotidiano, talvez, assim eu também consiga convidar as outras crianças a se achegarem em suas ribeiras e permitindo-se ao novo espaço-tempo que ela propõe, poderão renovar os sentidos das suas existências, gerando com elas, novas teatralidades e danças possíveis...

Eu sigo contando e inventando as nossas histórias na tentativa de borrar as fronteiras entre o pensar e o sentir, o real e o imaginário, o mental e o somático, o eu e o mundo...

Enfim, como foi caminhar com (e como) uma criança? (quero dizer a sua)...

¹⁷ Sônia Machado de Azevedo é escritora, atriz e pesquisadora brasileira. Graduiu-se em Teatro pela Universidade de São Paulo, em 1972. Em seguida, fez o mestrado e o doutorado em Artes, também pela USP. Estudou Dança Moderna na Escola Arte do Movimento, em 1979. É docente na Escola Superior de Artes Célia Helena em São Paulo/SP.



Se “tudo começa pelos pés”, será que os meios e os fins também?!

Caminho.

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam
como sou - eu não aceito.

Manoel de Barros

... Cena única: O Menino e rio...

(Luz tênue. Som de água corrente. No palco, um menino senta-se à beira do rio. O rio se manifesta por meio de uma voz etérea e ondulante, que ressoa pelo espaço.)

MENINO (tocando a água) – Você sempre corre, sempre muda. E agora, para onde vai, Rio?

RIO (voz serena) – Para onde a terra me chama, para onde o vento me sopra, quem sabe chegarei ao (a)mar. E tu, menino, para onde vais?

MENINO – Não sei... mas gosto de estar aqui. O senhor me ensina muitas coisas, sabia? Mesmo dizendo que não tem certeza de nenhuma delas, me ensina. Me ensina a desconfiar também (risos)...

RIO (riso leve) – E o que aprendeu, pequeno ribeirinho?

MENINO – Que tudo se move. Que às vezes é preciso desviar para seguir em frente. Que ninguém aprende sozinho... (pausa) Eu queria ser um pouco como o senhor. (cabisbaixo)...

RIO – E já não és? Não sentes em teu corpo a dança do vento? O calor do sol? A melodia das águas? Somos feitos do mesmo fluxo. Somos parte do mesmo diálogo.

MENINO – Então eu posso ser um corpo-rio?

RIO – Sim. És um corpo que aprende com os encontros. Com os olhos, com os lábios, com as mãos, com a alma. Tu és cena, menino! És fluxo, és mudança, és parte da grande dança do mundo.

MENINO (sorri, mergulhando as mãos na água) – Então eu aprendo-enceno com as suas águas, também?

RIO – Aprendes com tudo. Com as árvores que dançam ao vento, com os pássaros que desenharam o céu, com as pedras que sussurram histórias antigas. Aprender é ouvir as vozes do mundo e no meio delas encontrar a sua...

MENINO – E essas vozes... elas falam de quê?

RIO – Do que somos feitos. Daquilo que aprendemos. As árvores te contam sobre o tempo, os pássaros sobre o voo, as

correntezas sobre o movimento. Viver participar estar em diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar...

MENINO – Já sei! Como o teatro?! Um grande encontro de vozes? Um espetáculo de sons, cores, texturas, sabores e amores?!

RIO – Exatamente. As pedagogias cênicas não são apenas sobre aprender a atuar, mas sobre entender o mundo como cena viva. Tudo o que vemos, tocamos, sentimos, tudo o que nos atravessa e nos transforma faz parte dessa grande dramaturgia. A vida e o palco não estão separados, mas entrelaçados em um fluxo contínuo.

MENINO – E esse fluxo... também envolve você?

RIO – Claro! Todos nós, pessoas humanas ou não humanas participamos da tessitura do conhecimento. Há pedagogia no vento que esculpe as montanhas, na chuva que alimenta as raízes, nas ondas que desenharam a areia...

MENINO – Tanta gente ainda pensa que só se aprende lendo e escrevendo? Por que elas não aprenderam a ouvir os rios,

sentir o vento, observar os pássaros? Acompanhar as formigas até suas casas engenhosas?

RIO – Sabe, Menino, por muito tempo, a gente acreditou numa história errada. Disseram que os humanos vivem separados da Terra, como se fossem de outro mundo, como se estivessem soltos no ar, longe do chão. Mas isso é só um sonho mal contado. A verdade é que somos feitos da mesma poeira das estrelas, do mesmo sopro do vento, da mesma água que corre em mim. O universo canta em cada um de nós. **Precisamos sempre nos** lembrar de onde viemos e ao lugar onde pertencemos.

MENINO (reflexivo) – Então encenar pode ser como estudar a vida? Como aprender a escutar e se sentir em casa?

RIO – Sim. E mais do que isso: é recuperar a aliança perdida. É encontrar novas maneiras de ser um pedagogo da cena, de compreender que ensinar e aprender são um único movimento, tramado entre arte e conhecimento, entre seres humanos e mais que humanos.

MENINO (se levanta, contemplando o rio) – Então eu não sou só um menino. Eu sou muitas e muitas personagens em cena. Eu sou esse fluxo. Eu sou um corpo-rio...

RIO – E se és um corpo-rio, és movimento. Aprenderás sempre, na correnteza da vida. Acolha os saberes que ecoam deste lugar onde habitas. E segue teu curso, menino. Segue teu fluxo. Não desista de encontrar seus nomes, o seu (a)mar.

(O MENINO caminha lentamente, sentindo a água escorrer entre os dedos. O som do rio aumenta, envolvendo o espaço. Aos poucos, a cena se dissolve, como a correnteza que nunca para).

Luzes se apagam.

Ontem choveu no futuro. Águas
molharam meus pejos Meus
apetrechos de dormir Meu
vasilhame de comer.
Vogo no alto da enchente à
imagem de uma rolha.
Minha canoa é leve como um selo.
Estas águas não têm lado de lá.
Daqui só enxergo a fronteira do céu.

Manoel de Barros

... Uma Carta Enchente...

Eu sou o rio, neste momento já somos conhecidos. Há tempos escorro pela terra, serpenteando entre vales e planícies, alimentando raízes, saciando a sede dos que se debruçam sobre as minhas margens. Sou ventre de peixes, espelho do céu, caminho de vidas que deslizam sobre mim em barcos e sonhos. Sou correnteza e calmaria. Sou tempo fluído e espaço espiralado.

Certo dia, uma criança pediu ao meu menino que me perguntasse: por que transbordo? Por que arrasto pontes, árvores e casas, por que levo em minhas águas os amores das pessoas, por que destruo e afogo os sonhos? E por que, às vezes, seco, racho a terra, mato de sede aqueles que antes beberam de mim?

Eu transbordo porque não me deixam respirar. Cimentaram minhas margens, desviaram meus cursos, cobriram meus afluentes com asfalto e concreto. Cortaram as árvores que me protegiam do excesso, sufocaram os caminhos por onde minhas águas escoavam em harmonia. Quando a tempestade chega, não há mais por onde eu me espalhar, então arrebento os limites que me impuseram. Não por fúria, mas porque me negaram espaço, porque esqueceram o meu nome, virei coisa.

Eu seco porque me esgotam. Sugam minhas águas até o último fio, poluem meu leito, envenenam minha corrente. Desviam-me para alimentar máquinas, irrigar desertos inventados, lavar

excessos. Quando a seca chega, e vocês me buscam, encontram apenas terra dura e silêncio. Não porque os rejeito, mas porque me fizeram desaparecer.

Eu não sou castigo nem salvação. Sou vida e respiro como todos vocês.

Se transbordo, é porque fui impedido de seguir meu curso natural. Se seco, é porque me tomaram mais do que eu podia dar. Se levo embora, é porque antes me tiraram tudo.

Ainda há tempo. Me deixem fluir, flua comigo. Cuidem das árvores que me (nos) guardam, respeitem minhas (nossas) curvas, devolvam-me (nos) os caminhos que me (nos) pertencem. Eu só quero ser rio e rir com você, criança.

E, sendo rio, posso te convidar a ser um corpo-rio.

Com a força e a ternura das águas,

O Rio

referências e confluências...

ALMEIDA, Marcus Vinicius Machado de. *Corpo e arte em Terapia Ocupacional*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004.

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. 6.ed. Campinas: Papirus, 2000.

ALVIM, Monica Botelho. A Gestalt-Terapia na Fronteira: Alteridade e Reconhecimento como Cuidado. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v.19, n.spe, p. 880-895, dez. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000400003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 01 dez. 2025.

ALVIM, Mônica Botelho. *A poética da experiência: Gestalt-terapia, fenomenologia e arte*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

AMORIM, Marília. O professor, seu Outro e seu corpo – fragmentos de uma experiência no ensino universitário. In. Brait, Beth; Gonçalves, Jean Carlos. *Bakhtin e as artes do corpo*. São Paulo: Hucitec, 2021.

AZEVEDO, Sônia Machado de. *O Papel do corpo no corpo do ator*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BAGETTI ZEIFERT, A. P., & AGNOLETTI, V. (2019). O Pensamento Descolonial e a Teoria Crítica dos Direitos Humanos: Saberes e Dignidade nas Sociedades Latino-Americanas. *Revista Húmus*, 9(26).
<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/12077>. Acesso em 01 de janeiro de 2025.

BAKHTIN, Mikhail. A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o Contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo-Brasília: Hucitec, 2008.

_____. Estética da Criação Verbal. Trad. (do Francês) Maria Ermantina Galvão. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. Estética da Criação Verbal. Trad. (do Russo) Paulo Bezerra. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. Estética da Criação Verbal. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Notas sobre a literatura, cultura e ciências humanas. Trad. (do Russo) Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. Os gêneros do discurso. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. Para uma filosofia do ato responsável. Trad. (do Russo) Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

_____. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. Trad. (do Russo) Aurora Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Nazário e Homero Freitas de Andrade. 6ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARROS, Manoel de. Concerto a Céu Aberto para Solos de Aves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. Exercícios de ser criança. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

_____. Livro das Ignorâncias. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

_____. Matéria de poesia. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

_____. Memórias inventadas. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

_____. Menino do mato. In: Poesia Completa. São Paulo: LeYa, 2013.

_____. Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2011.

_____. Meu quintal é maior do que o mundo: Manoel de Barros. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

SANTOS, Bispo dos. A. Colonização, Quilombos: modos e significação. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa - INCTI, 2015.

BRAIT, Beth. A personagem. 9ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2017.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. BAKHTIN: Outros Conceitos-Chave. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação.

In: BRAIT, Beth. BAKHTIN: Conceitos-Chave. São Paulo: Contexto, 2014.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. Alfa, São Paulo, 56 (2): 371-401, 2012.

BRAIT, Beth. Texto ou discurso? São Paulo: Contexto, 2012.

CIORNAI, Selma. Arteterapia gestáltica. In: CIORNAI, Selma (Org.). Percursos em Arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.

Dicionário online de português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/manuscrito/>>. Acesso em: 01 de março de 2025.

DIÉGUEZ, Ileana. (2014). Um teatro sem teatro: a teatralidade como campo expandido. Sala Preta, 14 (1), São Paulo, 2014, 125-129. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/81758>. Acesso em 02 jan 2025.

DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHA, Jovita (Org.) Ensaios sobre a autoficção. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Fundamentos estéticos da educação. 3ª ed. Campinas: Papirus, 1994.

FARACO, C. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In. FARACO, C. Et aali. Diálogos com Bakhtin. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

FERNANDES, Ciane. O corpo em movimento: o Sistema laban/bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas. São Paulo: Annablume, 2002.

FONSECA, António M. Promoção do desenvolvimento psicológico no envelhecimento. Contextos Clínicos, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 124-131, dez. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822010000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 01 dez. 2024.

FRAZÃO, L. M. Compreensão clínica em Gestalt-Terapia: pensamento diagnóstico processual e ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais. In: Frazão, L. M. & Fukumitsu, K. O (Org.), A clínica, a relação terapêutica e o manejo em Gestalt-terapia (pp.83-102). São Paulo: Summus, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 12e. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.

GIL, José. Movimento Total. São Paulo: Iluminuras, 2013.

GODOY LENZ, R.; RAMALLO, F.; RIBEIRO, T. Investigaciones-vidas en educación: Escuchar, conversar, constelar. La Serena: Editorial ULS, 2022.

GONÇALVES, Jean Carlos. Circo Negro: o discurso teatral em perspectiva dialógica. In: BRAIT, B; MAGALHAES, A. S. (org.). Dialogismo: teoria e(em) prática. São Paulo: Terracota Editora, 2014, p. 267-279.

GONÇALVES, Jean Carlos. Das relações [amorosas e sedutoras] entre Educação, Linguagem e Teatro: reflexões bakhtinianas. In: HAGMEYER, Regina Cely, GABARDO, Cleusa Valério, Sá,

Ricardo A. (org.) Diálogos epistemológicos e culturais. Curitiba: W&A Editores, 2016.

GONÇALVES, Jean Carlos. Discurso teatral, corpo e educação estética: um passeio de bike autoficcionalizado . Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 18, n. 3, p. 598-610, set./dez. 2022. Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/13880>. Acesso em 24 mar. 2024.

GONÇALVES, Jean Carlos; Gonçalves, Michelle Bocchi. Teatralidade e Performance na pesquisa em Educação: do corpo e da escrita em perspectiva discursiva. Educar em Revista da Universidade Federal do Paraná, v. 34, n. 67, p. 139-155, jan./fev. 2018. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/56081> . Acesso em 01 de março de 2025.

GONÇALVES, Jean Carlos. O que (não) é autoficção?: corpos que escrevem na pesquisa em educação, linguagem e teatralidades. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 4, n. 53, p. 1–15, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/25906>. Acesso em 01 de março de 2025.

GONÇALVES, Jean Carlos. Teatro e universidade: Cena. Pedagogia. [Dialogismo] São Paulo: Hucitec, 2019.

GREINER, Christine. O Corpo: pistas para estudos indisciplinados. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2005.

GUEDES, Adrianne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo:

Companhia das Letras, 2019.

_____. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. Futuro Ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. Um rio um pássaro. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2023.

JUNIOR, R. S. “A Dança Possível: Uma Narrativa Autobiográfica nos encontros entre dança, educação somática e Gestalt-terapia.”. In: Mendonça, B.I.O.; Brito, M.A.Q (orgs.). EDUFBA: Salvador , 2019:

LABAN, Rudolf. Choreutics. London W.C.: Macdonald and Evans, 1966.

_____. O domínio do movimento. 4. ed. Tradução Ana M. B. De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

_____. Dança educativa moderna. São Paulo: Ícone, 1990.

LEJEUNE, Philippe. “Um diário todo seu”. In: LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. Organização Jovita Maria G. Noronha. Tradução Jovita Maria G. Noronha, Maria Inês C. Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014: 297-309.

MACHADO, Irene. Inacabamento como modelo artístico de

undo. Bakhtiniana, São Paulo. v. 1, n 3, p. 82-98. 1º sem. 2010.
MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção.
Tradução de C. Moura. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. O olho e o Espírito. São Paulo: Cosac & Naify,
2004.

_____. O visível e o invisível. Tradução de A. Gianotti, &
A. Mora. São Paulo: Perspectiva, 2005.

NETO, João Cabral de Melo. O rio. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2012

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Ensaio sobre a autoficção.
Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo
Horizonte: UFMG, 2014.

PEDROSO, Júni C. A percepção do corpo cênico em Klauss
Vianna e Merleau Ponty. Anais: IV Reunião Científica de Pesquisa
e Pós-Graduação em Artes Cênicas. UFMG,
2007.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. O clipe do contato: temas básicos na
abordagem gestáltica. 7ª ed. São Paulo: Summus, 2017.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Prefácio. In: ALVIM, Mônica Botelho.
A poética da experiência: Gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio
de Janeiro: Garamond, 2014.

ROSA, João Guimarães. Primeiras estórias. 49 ed. Rio de Janeiro:
Nova Fronteira, 2001.

RUFINO, Luiz. Ponta-Cabeça: Educação, Jogo de Corpo e Outras
Mandingas. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado: processo de criação artística. São Paulo: Intermeios, 2011

SCORSOLINI-COMIN, Fábio; SANTOS, Manuel Antônio dos. Bakhtin e os processos de desenvolvimento humano: um diálogo de, no mínimo, duas vozes. Rev. Bras. Cresc. e Desenv. Hum. 2010; 20(3) 745-756. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822010000300009. Acesso em: 10 de julho de 2024.

SOBRAL, Adail; BOHN, Hilário. (org.). Dialogismo: bordas, fronteiras, imprecisões, sentidos. Textos do II Diálogos Transdisciplinares. Pelotas: EDUCAT, 2016.

VIANNA, Klauss. A dança - em colaboração com Marco Antonio de Carvalho. - 3. ed. - São Paulo: Summus, 2005.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). A palavra na vida e a palavra na poesia: Ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

_____. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____. Marxismo e filosofia da língua: Problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZIROLDO, Pedro José de Freitas. Rascunhos em meu corpo. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena). Escola Superior de Artes Célia Helena. São Paulo, 2019.

ecos de rios que confluem ou cartas-pareceres

Carta para Pedro.

27 de março de 2025. Quinta-feira, outono, lua minguante, momento de desacelerar, reconsiderar, menos pensar, mais sentir...

Pedro, seu corpo me convidou para esse encontro. Sabe que no início fiquei confusa, não tinha onde me agarrar, não tinha beira, não tinha chão.

De tantos descaminhos, o único caminho que me destes foi entrar no seu rio e seguir com ele.

Confesso sem pudor, que a resistência foi minha companheira, durante todos esses dias que seu corpo me convidou, ou me invadiu o corpo e alma, me levando não na superfície, mas para o mais profundo das águas do teu rio.

Não tive escolha. E resignada me deixei levar, não sem antes você abrir caminhos por entre metáforas, sonoridades, canções antigas, sussurros, palavras inventadas e silêncios gritantes.

Não sei ao certo o que aconteceu comigo até aqui, desde que passei também a habitar o teu rio. Tenho muitas perguntas, e também a necessidade de não respondê-las, e eu que sempre tive um cronograma de vida, algumas tabelas, gráficos, saldos, por ora você

me destituiu de tudo isso.

Não fiquei à deriva. Aceitei o chamado do teu rio. Me deixei perder, me tomar de água, e ela, a água, não pede licença, não avisa, não é de recados. Ela invade e fim.

No teu rio a educação é encontro. Que ocorre entre, na beira.

É escolha dramatúrgica. É se perguntar, como você corpo, aprende?

Como falar de cena se não vivê-la, em cada poro, suor, sangue, vísceras, osso...

Você me disse que ser beira é andar no contorno, nem de um lado nem do outro, é isso mesmo?

Tenho pensado... **ficará na margem?**

As teorias são concretudes terrenas? Ao não se filiar e não se devotar a nenhuma escola ou mundo, é possível de fato se dar a conhecer os sujeitos e suas revelações e circunstâncias? Ao caminhar só na beira é possível se aprofundar nas águas do que são as teorizações humanas?

Onde está o seu mergulho? Por que ainda não se jogou nas águas do teu rio?

Você diz que canta e voa? É isso mesmo, Pedro?

Navegar é ter um barco, que te protege a pele das águas do rio? É isso, Pedro?

Aprofundar, afundar e se afogar nas águas desse rio chamado

conhecimento, seria se deixar também conhecer? Ser levado pela água, e de certo modo se desintegrar, para depois, se integrar a uma escola uma teoria?

As tuas perguntas, fizeram perguntas em mim.

No seu início nesse rio, não deixaram claro a mim, quem é?
O Pedro introdutório que anda só na beira.

A tua insegurança, gerou insegurança em mim.

Mas, nesse encontro, fui forjada a me fazer autoria.

Em tudo me fez confusa, não perdida, pois como você, tentei responder: o que é uma partitura musical? Ela é uma estrutura? Como se autoficcionar sem uma estrutura?

Na escrita não utilizamos uma ordenação lógica de ideias? Ao expressar um pensamento, nos destituímos do modo dedutível? A escrita não nos permite também conhecer as partes, para expressar em um todo?

Você é rio. Rio só margeia? Rio afunda?

Você (eu), ficou confusa a sua afirmação entre ser rio, a vida que acontece no entre, na beira, e no encontro entre uma coisa e outra.

A proposição do encontro.

Pedro, se demore em falar do atravessamento entre arte e vida e o cotidiano como cênico. Conto-tese ou/e diário-tese.

Nessa nossa conversa, fico aqui pensando no que você me contou sobre, a inventividade, a criatividade no movimento de

resistência da escrita como corpo, na arte e na educação. A gente pode inventar? Mesmo fora desse espaço seguro que inventamos como grupo de pesquisa?

Sabe Pedro, tenho inventado aqui fora desse nosso lugar, te digo, não tem sido fácil...

Sentir o rio e ser rio é uma tarefa de constância na vida e na arte.

Você me mostrou que “nenhum rio cabe dentro de um aquário”.

Mas te pergunto, não tenho resposta, hoje nesse exato momento que leio pra ti, nós estamos em um aquário, ou não?

Respiro um pouco melhor agora, enquanto você me fala que, autoficção é “um modo de pesquisar e ensinar que se constrói na travessia, no encontro, na vivência, como acontecimento.”

Seu corpo-rio foi um acontecimento em mim. Impossível, é impossível Pedro, não se deixar levar, se inundar e desaguar, em perguntas sem fim e tatear totalmente cega, não respostas, mas vida!

Você me provocou ser personagem e autora do teu rio.

Você me conteve. E me mostrou que não se apressa um rio, ele escorre livre no momento exato do seu curso.

Pedro, “esse jeito (só teu) de chamar o outro pelo nome e dar-lhe a atenção devida, de estar disponível ao encontro”, me conduziu pro teu rio, e acho cá comigo, que quero fazer morada.

Andei até aqui por entre calçadas, concretos e paredes, depois
de andar com você e de ser um pouco do teu rio, me vi no entre raiz,
troncos, água, pedras, terra, voos...

“... amo as suas águas.”

Do meu corpo-rio, para o seu corpo-rio.

Adriana Telles.

Ao Pedro, Ao Jean... com carinho!

Olá, boa tarde, nessa tarde linda, de momento de partilha...

Início registrando que me senti tocada com tua tese e tive durante a leitura uma experiência estética.

Que **Pesquisa-Vida** linda, cheia de energia, vitalidade como deve ser uma tese. Ah todos, tivessem em seu processo de tornar-se pesquisadores, o cuidado de realizar algo que os mobilize de maneira tão singular, tão afetuosa, tão significativa. Você, com seu orientador, fez esse percurso. Lindo e encantador.

Acredito que toda pesquisa, ainda mais numa tese, precisa trazer o que mobiliza a **vida do investigador**. Aqui neste caso, você faz com energia essa simbiose, que chega a chamar sua tese **de Pesquisa-Vida**. Quero ater-me nessa breve conversa, a alguns aspectos que me chamaram a atenção no seu texto. De início, esse conceito (pesquisa-vida) já me desloca para a centralidade do que iria encontrar nas páginas seguintes.

Sigo, confiante no encontro, no rio que me levaria, ou ainda, no rio que me tornaria contigo. No entanto, também atenta ao rio-Jean-autores que dialogam com você e te provocaram em meio ao percurso. O rio lhe diz:

“—E quem disse que o fim é mais importante que o caminho?”

Eu sou feito dos desvios que criei. A educação e a pesquisa também podem ser assim, menino. Você pode seguir um mapa pronto ou pode escavar o seu próprio leito.” (p. 63) – assim eu fui, me deleitando no percurso, mais do que preocupada com o final do seu texto. Isso foi bom, pois mobilizou-me a perceber-me no percurso da leitura. **A arte faz isso com a agente.**

Assim, você nos aponta para a pesquisa em educação, lugar no qual as subjetividades vêm, ou deveriam vir, de maneiras singulares à tona, para que as particularidades ganhassem espaços e **a vida fosse o bem mais precioso.** Lindo seu **percurso de abrir-se em coerência com seu aporte teórico, num ato criativo de fazer pesquisa e arte.**

Nesta relação, você me provou com o conceito **de criação na docência e na tese**, outro aspecto que destaco na minha leitura. Suas palavras: *“São afetadas, mutuamente, enquanto se realizam, ou seja, no/o ato da criação cria-se: o autor e a obra”.* (p. 56). Aqui você nos posiciona como compreende a docência, a arte, e a pesquisa, como ato criador. Você vai ao conceito de criação e dá a ele um amplo lugar nos colocando como protagonista de todo o processo. Não o protagonista do processo de aprendizagem, como a linguagem neoliberal usa e disfarça e desvia o caráter político da ação humana, aqui você traz justamente a centralidade para a **ação, o ato criativo como lugar de agir no mundo** e neste sentido, dialogicamente em

si na relação com o outro e o contexto. Esta atitude é importante para a educação, **para pensar o professor criador**. Comumente para a docência é dada a ideia de que repetimos ou transpomos conceitos e conteúdos e não criamos, e você desloca **para a nossa responsabilidade de criadores na e da docência**.

Também no percurso você nos provoca a pensar a finalidade de seu texto **entre a relação da vida, uma nova realidade com a tese e a ficção**. Terceiro aspecto importante aqui. Muito bom... Nas suas palavras: *“A finalidade deste texto não é transcrever relatos, de outro modo, criarei, entre os cruzamentos de vozes que povoam o acontecimento aqui “co-vivido”, uma nova realidade (baseada nas utopias e distopias recentes e atuais), pois, o real, só pode ser acessado pelo caminho da ficção, aqui, autoficção”* (p. 54).

Diante dessas provocações você nos faz pensar sobre outro conceito importante em sua pesquisa: **Pesquisador-artista-educador-personagem**. Veja, aqui para além do fazer artístico, do fazer pedagógico e do fazer pesquisador, você se coloca como a personagem, como se constitui nesse percurso ao pensar-se na alteridade, com esse emaranhado que foi a pesquisa e constituir-se nessa relação. Complexo isso não? Os múltiplos para constituir os novos textos *“que transformarão em possíveis obras estéticas e atos éticos: As vivências, lembranças, discussões, emoções, manifestos, denúncias, epistemologias, métodos e projeções escritas-vividas por*

um pesquisador-educador-artista”. Ufa, sem fôlego!

De tal modo, de uma **perspectiva exotópica**, num exercício hercúleo na alteridade você se expõe hora como pesquisador, ora como pesquisador-artista, ora como menino, ora como rio... simplesmente você... você que nas relações com os outros, seu orientador, seu aporte teórico, seus colaboradores que te possibilitaram um percurso de acabamento complexo que é esse texto. Texto que humilde assume que o percurso não termina, que o rio continua, que o rio é... em curvas, em desvios, devaneios, imagens e desabafos, que o rio é... e toma. Que educação é um campo maior que sua pesquisa, mas que ela se faz rio com outras, para contribuir com essa área tão complexa.

Seu texto traz a “verdade” de um educador, com suas fragilidades e doçuras, mas com suas amarguras e forças numa escrita que *“está intimamente ligada ao cotidiano, como uma tentativa de dar sentido às experiências, pensamentos, sensações, imagens, devaneios, pedidos e desabafos de algum momento presente”*. Nos vemos em você, vimos muitos **professores em você, vimos a educação em você**. Esse já é o quinto aspecto em minha breve fala. Obrigada. Nessa relação me encontro e encontro muitos, assim é a alteridade, na diferença fui me lendo, fui relembrando meus morros, minhas enxurradas, minhas enchentes, meu rio Itajaí- Açu em Blumenau.

Um sexto aspecto que quero trazer nessa breve fala é sobre **seu método**, seu risco, sua escolha. Você assume um percurso, sem álibi, sabe e se arrisca. E vejo o quanto ficou bonito da qualificação para cá o percurso vivido. Segundo você **corpo-rio**:

“—E quem disse que o fim é mais importante que o caminho? Eu sou feito dos desvios que criei. A educação e a pesquisa também podem ser assim, menino. Você pode seguir um mapa pronto ou pode escavar o seu próprio leito.” (p. 63)

E você, nos convida a desenhar um novo mapa assumindo os desvios, a escavação do percurso, e subverte oferecendo uma *“pesquisa-escrita que acontece no ato de **pesquisar-escrever**”* (p. 75). Muito coerente o processo. Sugiro que você e seu orientador escrevam sobre o método, pois já vi outros trabalhos de Jean com a autoficção e penso que o grupo de vocês pode contribuir muito com a área.

Por fim, quero enfatizar que seu **trabalho é uma tese** e apresenta tudo o que uma tese precisa para ser uma tese.

Seu trabalho **tem rigor teórico e metodológico**, que precisa ser divulgado para que outras pessoas conheçam. Seu trabalho **tensiona relações muito importantes entre educação, arte, corpo, educação estética** que precisam ser discutidos nos PPGs de Educação.

Seu trabalho é relevante para você, pois tem vida. É relevante

para outros pesquisadores, pois traz aspectos importantes para e sobre a pesquisa em educação. É relevante para pensar processos formativos de professores, políticas na formação docente, educação estética na e da docência, criação na docência, metodologias de pensar a pesquisas de abordagens qualitativas em educação e arte, entre outros tantos temas.

Ainda, registro que você é um **corpo-rio** e nos convida ser com você...

que possamos sim aprender com os encontros como foi esse hoje...

“aprende com os encontros.

Com os olhos, com os lábios, com as mãos, com a alma. Tu és cena,

menino! És fluxo, és mudança, és parte da grande dança do mundo.

A vida e o palco não estão separados, mas entrelaçados em um fluxo

Contínuo”.

Você escreve isso! Isso é seu.

Aos dois... muito obrigada, obrigada pela confiança, pela parceria, por ter visto este trabalho em processo, pois nem sempre vimos o trabalho no percurso. Li na qualificação, li e vi agora... isso é muito importante e faz toda a diferença, pois pude ver seu percurso,

ver como você elaborou seus argumentos e sua pesquisa, pude acompanhar como você se constituiu um **Doutor em Educação**. Fico feliz em ler algo que me amplia, obrigada!

Obrigada, Parabéns.

Beijo grande, Carla Carvalho

Depois de uma leitura feliz, de um percurso estético.

PEDRO PEDRA RIO PEIXE MAR

Sabe Pedro, tenho achado os fluxos da vida muito acelerados. Paro em cada esquina para um respiro, forço o olhar na direção de pedras e caramujos... entre respirações curtas e esse tempo que escorre. As vezes vejo apenas os rastros de um e outro, pedra e caramujo. De novo me forço para parar e respirar um pouco mais fundo e calma, olhar um pouco mais fundo e calmo, andar um pouco mais calmo. Habitar o tempo, o espaço, em movimento. Você nos convida: “*E então, criança-leitora, quer navegar?*”. Eu quero Pedro! Eu quero muito! Vamos?! Eu vou! Eu fui! Navegando juntos.

Sua tese rio é tão importante e bonita Pedro (posso repetir e repetir seu nome? Parece que quando falo/escrevo Pedro, vem junto rio, pedra, caramujo... nome que carrega tanto... talvez você tenha mesmo feito a proeza de, como os bebês saruês que você menciona, se agarrado firme em riopedrapeixe e agora é assim. Pedro nunca vem sozinho. Agarrado nos pelos (você nos disse né? “*Me correm sangues saruês, por isso me agarro em unhas pelos amores e aos seus pelos*”).

Então talvez seja mesmo disso que se trate essa tesimal... uma história de amor de menino, rio, gente, educação, psicologia, teatro, arte, somática, corpo, movimento, cena. Fronteiras borradas, sua tese afirma o amor que te liga à vida, a busca da construção de um modo

de pôr em diálogo, a partir dos encontros que vai tecendo ao longo desse percurso do doutorado (e antes dele, e depois certamente também), esses campos pelos quais transita. Convocando as gentes a pensar uma ciência prenhe de vitalidade, interessada nas miudezas, nas cotidianidades, na poética, nos modos de dizer e fazer pesquisa em que haja gente dentro.

Eu chovi – posso inventar esse verbo? Posso chover? – lendo sua teserio. Eu chovi de beleza. (beleza faz chover por dentro né? Chuva fresca a que chovi...). Porque estamos precisados dessa beleza menino. Beleza, encontros, afetos. Precisamos poder colar barrigas, deitar-se em colos e ouvir histórias de medos de chuvas... dançar juntos e brincar de pique tá. Fazer poesia e desenhos com aquarela... Precisamos Pedro. Vitalmente.

Os rios, os mares, a terra, as gentes ... não andamos bem, você sabe. Tenho me debruçado sobre o tema da saúde (que muitos intitulam de mental mas que não consigo adjetivar desse modo, afinal, saúde mental é diferente de ... saúde corporal? Quais fronteiras... mas isso é outro assunto, que também conflui com sua tese... mas depois podemos desdobrar). Leio e separo semanalmente, sem muita disciplina, mas com atenção, o que encontro nas mídias sociais sobre o tema que tem estado bastante presente. Índices importantes de casos de depressão e similares... Nas últimas semanas a minissérie Adolescência tem causado um reboiço nas redes sociais.

Solidão, violência, pouca escuta, e tanto o mais... Todas essas situações que nos indicam a situação de adoecimento social que vivemos...

Então Pedro, hoje que é dia dessa navegação final – ainda que sem fim e provisória – quero te dizer como você é importante e necessário. E te dizendo isso, dizer também para quem está com você nesse rio, com as calças dobradas para molhar os pés (seu orientador!) que é preciso coragem para fazer esse tipo de ciência que você (s) estão fazendo. Uma tese sem extenuantes revisões bibliográficas, sem as separações cartesianas tão afetas as lógicas que quantificam e metrificam as pesquisas (boa parte delas). Escolher fazer uma tese rio, uma tese vida, nesse processo cartográfico de pensar o mundo, a vida, as confluências... tão bonito e necessário. Nossa, sou muito feliz e grata de estar nesse espaço, nesse momento, de fazer parte.

Então Pedro, eu quero navegar sim!, Sabendo que a gente vai sendo outro e outra a cada momento desse percurso, como você nos diz...

Não sinto ser o mesmo menino, o mesmo barco, o mesmo pescador, o mesmo peixe e a mesma pescaria, e o ribeirão claro também não é o mesmo. Então seria voltar ou seguir? Navegar.

E está lá – ou aqui- tudo o que uma pesquisa rigorosa precisa ter, você entrega, para usar o termo badaladinho (que vintage essa

palavra! Trouxe ela para passear em 2025): Você explicita o jogo que propõe:

*Nesta história, quem será o protagonista? O corpo ou o rio?
O encontro: A ribeira.*

Você nomeia o modo como a pesquisa se configura metodologicamente e o conceito de ciência que a anima:

Portanto, se os métodos tradicionais buscam a objetividade fria, a autoficção reivindica a poética do encontro. A escrita se torna cena: há personagens, há voz, há drama. A teatralidade não é artifício, mas ferramenta epistemológica, capaz de dar corpo às contradições e aos afetos que atravessam o processo investigativo. 79 O pesquisador, então, não é apenas um analista distante, mas um corpo em cena, que se permite errar, tropeçar, rir e se emocionar com os próprios achados. A escrita acadêmica, tantas vezes árida, encontra na autoficção um espaço para pulsar, para dançar, para desobedecer aos formatos engessados que lhe foram impostos. Tal escrita de si (e em si), não se trata de uma ação isolada ou ensimesmada, pelo contrário, trata-se de um gesto político de visibilidade e legitimação de experiências, que por muitas vezes foram silenciadas e/ou marginalizadas no campo acadêmico.

Suas escolhas estéticas, amalgamam conteúdo e forma. Você defende teoriamente uma ciência lenta, o tempo do caracol. Seu texto então abre respiros. Páginas em branco e aquarelas nos levam

a um transito outro pela leitura. Os respiros entre as partes, com folhas em branco, folhas com pontos, aquarelas. Você nos convida a habitar o tempo de agora pois entende que

O futuro rouba o melhor de nós, sequestra-nos das nossas próprias existências, empobrece as nossas habilidades criativas, tal como o nosso poder de escolha, apagando as nossas subjetividades e fazendo ruir as nossas conexões - com nós mesmos, entre os seres 300 com nomes de gente e os seus pares, e entre eles e nós, os seres com nomes de rio, montanha, bichos e ar ...

Sabe Pedro... eu estou chegando pertinho da idade das Beneditas... e no entanto, ainda que de modo diferente- sim, mudamos, tão menina. Tão moça. Achava que tinha um futuro idealizado, que algo muito grande fosse acontecer no tempo do depois... mas venho entendendo que o que acontece é mesmo o agora, os miúdos. E que tem grandeza nesses miúdos. Nesse lugar que vai se chegando sem querer e planejar. O futuro de um suposto sucesso idealizado que nos oprime e faz a gente sair do presente... precisamos mesmo estranhar. Você está certo Pedrinho pedra rio,

A ribeira é mesmo danada em transformar o cotidiano em celebração, faz renovar os antigos sentidos, faz abrir os olhos da pele abrindo-nos para as várias possibilidades de vidas... aceitamos com ela a imprevisibilidade e o espanto como chances de transformação...

E você está atento ao convite permanente para o desvio...

Rio, meu amigo, eu sei que tem razão de sentir tudo o que acabou de me rabiscar no peito... Sinto muito ter que correr o risco de me afastar da nossa ribeira, e não quero me perder nesse jeito barulhento, acelerado e mesquinho de viver as coisas, que fazem no mundo das grandezas, nem das palavras vazias que eles gostam tanto de usar porque eu:

Como é que a gente faz Pedro, Pedrinho, menino-rio? Como é que a gente faz para estar com nossos outros, outras, e conectar? E ter escuta? E fazer da docência um lugar bom de se habitar, em que caiba a delicadeza, o tempo dilatado? Em que os encontros sejam experiência sensíveis? Como é que uma tese pode continuar a reverberar isso depois que ela diz que acabou? Ela acaba Pedro? Me conta como ela continua dentro de vc, no curso dos seus muitos rios? Nas beiradas e fronteiras, nos abismos e durezas? Nas métricas, relatório, Sucupiras? Me diz Pedro, como é que a gente continua encostando a barriga no chão?

Eu sigo contando e inventando as nossas histórias na tentativa de borrar as fronteiras entre o pensar e o sentir, o real e o imaginário, o mental e o somático, o eu e o mundo...

Eu queria dançar para você. Fazer um desenho. Um filme. Uma canção. Por enquanto te devolvo em palavras o tanto de fluxo que você mexeu em mim.

*Me correm sangues saruês, por isso me agarro em unhas
pelos amores e aos seus pelos.*

Adrinne Ogêda Guedes.